

DIANA GONZAGA PEREIRA

**ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: RELAÇÕES DE ESPAÇO, MEMÓRIA E
IDENTIDADE EM *BOM DIA CAMARADAS* E *AVÓDEZANOVE E O
SEGREDO DO SOVIÉTICO*, DE ONDJAKI**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P436e
2017
Pereira, Diana Gonzaga, 1988-
Entre realidade e ficção : relações de espaço, memória e
identidade em Bom dia camaradas e AvóDezanove e o segredo
do soviético, de Ondjaki / Diana Gonzaga Pereira. – Viçosa,
MG, 2017.
viii, 134f. ; 29 cm.

Orientador: Ângelo Adriano Faria de Assis.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Referências bibliográficas: f. 129-134.

1. Literatura angolana. 2. Memória. 3. Identidade social na
literatura. 4. Espaços públicos. 5. Luanda (Angola).
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Artes e
Humanidades. Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22 ed. A869.09

DIANA GONZAGA PEREIRA

**ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: RELAÇÕES DE ESPAÇO, MEMÓRIA E
IDENTIDADE EM *BOM DIA CAMARADAS* E *AVÓDEZANOVE E O
SEGREDO DO SOVIÉTICO*, DE ONDJAKI**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 03 de abril de 2017.

Renata Flavia da Silva

Roberta Guimarães Franco Faria de Assis
(Coorientadora)

Gerson Luis Roani

Angelo Adriano Faria de Assis
(Orientador)

Aos meus pais, como uma simbólica fração de agradecimento pelo que fazem por mim. A Deus, como outra simbólica fração de agradecimento por me tê-los dado.

Portanto, só os ciclos eram eternos.

Pepetela

AGRADECIMENTOS

Nenhum caminho, sobretudo, nenhum início de caminho é fácil. Felizes aqueles que encontram mãos amigas e boa vontade ao longo de seu percurso. Eu tive esta sorte e por isso, é necessário agradecê-la. É curioso, entretanto, que apesar de lidar com palavras, elas parecem fugir, como que de propósito, na hora em que mais precisamos. Creio que o que tenho a dizer, no fundo, é um grande e sincero muito obrigada a todos que, de alguma forma, estiveram envolvidos neste trabalho.

Devo agradecer a Deus, portanto e primeiramente, porque estive sempre à frente de tudo, desde o início.

Aos meus pais, Antônio e Sônia, pelo apoio e incentivo, por acreditarem em mim quando nem eu mesma conseguia fazê-lo. Por serem, sempre, porto seguro e alento. À minha família, que me mostra, dia a dia, a força da união, desde a avó Wanda e avô Celso, o suporte maior, até Tiaguinho, o mais novo deles, por selar a essência da nossa alegria. À avó Miquita e ao avô Jesualdo que nunca mediram esforços para o meu bem.

Aos meus orientadores Angelo e Roberta, cuja generosidade, humildade e empatia transpassam o espaço acadêmico. De tudo que poderia dizer, só desejo que outras pessoas tenham a sorte de serem orientados – em todos os significados que esta palavra abrange – por mestres como eles.

Aos meus professores do programa de pós-graduação, que foram edificando cada pedra para a consolidação do meu trabalho. Em especial, ao professor Gerson, pelas aulas espetaculares.

Ao professor Adélcio, que enriqueceu os meus estudos com sua simpatia e educação peculiares.

A todos os meus professores, que vieram antes e foram a base de tudo. Uso os nomes de Joaquim Branco e Maria José Garcia para representar os demais.

À professora Francis Paulina, por não perder o entusiasmo, por continuar, por sua vontade, um trabalho que não há como ser pago.

À Adriana, por fazer sempre mais do que precisa, pelo exemplo de boa vontade, por tomar para si a árdua tarefa de facilitar a vida dos outros e, sobretudo, por conseguir.

Ao Pedro, pela atenção sem limites, pelo carinho e por ser, surpreendentemente, encantador.

Aos meus colegas de mestrado, por sonharmos juntos os mesmos sonhos. Em especial, agradeço a Katrícia, Regina, Camila, Estela e Marcelo, porque, mais do que sonhar, vivem estes sonhos comigo, conversando, trabalhando, apoiando, discordando...

Aos amigos que fiz na faculdade de Letras. Às “bonitas”, especialmente, que torcem por mim e que me envolveram num círculo de amizade que a distância não é capaz de desfazer.

Ao Felipe, por me causar incômodos necessários e estender a mão para amenizá-los.

Ao Fernando, porque é minuciosamente generoso.

Às amigas Eduarda, Clarissa e Sayonara, com quem dividi, por dois anos, a minha vida e que multiplicaram as alegrias e o aprendizado.

RESUMO

PEREIRA, Diana Gonzaga, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2017. **Entre realidade e ficção: relações de espaço, memória e identidade em *Bom dia camaradas* e *Avó Dezanove e o segredo do soviético*, de Ondjaki.** Orientador: Angelo Adriano Faria de Assis. Coorientadora: Roberta Guimarães Franco de Assis.

A presente dissertação investiga como os romances *Bom dia camaradas* e *Avó Dezanove e o segredo do soviético*, de Ondjaki, se configuram como elemento de consolidação do romance angolano pós independência. Tendo em vista o caráter memorialista destas obras, não perdemos de vista o viés da infância, que se concretiza, posteriormente, como base para a formação da identidade do novo sujeito angolano. Neste sentido, soma-se à memória e à identidade, outro elemento – o espaço – que compõe esta tríade e é peça chave para analisar a relação que se estabelece entre os três, de forma a observar em que medida a reconstrução da cidade de Luanda representa, de fato, o seu povo. Aspectos como a memória coletiva e as práticas de dominação não serão olvidados, já que são fundamentais para o entendimento do contexto em que se passam estas obras, período de guerra civil e de intensas transformações políticas e ideológicas na incipiente nação angolana.

ABSTRACT

PEREIRA, Diana Gonzaga, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2017. **Between reality and fiction: relations of space, memory and identity in *Bom dia camaradas* and *AvóDezanove e o segredo do soviético*, by Ondjaki.** Adviser: Angelo Adriano Faria de Assis. Co-adviser: Roberta Guimarães Franco de Assis.

The present dissertation investigates how the novels *Bom dia camaradas* and *AvóDezanove e o segredo do soviético*, by Ondjaki, are configured as an element of consolidation of the post independence Angolan novel. By taking into account the memorialist nature of these works, we do not lose sight of the bias of childhood, which later becomes a basis for the formation of the identity of the new Angolan individual. In this regard, it is added to memory and to identity another element - space - that composes this triad and is a key part to analyze the relationship that is established between those three, in order to observe to what extent the reconstruction of the city of Luanda represents, in fact, its people. Aspects such as collective memory and practices of domination will not be forgotten, since they are fundamental for the understanding of the context in which these works are settled, period of civil war and intense political and ideological transformations in the incipient Angolan nation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1.SER E NÃO SER NA TRÍADE IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESPAÇO	4
1.1 Breves cosiderações da ideia de identidade na História e na sociedade.....	5
1.2 A memória como ferramenta no processo de formação de identidade	20
1.3 O espaço como terreno de possibilidades e transformações	29
2.ESPAÇOS DE GUERRA E DE LITERATURA	40
2.1 Luanda: o espcao de Ondjaki	42
2.2 Momento I: Guerra de Independência: o espaço angolano tomado pela guerra.....	50
2.3 A literatura como instrumento na luta pela independência.....	51
2.4 Momento II: Os “heróis do 4 de fevereiro” ¹ e os heróis da pena.....	58
2.5 Momento III: O conflito interno da guerra civil angolana.....	65
2.6 A consolidação do romance angolano.....	70
3. ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: POSSÍVEIS IDENTIDADES E MEMÓRIAS ATRAVÉS DOS ESPAÇOS	76
3.1 <i>Bom dia camaradas</i> e <i>AvóDezanove e o segredo do soviético</i> : tempo, espaço, estrutura.....	76
3.2 <i>Bom dia camaradas</i> : o novo despertar em Luanda.....	82
3.3 <i>AvóDezanove e o segredo do soviético</i> : a realização do que poderia ter sido.....	95
3.4 Espaços e (possíveis) identidades através de memórias.....	107
3.5.Trânsito e liberdade: personagens de qualquer lugar.....	116
3.6 O verbo que suaviza a denúncia.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

¹ Verso que compõe o hino Nacional de Angola.

INTRODUÇÃO

À luz dos estudos culturais e sem perder de vista os esforços que vem sendo feitos, sobretudo, há algumas décadas, a respeito das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, o seguinte trabalho é moldado. O consenso encontrado nos estudos críticos elaborados a esse respeito, tanto nos indica o caminho a ser seguido, quanto nos abre novas portas para outras discussões.

A dificuldade, porém, em se falar dessas Literaturas, começa quando pretendemos delimitar nosso objeto de estudo, já que o continente africano é imenso e ricamente diverso, o que nos impede de ter uma ideia unificada desse espaço, ao mesmo tempo em que é preciso lidar com a ideia pré-formada de uma África enquanto país, o que limita a visão sobre essa mesma diversidade e contribui para a propagação de estereótipos sobre o território e cultura.

Igualmente, não podemos perder de vista o viés histórico que figura nessas Literaturas e que denuncia, ainda no século XXI, os danos da colonização, bem como as marcas da descolonização. O espaço, por consequência, é fragmentado, contribuindo para a já fragmentada identidade, que se torna tema recorrente nas obras africanas de expressão portuguesa. Neste sentido, e cada vez mais, a emergência da memória enquanto instrumento de resgate, de “acesso” ao passado, no intuito de conhecer as tradições que já serviram de norteamento para o sujeito colonial e, agora, busca, como qualquer sujeito contemporâneo, definir-se nesta conturbada pós-modernidade, torna-se essencial.

Sendo assim, a Literatura, neste contexto, se tornará fonte onde se pode encontrar memórias, tradições, culturas que documentarão e registrarão o processo de independência dessas ex-colônias africanas, bem como o processo que segue atrelado a ele, o de formação de uma nova identidade, pautada, *a priori*, na africanidade, isto é, na semelhança entre os nativos e na afirmação da diferença, em relação ao europeu, contra a presença portuguesa e, num segundo momento, pautada na diferença entre as diversas etnias que constituem a diversidade em território africano.

O caso específico ao qual deitamos o olhar, a partir de agora, tem como cenário Angola, país que viveu as mazelas destes processos e agora luta para reconstruir seu espaço, assim como para tentar construir, ainda que de maneira involuntária, uma nova identidade para o novo homem angolano. Luanda, nosso foco de análise também é o berço de Ondjaki, autor dos dois romances que serão nosso ponto de partida nas

investigações: *Bom dia camaradas* (2003) e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008).

Ambas as obras, sob a ótica, simultaneamente, ingênua e crítica da infância, representam o período que compreende o fim da guerra civil e o início das obras de reconstrução da capital, cenário que o autor testemunhou na sua própria infância e juventude, já que é apenas dois anos mais novo do que a independência do país, que se deu em 1975.

Podemos perceber, através da visão do menino Ndalú, como o espaço luandense, suas ruas, bairros, monumentos estão construídos, desconstruídos e serão reconstruídos. Também vemos que as relações que são travadas nesses lugares é que farão com que esses sejam lugares de memória, para lembrar o termo de Nora e para provar o que Milton Santos e Henri Lefebvre já observaram sobre as relações sociais serem as responsáveis por dar significado aos espaços.

Encontram-se, portanto, o espaço físico, real luandense e o espaço literário ondjakiano, onde, temos a chance de nos embrenhar no mundo das possibilidades, ao nos desvencilharmos do rigor científico da História, para, integralmente, acompanharmos, não o que aconteceu, de fato, mas o que poderia ter acontecido, como nos alertou Aristóteles, na sua *Poética*.

Cumpramos, para realizarmos a tarefa proposta, que comecemos por uma introdução teórica acerca dos conceitos de *identidade* – desde o Renascimento, quando o homem dá um tímido passo rumo à modernidade, passando pelo Barroco, em que podemos ver esse homem em conflito consigo mesmo, e desembocando no Iluminismo para, finalmente, se afirmar enquanto indivíduo – de *memória*, estabelecendo a definição e a aplicação de sua forma coletiva, histórica e individual – e, por fim, o conceito de *espaço* que serão observados, bem como as relações entre lugares de memória, lugares, não-lugares. Para isso, nos apoiaremos no pensamento de críticos e estudiosos como Hall, Bauman, Halbwachs, Huyssen, Nora, Augé, Santos, entre outros.

Para o segundo capítulo, relembremos a trajetória de Angola, partindo, desde a sua colonização efetiva, no século XIX, até a intensificação dos conflitos contra a presença portuguesa que resultará, em 1975, na independência do país. Neste segundo capítulo, também conheceremos o autor, bem como as suas obras, aqui propostas. Nosso ponto de apoio, neste aspecto, serão os estudos de críticos como Pires Laranjeiras, Manuel Ferreira e o trabalho de René Pelissier e Douglas Wheeler,

História de Angola (2016). Intrínseca ao movimento pró-independência, discutiremos o desenvolvimento da literatura angolana, poderoso instrumento, dizemos de antemão, nessa luta, conforme observaram Rita Chaves, Tania Macêdo, Inocência Matta, Laura Padilha, Roberta Franco, entre outras.

No terceiro capítulo, pretendemos a análise da relação triádica identidade, memória, espaço, partindo das obras *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, e a fim de entender como esses elementos se interligam numa tentativa de identificação do sujeito angolano com os seus espaços e sua memória. Também não passa despercebido o aspecto lírico da escrita de Ondjaki, que contribui significativamente para a consolidação do romance angolano no *hall* das grandes produções literárias contemporâneas.

Esperamos, com esse trabalho, contribuir para as discussões sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa e enfatizar o poder da Literatura como registro documental, como fonte histórica, mas, sobretudo, provar que a arte registra e representa aspectos do homem e de seu meio, mesmo em tempos de incertezas e atribulações.

1. SER E NÃO SER NA TRIÁDE: IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESPAÇO

Introdução

É em meio aos conturbados acontecimentos que marcam o breve século XX, como já bem observou Hobsbawn², que vão se configurar os processos de descolonização das colônias portuguesas em África. Justamente por se tratar de um evento tão recente, é que é necessário e urgente trazê-lo para as discussões, além das fronteiras acadêmicas.

O espaço de Luanda, tomado pelo colonizador, e colonizado, efetivamente, no final do século XIX, coloca em pauta algumas questões que precisam ser evidenciadas. Partindo do discurso do colonizador, que insiste na diminuição do colonizado, pudemos acompanhar, ao longo de séculos, uma tentativa de apagamento dos costumes, da cultura, da voz e do texto africanos, assim como vimos o estrangeiro se apossar de uma terra que já possuía “donos”.

Para que pudessem defender o que era seu, os angolanos contaram com inúmeras armas. Conseguiram, apenas na década de 1970, se ver livres de seu alçó. Mas a luta continuaria ainda por mais algumas décadas para, por fim, retirarem os escombros e começar o seu processo de reconstrução³. Reconstrução do espaço físico, destruído pelos conflitos, reconstrução de suas culturas híbridas, reconstrução da sua nação e de seu principal personagem neste contexto: o homem angolano.

Para que esse enorme esforço que aguardava Angola, depois de todas as suas batalhas, pudesse alcançar resultados, algumas armas, em particular, servirão tão bem quanto os tradicionais canhões. Entre elas, a Literatura e a memória.

Oxalá outros tempos virão, em que possa dissociar a história de Angola de seu passado de guerras e colonização, mas, por ora, podemos dizer, a Literatura foi, e ainda é, um poderoso instrumento de libertação, de denúncia, e de registro das memórias do país.

Voltando, entretanto, ao conturbado século XX e adentrando ao igualmente conturbado século XXI, nos deparamos com questões que são antigas, mas que

² Cf. HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³ O conflito armado em prol da Independência tem início em 1961 e termina em 1975, ano em que se dá o início da guerra civil, que terá trégua apenas em 1992.

ganham nova roupagem nos tempos atuais: a formação da identidade na pós-modernidade.

Com todas as possibilidades e papéis que o indivíduo se propõe a exercer, a identidade é colocada em xeque, é pluralizada e relativizada. Sendo assim, a sociedade contemporânea, passa a ser pautada mais pelas diferenças do que por identidades.

Essa pluralização é mais uma diante das tantas questões que essas colônias recém-libertas precisam resolver. A africanidade, que, num primeiro momento se forma contra o colonizador, se desfaz, em seguida, quando os nativos disputam o seu espaço dentro de seu próprio território. Neste contexto, a memória, como já dissemos, matéria imprescindível à Literatura, estará no centro das atenções, seja como acesso às tradições, seja como instrumento de manutenção da história do passado e do presente.

Para darmos início a essas discussões, precisamos estabelecer alguns conceitos, que veremos, a seguir, a fim de percebermos como se configura essas relações nos romances do escritor.

1.1 Breves considerações da ideia de identidade na História e na sociedade

[...] *Ao acabarem todos*
Só resta ao homem
(estará equipado?)
A difícilima dangerousíssima viagem
De si a si mesmo:
Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem
Descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria
De con-viver.⁴
 Carlos Drummond de Andrade

⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “O homem; as viagens”. In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

Não há dúvidas de que o Renascimento⁵ é autor de grandes transformações no cenário mundial, transformações estas que abrangem setores econômicos, políticos e, principalmente, sociais das quais ainda atualmente colhemos os frutos. A mentalidade moderna, semeada nos séculos XV e XVI, possibilitou a construção de um novo modelo de homem, que se desenvolveu no solo fértil do mercantilismo, após a derrubada do sistema feudal, e modificou todo um sistema de pensamento, filosofia, cultura, arte e ideias vigentes até então.

Voltando um pouco no tempo, ainda na Idade Média, o *status* hierárquico social – é importante lembrar que, aqui, nos referimos à sociedade europeia – era claramente definido e tido como processo natural, inato ao ser humano. Um sujeito era suserano ou vassalo, senhor ou servo, ou seja, sua condição era predestinada e determinada quanto ao sistema existente.

À medida, entretanto, em que o homem começa a repensar sua posição nesse sistema, a formação dessa nova mentalidade não só o coloca no centro de suas análises como o elucidada. Estamos a falar, neste sentido, a respeito de, pelo menos, três fatores – que surgem como ideais renascentistas e que irão se desenvolver nos séculos seguintes – que podem ser considerados responsáveis por essas mudanças: o humanismo, o individualismo e o racionalismo⁶.

Quando o homem tenta deixar de lado os dogmas da Igreja, da religião e da fé e se colocar no lugar de Deus no centro do mundo, vem, atrelada a essa mudança, uma transposição dos valores e das práticas. Não é mais possível que se arrogue à fé, a explicação e o entendimento das coisas, somente a razão é capaz de justificar o homem, o universo e as forças que os regem. Como fechamento desse processo, o que podemos encontrar é um novo homem, no centro – antropocentrismo – como prioridade, racional, científico e, logo, individualista.

É necessário que abramos, aqui, um importante parênteses para posicionarmos os sujeitos de que estamos falando. Partindo, especificamente, no caso desta pesquisa, de Portugal que, já em 1415, em nome da glória e da autoafirmação, domina e explora

⁵ Período da História da Europa, entre os séculos XIV e XVII, marcado por grandes transformações sociais, culturais, econômicas, e religiosas. Caracteriza-se pela transição do feudalismo para o capitalismo, fato que representa uma ruptura com os moldes medievais.

⁶ Humanismo, individualismo e racionalismo são consideradas três importantes correntes promovidas pelo Renascimento. Expressam, respectivamente, a valorização do Homem, de suas capacidades, em detrimento de Deus e da fé, também chamado de antropocentrismo (o homem no centro); a competição e liberdade do Homem para que este possa ter o direito à propriedade particular, sem a intervenção do Estado; e o culto ao pensamento lógico, ao cientificismo, à razão acima da fé.

suas colônias recém- conquistadas, fato que coloca os sujeitos desse processo em patamares completamente diversos.

Essa transição, é importante observarmos, não acontece de maneira rápida nem tampouco, tranquila. Entre o renascimento do homem novo e sua consolidação no Iluminismo (já no século XVIII), o Barroco⁷, expressa o conflito desse sujeito: seguir no caminho da fé, que lhe garantirá a salvação, se esta houver, ou, finalmente, viver de acordo com a razão e o mundo terreno.

Quando o espírito fraternal da religião e o sistema coletivo do feudalismo perdem força, é que o homem passa a, finalmente, olhar para si e, de fato, analisar seus conflitos internos, bem como descobrir a possibilidade de competir no novo cenário comercial proposto pelo mercantilismo.

Essa brevíssima explanação a respeito do Renascimento fez-se necessária para fixarmos a condição do homem dessa época e como ele se tornou diferente do homem medieval com o avanço da Idade Moderna. O que nos interessa, portanto e por hora, é menos os elementos históricos responsáveis por essa transição do que o homem desse tempo. Vale ressaltar, entretanto, que o homem desse tempo, ou melhor, os homens desse tempo distinguiam-se claramente em relação à sua condição de poder, ou a ausência dele.

Estamos falando, especificamente, a respeito do homem renascentista europeu e de seus contemporâneos africanos. Sendo assim, temos, então, desde o século XVI, para os primeiros, algo que vamos chamar de “progresso” no que diz respeito ao desenvolvimento intelectual, como aquele que deixa as condições impostas pela Antiguidade e encontra a iluminação, ao passo que, para os últimos, tem início um grande período de dominação e de apagamento de sua condição cultural e social.

Percebemos, portanto, como essa mudança – de época e de sujeito – marca o início de um inquietante conflito que nasce nessa época e vive ainda hoje: o da identidade. Mais uma vez, é importante mencionar que, talvez, tenha sido durante o período Barroco, que as questões atreladas à identidade vieram à tona quando colocam o homem nesse complexo universo de dúvidas, ao travar uma batalha consigo mesmo entre os prazeres do mundo terreno e a salvação pela fé.

⁷ O estilo Barroco, que surgiu como reflexo do pensamento renascentista, demonstra o início dos conflitos do homem novo. Por ser, essencialmente, dualístico, o Barroco problematizava questões como a vida terrena e plano espiritual, razão e fé, homem e Deus.

Passados muitos embates pela construção desse novo homem, as discussões travadas em prováveis reuniões nos salões franceses, como a retratada por Lemonnier, em 1812⁸, ganham força como forma de criticar o Antigo Regime e a fim de propor progressos a esse cenário.

O Iluminismo, movimento intelectual e político do século XVIII, tinha como principal foco de suas críticas o absolutismo monárquico, o mercantilismo e a fé, que, segundo os pensadores do período, atravancavam o avanço e o desenvolvimento da sociedade. Os dois primeiros porque entravam no embate entre os privilégios da monarquia e a ascensão da burguesia, o último, porque privava o indivíduo de sua autonomia intelectual e científica.

Podemos perceber, então, que é nesse contexto Iluminista que o homem é entendido, enfim, como indivíduo e, percebemos a justificativa dessa individualização por, pelo menos, dois elementos bastante significativos e que vão estruturar os rumos dessa nova sociedade e desse novo mundo: a expansão das atividades capitalistas burguesas e o foco no envolvimento com questões sociais e religiosas.

Os princípios do Iluminismo estavam, desde o início, associados ao comércio e, para tanto, seria necessário que se investisse em condições para que a burguesia, amparada pelo ideal da igualdade jurídica, religiosa e filosófica do indivíduo, assumisse, de fato, o seu papel como protagonista da movimentação econômica do mercado do capital.

Relembrando, todavia, o que já foi mencionado, o que nos é importante, agora, é o homem, que passa a ser visto como indivíduo e que tem seus direitos, sua liberdade, reafirmados no contexto Iluminista. Com a oportunidade de participar do setor econômico, isto é, de mudar de classe através de sua possibilidade de ascensão comercial, com seu direito à propriedade privada, seu direito de se ver livre e respeitado por suas escolhas religiosas e ideológicas, pelo incentivo à educação, à razão e ao cientificismo, esse homem é reprojeto. Segundo Stuart Hall,

O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento⁹.

⁸ LEMONNIER, Anciet Charles Gabriel. *No salão de Madame Geoffrin*. Óleo sobre tela, 126 X 195 cm. Chateau du Maumaison, Rueil, França, 1812.

⁹HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A editora. 10.ed. p. 25.

O incentivo à prática capitalista e ao cientificismo em detrimento da fé, principalmente, foram os responsáveis por consolidar, nos séculos seguintes, a formação desse homem/indivíduo. Mais uma vez, entretanto, é importante ressaltar a diferença existente entre o europeu e o africano. Essas transformações que se configuram para o sujeito ocidental, são manifestas no homem africano, mas este, por sua vez, é coadjuvante, quando muito, neste processo. Ao africano não cabe desenvolvimento humano, nem tampouco, social, mas um território, um laboratório onde o europeu poderia “experimentar” e usufruir de sua ascensão.

O século XIX, também marcado por grandes reviravoltas no sistema mundial, trouxe consigo o desenvolvimento tecnológico – nos referimos, especificamente, à Revolução Industrial – que gerou não apenas um novo e potente maquinário da produção e da tecnologia como um novo arcabouço de práticas sociais.

À medida que o capitalismo se consolida, a posição das classes torna-se muito evidenciada: de um lado, os empresários donos dos meios de produção, as grandes fábricas, de outro, os trabalhadores urbanos. Neste contexto, é válido ressaltar que foi ele (o capitalismo) o responsável pelo desenvolvimento do comércio e da indústria, foi ele quem promoveu o grande êxodo do campo para a cidade, fato que contribuiu para o crescimento urbano e, foi ele, sobretudo, que deu ao homem a ambição da ascensão pelo acúmulo de bens.

A História pôde nos mostrar, porém, que esse ideal capitalista serviu apenas para enriquecer a minoritária e já rica classe dominante e explorar a maioria dos já explorados trabalhadores. Em virtude disso, o aumento desenfreado do número e tamanho das cidades e dos habitantes, desencadeou um processo de urbanização mal estruturado – a quantidade de pessoas chegou a dobrar da segunda metade do século XVIII até a primeira metade do XIX – que somou, entre outras coisas, uma enorme desigualdade social e econômica.

As organizações trabalhistas se consolidaram neste período e começaram sua luta pelas condições de trabalho e salário adequados. Neste momento, há, em função disso, o que podemos entender como um busca por afirmação. O indivíduo entende o seu papel para o funcionamento da máquina social, tanto os dominantes como os dominados.

No conturbado século XX, como define Hobsbawn, esses acontecimentos se intensificam e geram grandes mudanças na sociedade. Para nos atermos em apenas

alguns, podemos citar as duas Grandes Guerras Mundiais (1914 a 1918 e 1939 a 1945), a Guerra das Coreias (década de 1950), a Guerra do Vietnã (1955 a 1975), as Independências das colônias portuguesas em África (década de 1970), os Golpes de Estado na América Latina (década de 1960), a Corrida Espacial, a Guerra Fria, o fim da União Soviética, entre tantos outros.

E assim, chegamos ao século XXI, em que se somam a essa busca, questões agora voltadas, também, ao fator sexual, político, racial, entre outros. Percebemos que há, para o homem, duas esferas nas quais ele está inserido e nas quais ele exerce funções, a saber, o social e o individual.

O que foi explanado anteriormente leva-nos à necessidade de definir, de imediato, o conceito de identidade. Fica estabelecido, então, que:

A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente¹⁰.

É preciso estarmos atentos, porém, a alguns preceitos que se fazem indispensáveis à não tão fácil tarefa de definir este conceito. Para isso, adotaremos algumas ideias de Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (2014).

Para começar, vamos entender a identidade como um conjunto de características que o indivíduo possui e que o define. Como já foi mencionado, entretanto, esse conceito não é tão simplório, isto porque, ainda segundo Tomaz Tadeu da Silva,

A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados).¹¹

¹⁰ SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 74. 15. ed. p. 74.

¹¹ Ibidem. p. 13-14.

Podemos perceber, então, que uma identidade é sempre formada em relação à outra, de modo que a identificação é pautada nas *similaridades* – quando tratamos de identidade coletiva, nacional, por exemplo – mas, sobretudo, nas *diferenças*. O que faz de mim “eu” é que não sou o “outro”. Por essa sentença, temos algumas inferências: a primeira é que é mais viável falarmos em *identificações* do que em identidades; e a segunda é que o fator coletivo ou social, no qual o indivíduo está inserido, delimita as fronteiras de suas identificações entre o “nós” e o “eles”, o que o coloca sempre em um conjunto de definições que o integram e, conseqüentemente, o identifica ao seu grupo. É esse conforto da “integração” com o grupo que determina, por exemplo, quem é pertencente, isto é, quem vive as mesmas práticas sociais e quem não vive, o excluído.

Para Stuart Hall¹², em quem nossas análises se alicerçarão, há três concepções de identidade: a do *sujeito do Iluminismo*, cuja identidade estava ligada ao fator individualista, centrada na pessoa humana, na razão, defendendo que cada indivíduo nasce único e desenvolve-se segundo sua essência; a *do sujeito sociológico*, que desenvolve um pensamento relativo à internacionalidade, isto é, a identidade do indivíduo só existe mediante a sua interação com outros indivíduos e com o meio no qual está inserido. Nas palavras de Hall: “A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público”¹³; por último, a do *sujeito pós-moderno*, este, que moldado pelos anteriores, pode ser definido como não tendo uma identidade consistente, fixa.

É nesse sujeito pós-moderno que depositamos, agora, nossa atenção. Depois de todas as transformações pelas quais o homem passou para se consolidar, seja como sujeito individual, seja como sujeito social, deparamo-nos com esse sujeito, nascido e criado na pós-modernidade. Assim como nos demais, as mudanças que ocorreram nos âmbitos econômicos, políticos e tecnológicos desse período têm papel indispensável para a construção (ou desconstrução) desse sujeito.

Em seu *Manifesto Comunista*, Marx e Engels já constataram que “tudo que é sólido e estável, se esfuma no ar”¹⁴. Essa máxima expressa o espírito da época moderna, onde nada é permanente e, constantemente, se desfaz para se refazer

¹² Cf. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pó-modernidade*. DP&A editora. 10.ed.

¹³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pó-modernidade*. DP&A editora. 10.ed. p. 11-12.

¹⁴ Cf. MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto Comunista*. Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2003.

novamente, de outro modo. A marca que constitui esse período é a mudança. Amparado pelo fenômeno da globalização, o mundo pós-moderno é fragmentado por não apresentar nada fixo, nada que seja permanente e, desta maneira, os valores e a busca pela identificação do sujeito no âmbito coletivo ou individual, ficam comprometidos. Milton Santos discorre sobre essa mudança na formação do mundo e do ser humano:

Hoje, o que é federativo no nível mundial não é uma vontade de liberdade, mas de dominação, não é o desejo de cooperação, mas de competição, tudo isso exigindo um rígido esquema de organização que atravessa todos os rincões da vida humana. Com tais desígnios, o que globaliza, falsifica, corrompe, desequilibra, destrói. [...] Quando o Mundo assim feito está em toda parte, o embate ancestral entre a necessidade e a liberdade dá-se pela luta entre uma organização coercitiva e o exercício da espontaneidade. O resultado é a fragmentação¹⁵.

A problemática da identidade na contemporaneidade vem atrelada a inúmeros fatores que brotaram no Iluminismo, adubados pelo racionalismo, e floresceram com a pós-modernidade. A questão é que, regada pela liquidez da nossa era, fazendo alusão ao termo usado por Bauman¹⁶, é cada vez mais difícil se entender como único e se definir como um. Esse sujeito pode ser vários e quantos mais precisar ou, olhando por outro viés, justamente por conta disso, não conseguir de identificar.

A fragmentação que Milton Santos menciona, torna-se, talvez, a maior angústia do sujeito que tenta construir sua identidade no século XX. O acesso à informação e às tecnologias coloca-o em contato com inúmeros ambientes, nacionalidades, culturas e pessoas e, desse modo, o indivíduo acaba adquirindo parte da identidade do outro ao mesmo tempo em que perde um pouco da sua. Esse câmbio gera não identidade, mas *identificação*. O sujeito continua, portanto, buscando uma identidade para chamar de sua, mas, talvez, a única certeza que encontra é a de que há mais dúvidas e problemas a serem resolvidos, de modo que, se torna impossível ao homem contemporâneo, concluir esse processo. Sobre isso, Anthony Giddens define, em *As consequências da modernidade*:

¹⁵ SANTOS, Milton. *Técnica espaço tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. Editora Hucitec. 2. ed. p. 36.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

A modernidade é constituída por e através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas a equação entre conhecimento e certeza revelou-se erroneamente interpretada. Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado¹⁷.

“Busca pelo agrado de buscar, não pelo de encontrar”¹⁸. Esse é o resumo da condição do indivíduo pós-moderno, que anseia sempre por uma resposta à sua condição de ser enquanto inserido no meio social, que tenta enxergar a si, como sujeito, que deseja encontrar-se consigo mesmo, conhecer-se, mas que percebe, pela gama de elementos que se lhe apresentam, que não consegue definir-se como mais do que uma parte do todo que ele, não reconhece. E é notável que, quanto mais desenvolvido é o ambiente em que esse sujeito vive, mais dificuldade tem de se definir, isto porque, novamente, fatores econômicos e tecnológicos tornam-se mais importantes do que indivíduos ou tradições.

Estes elementos, que abarcam a vida desse homem – família, amigos, escolas, trabalho, religião, região, entre muitos outros – é que, na verdade, podem defini-lo, pelo menos, enquanto esse sujeito estiver integrado a eles. A tentativa da identificação para este homem, só se dá até o ponto em que ele está vinculado a alguma coletividade. A identidade é, portanto, fragmentada e dependente do fator social, que embora seja particular ao indivíduo, é generalizado para todos.

Conseguimos organizar, desse modo, o indivíduo e sua identidade em três âmbitos: o global, o local e o social, o que nos leva a observar que a identidade também será dependente do papel que o sujeito irá ocupar no seu meio. Essas diárias mutações exigidas no cenário social, coloca-o dependente da necessidade exigida pelo momento e local em que está. Esse sujeito é um em casa, é outro no trabalho, como chefe ou subordinado, outro no seu lazer, outro numa entrevista para um novo emprego, outro quando fala em público, outro quando está sozinho, enfim, se transformará em quantos outros precisar. Mas é importante não confundirmos identidade com papel social. Podemos chamar este último de fragmentos da identidade verdadeira desse indivíduo, seja ela qual for.

¹⁷ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

¹⁸ BORGES, Jorge Luis. *Elogio da sombra: poemas; Perfis: um ensaio autobiográfico*. Tradução: Carlos Nejar, Alfredo Jacques e Maria da Glória Bordini. Rio de Janeiro: Globo, 1985. 3.ed.

Nesta díade inclusão X exclusão, é interessante lembrarmos o pensamento de Foucault¹⁹, que nos mostra como os sistemas integrantes da sociedade pós-moderna, que se comportam de maneira a abarcar o todo, a “juntar”, vigiar e integrar os sujeitos a uma coletividade, na verdade, tendem a promover a individualização. Quanto mais se tenta aglomerar, abranger o todo, mais específicas se tornam as características individuais. A ideia de que todos vivem conforme a norma, vigiados, constantemente, através do sistema panóptico²⁰, facilita a diferenciação de comportamentos entre os indivíduos, de modo que esse sistema regulador, que procura nivelar o coletivo, termina por evidenciar a diferença e, portanto, individualiza os sujeitos.

Podemos refletir, então, sobre um aspecto que se destaca diante disso: a identidade, afinal, está em crise ou ela, apenas, tornou-se pluralizada? A fragilidade e os paradoxos das relações e das identificações com que o sujeito pós-moderno lida não têm como serem ignorados, a sensação de pertencimento em contradição à busca pela liberdade, o sentimento nacionalista, patriótico, em contraste com o desejo e a possibilidade de conhecer e participar de outras culturas, a necessidade de reclusão em busca de autoconhecimento em detrimento à possibilidade de estar em vários os lugares do mundo, o conforto da tradição contra a curiosidade pelo novo, entre tantas outras situações, na verdade, pluralizam e, simultaneamente, colocam a identidade em crise. Só há necessidade de afirmação da identidade quando esta é colocada em xeque. É no confronto, nas marcas da diferença que se torna possível e indispensável à definição da identidade.

Alguém é sempre definido quando tem, de algum modo, algum tipo de relação com os grupos nos quais se insere. É a ideia do “nós” que se sobressai à do “eu” – que já mencionamos anteriormente – que é confirmada por Bauman, ao afirmar que:

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, pré-determinada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso²¹.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002. 28. ed.

²⁰ O Panoptismo ou o sistema panóptico analisado pelo filósofo Michel Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* (1987), pode ser entendido como um sistema de monitoramento em que a vigilância, aparentemente constante, condiciona e normatiza os indivíduos, de modo a garantir a disciplina e fazer vigorar o poder do dominante sobre os dominados.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Um fato que exemplifica o dito é a construção das identidades das ex-colônias africanas sob domínio português. Antes da década de 1970, quando cresce a movimentação contra a presença portuguesa, isto é, em prol da independência, esses países veem-se diante da necessidade de se identificar enquanto africanos e, para isso, apoiam-se na diferença entre eles e a metrópole. Depois de 1975, quando conseguem a independência, há um novo processo de afirmação da diferença, agora interno, entre as diversas etnias desses países.

Torna-se necessário, aqui, conceituar esta *diferença* à qual estamos nos referindo. Seguindo o pensamento de Tomaz Tadeu da Silva, que já utilizamos para definir identidade, definiremos a diferença como

[...] uma entidade independente. Apenas neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe²².

Identidade e diferença estão, portanto, relacionadas e dependentes uma da outra. Para afirmar uma identidade, é preciso definir as diferenças. Um sujeito só poderá ser um, se for diferente do outro. Próximo, no que diz respeito à similaridade paradoxal da definição de identidade, o conceito de diferença, assim como o seu “uso” igualmente, também não se dá de modo simplório.

Podemos chamar de *diversidade* a soma das diferenças que cada indivíduo carrega consigo e que transmite aos grupos dos quais faz parte e, esta riqueza, torna a sociedade mais complexa e interessante, se levarmos em conta o aspecto humano, bem como as relações pessoais e sociais que estabelecemos. Por outro lado, a posição de quem se define como um determinado sujeito e vê o outro como diferente, pode gerar um senso de superioridade, de modo que, aquele que é o diferente, é inferior, marginal. Tudo vai depender, por conseguinte, da posição de quem analisa a diferença.

É interessante fazer menção, aqui, ao hibridismo cultural analisado por Peter Burke²³, em seu livro homônimo. Para o historiador inglês, a globalização nos coloca em contato com variadas culturas, e esse contato, gera o que ele chama de hibridismo.

²² SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 74. 15. ed.

²³ BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

Um país como o Brasil, por exemplo, tem, na origem da formação de sua nacionalidade, contato com, pelo menos, três povos distintos, o europeu, o indígena e o africano, (esses dois últimos, especialmente, vários) como analisou o alemão Von Martius, vencedor do concurso encomendado pelo IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), na segunda metade do século XIX.

[...] Cada uma das particularidades físicas e morais, que distinguem as diversas raças, oferece a este respeito um motor especial; e tanto maior será a sua influência para o desenvolvimento comum, quanto maior for a energia, número e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue o português, que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influenciou naquele desenvolvimento; o português que deu as condições e garantias morais e físicas para um reino independente, que o português se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas também de certo seria um grande erro para todos os princípios da historiografia pragmática se se desprezassem as forças dos indígenas e dos negros importados; forças estas que igualmente concorreram para o desenvolvimento físico, moral e civil da totalidade da população.²⁴

Esse texto de Von Martius, cujo título era *Como se deve escrever a história do Brasil*, aborda aspectos da miscigenação que foi a gênese da “raça” brasileira. Com algumas (evidentes) alusões à superioridade do português sobre os negros e índios, o botânico propõe a formação da nossa identidade proveniente da relação entre as três que, – guardadas todas as ressalvas que envolvem poder, em maior ou menor grau, as quais não vamos discutir aqui – é que garante a mistura, ou seja, o hibridismo proveniente destas três culturas, que desembocam numa nova, a brasileira.

Mais uma vez, observamos que a *diferença* se faz presente neste contexto, já que esse misto de culturas é que é o promotor da diversidade fundadora do hibridismo. Neste momento, é inevitável que entremos na linha de pensamento defendida por Homi Bhabha, a respeito do que ele chama de *diversidade cultural* e da *diferença cultural*. Segundo o crítico,

Se a diversidade cultural é uma categoria da ética, da estética ou da etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual enunciados sobre ou em uma cultura

²⁴ MARTIUS, Karl Friedrich Philipp Von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. In: **Revista do IHGB**. 6:381-403, 1844; 2.ed.389-411

diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade²⁵.

Percebemos que Bhabha tende mais ao lado da *diferença cultural* em detrimento da *diversidade cultural*, uma vez que, esta última, justamente por ser ambígua e “dupla”, é insuficiente, em sua opinião, para definir uma cultura ou uma nacionalidade, por exemplo. O conceito de Bhabha foca, especificamente, nas questões que tangem o discurso colonial, mas, ainda assim, é importante demonstrar o seu ponto de vista até mesmo para comprovar a tese de que, na contemporaneidade, há teorias diversas a respeito do mesmo conceito.

Quando nos referimos à identidade na pós-modernidade, portanto, estamos falando de *identidades*. Esse sujeito contemporâneo é incapaz de possuir apenas uma identidade diante da gama de possibilidades que vê em torno de si. O seu alicerce que seria o meio ou a classe (num sentido mais amplo) no qual ele se insere também é fragmentário; o indivíduo, provavelmente, está envolvido em muitas identificações ao mesmo tempo: questões, por exemplo, de gênero, de raça, ambientais, feministas ou partidárias, incluem o sujeito de acordo com suas concepções individuais, mas o deslocam no que diz respeito ao que Mercer chama de “identidade mestra²⁶”.

Percebemos, pois, a dificuldade desse indivíduo em definir uma identidade se levarmos em conta que, nem mesmo os grupos aos quais ele pertence, isto é, à sua identidade coletiva, podem ser os mesmos. Para exemplificar, pensemos que o indivíduo que é uma mulher, branca, de classe média, de religião católica, preocupada com questões ambientais e feministas, vá se identificar com pessoas desse mesmo grupo, homens ou mulheres, brancos, negros ou asiáticos, de qualquer classe, de qualquer religião, que também estejam engajados nessas questões ambientais. Se porventura, porém, um indivíduo desse grupo, for um homem que seja avesso às questões feministas, esta mesma mulher, pertencente, até então, ao mesmo grupo, já não se identifica. Sua identidade em relação a esse grupo torna-se, também, limitada, fragmentada. A identificação ocorre até determinado ponto e, em seguida, passa a ser marcada pela afirmação da diferença entre os membros do grupo.

²⁵ BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998. p. 63

²⁶ MERCER, 1990. p. 43 *apud* HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. DP&A Editora. p. 21. 10. ed.

Mais uma vez, evidenciamos o fenômeno da globalização e seus efeitos nesse contexto. A ideia de globalização, como o próprio nome já indica, deveria ser a de unificar, tornar as fronteiras do mundo mais estreitas para, no sentido primário do conceito, englobar os indivíduos. Assim como ocorreu com a promessa capitalista da possibilidade de ascensão igual para todos, ocorre, em vez da união global, a segregação, em que os indivíduos menos favorecidos continuam desempenhando os mesmos papéis de submissão ao sistema dominante. A globalização, portanto, bem semelhante ao panoptismo de Foucault, mais segrega do que engloba, o que se torna mais um obstáculo para o indivíduo pós-moderno na busca pela identidade.

Seguindo o caminho traçado pelos estudos culturais, devemos voltar nossa atenção aos “efeitos práticos” dessa busca interminável pela identidade a partir da diferença. A ideia de cultura é entendida como algo construído socialmente, através, por exemplo, das ressignificações e traduções dos símbolos linguísticos. Isto nos leva a perceber que, pela linguagem, configuram-se identidade e a diferença, fato que pode ser comprovado se nos apoiarmos nos trabalhos do linguista Ferdinand de Saussure sobre os signos linguísticos e seus significados.

Torna-se necessário, portanto, lembrar, aqui, o conceito de Derrida, de *différance*²⁷, que suporta a ideia dos símbolos linguísticos e seu simultâneo e heterogêneo significado. A partir da *différance*, entendemos que uma palavra nunca poderá abarcar o seu significado completo, este dependerá da definição que o falante, o ator dessa palavra lhe atribui.

A concepção de qualquer elemento se dá por meio do contrassenso: sou isso porque não sou aquilo. Vejamos, se dizemos a palavra “livro” e não sabemos o que é um livro, o signo linguístico ou fonético dessa palavra, ela não nos dirá nada. Do mesmo modo, se sabemos o que é um livro, sabemos que ele não é uma caneta, um caderno, uma pasta. Essa assertiva nos fornece suporte para analisarmos e concluirmos que, por detrás da afirmação das identidades, há, sempre, a negação de outras. Por exemplo, ser angolano, engloba uma série de elementos que constituem o nativo de Angola – sua língua, sua raça, sua religião, suas comidas típicas, seus hábitos, entre outros – e que, ao mesmo tempo, anula outra série de elementos que não o constituem.

²⁷ Conceito cunhado pelo francês Jacques Derrida para analisar que os significados das palavras não bastam, por si só, para defini-las. É necessário para tanto, perceber que os signos linguísticos carregam, em si, acepções variadas ao mesmo tempo, como podemos exemplificar pelo próprio termo *différance*, que, em francês, significa tanto adiar, quanto diferenciar (*différer*), logo, será o falante que lhe atribuirá significado.

Ser angolano, portanto, é não ser brasileiro, não ser português, etc., ainda que essas culturas assimiladas participem no processo de formação da própria angolanidade.

Na verdade, a ideia de nacionalismo, antes visto como uma herança comum aos indivíduos com um passado coletivo, também é modificada, pois, cada vez mais, a pluralidade e a assimilação de outras culturas dissolvem a ideia de pertencimento ao estado-nação. Nas palavras de Bauman:

O Estado-nação [...] não é mais o depositário natural da confiança pública. A confiança foi exilada do lar em que viveu durante a maior parte da história moderna. Agora está flutuando à deriva em busca de abrigos alternativos – mas nenhuma das alternativas oferecidas conseguiu até agora equiparar-se, como ponto de escala, à solidez e aparente “naturalidade” do Estado-nação²⁸.

A perda dessa identificação com o Estado-nação coloca toda a identidade em eminência de fragmentar-se e é posterior a ela a desconstrução do modelo social que essa “instituição” sustentava. A partir de então, a ideia de nacionalismo, de definir-se enquanto indivíduo pertencente e portador das características de um determinado lugar, isto é, de ter, diante do mundo, uma “consciência nacional”, estruturada pela tradição de sua nação, sob a régia da globalização, acaba por não produzir, como afirma Hall, “nem o triunfo do “global” nem a persistência em sua velha forma nacionalista, do “local””²⁹.

O objetivo de definir as questões que envolvem a identidade, se manifestam de maneira contínua ao mesmo tempo em que se mostra inacabado e, provavelmente, inatingível. A própria expressão das misturas de culturas que se interligam ao indivíduo, por sua vez, também se transforma e se modifica na contemporaneidade e, constantemente, vemos manifestações artísticas híbridas do que antes era característica única de um lugar.

A Literatura, neste sentido, assim como toda expressão artística, que se transforma para “acompanhar” e representar o sujeito de seu tempo, não deixa de cumprir sua função ao contribuir para essa constante fragmentação. É o que ocorre nas literaturas regionais, por exemplo, ao exaltar o indivíduo, o espaço e a identidade dentro daquela redoma menor, desconstroem o todo nacional maior.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 51

²⁹ HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. DP&A Editora. 10. ed.

Deste modo, fechamos, por hora, a discussão acerca da identidade, concluindo que esse fechamento, ou melhor, “desfechamento”, se nos basearmos no andamento do processo até aqui, está longe de ter um fim. O indivíduo contemporâneo, ao ver sua identidade colocada em questão, como um quebra-cabeça do qual, mesmo encaixando muitas peças, não vê formar o desenho completo, vive a angústia da busca permanente. Os alicerces que o sustentavam foram rompidos e, em seu lugar, vários muros se ergueram deixando-o isolado quanto ao lado exterior, ao mesmo tempo em que desperta-o para o desejo sair de seus limites.

O tédio, “a enfermidade, o morbo que o devora, um produto fatal do século de agora³⁰”, que tanto tentou ser transformado pela alquimia da globalização – que, por sua vez, diminui as distâncias e que expande os horizontes (ou deveria), – em ócio produtivo, continua sendo apenas o mal desse século. Nem todas as coisas que este indivíduo se dispõe a fazer, conseguem preencher a lacuna da incerteza de si próprio. A ciência-mãe, a mestra em solucionar os problemas, em sua essência, também se estilhaça e gera filhos que se dedicam pouco a muita coisa e muito a quase nada. Esses filhos, especialistas em buscar, não só não resolvem o enigma de seu verdadeiro eu, como transferem essa dúvida e fazem em pedaços tudo à sua volta, a ciência, que o gerou, a arte, que o acalenta, a psicanálise, que o explica, a fé que o sustenta, a linguagem, que o representa, aliás, para esses sujeitos hodiernos, a gramática das conjunções aditivas e adversativas é sua preferida para definir-se: sou isso e aquilo mas, entretanto, contudo, porém, todavia sou...

Se, por um lado, o sujeito pós-moderno se vê sem âncoras capazes de identificá-lo, no presente, por outro, ainda encontra um artifício que poderá usar como uma ferramenta contra o apagamento e a favor da identidade. Este elemento é a memória, como veremos a seguir.

1.2 A memória como ferramenta no processo de formação da identidade

O crescente e constante interesse voltado, atualmente, à busca pelas identidades, vem trazer à tona uma série de questões, como as mencionadas na seção anterior. Diante do que já constatamos, podemos fazer algumas inferências a fim de compreender o processo de formação da identidade na contemporaneidade.

³⁰ HEINE, Heinrich. “O tédio”. Disponível em: <http://freudexplicablog.blogspot.com.br>. >Acesso em: 11/06/2016.

Se pudermos, para isso, resumir, em algumas linhas, o que já observamos anteriormente, diríamos que a identidade do sujeito pós-moderno encontra-se fragmentada em consonância com o mundo no qual ele está inserido. A globalização pode ser entendida como uma política que engloba (até determinado ponto, para um determinado tipo de sujeito) mas, mais exclui com igual ou maior facilidade. O indivíduo não consegue se definir sendo apenas um, ele ocupa papéis sociais que o definem e diversificam frente às inúmeras possibilidades que pode atingir nos âmbitos pessoal ou coletivo.

Quando nos vemos diante desse labirinto do qual não encontramos saída nem algo que a sinalize, é preciso um retorno às formas mais simples de reestruturação do eu fragmentado e isto se dá da maneira mais natural para o ser humano, o *resgate* de suas memórias. Vale explicar que o termo *resgate* se refere, aqui, a uma tentativa de retorno ao passado. Não queremos dizer, certamente, que essas memórias estejam “estagnadas” no passado à espera de que alguém as traga de volta ao presente.

Para desenvolver esse argumento, algumas considerações precisam ser feitas, dentre elas: o que é a memória? De que memória estamos falando? A identidade pode ser construída através da memória? Se sim, como? Vamos nos ater a essas questões, primeiramente, para que possamos estabelecer parâmetros para as nossas observações.

Pois bem, o que é a memória? Podemos definir a memória como a “faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos”³¹. Em outras palavras, a memória é tudo aquilo que alguém é capaz de lembrar, sejam situações que ele tenha vivido ou mesmo, situações que ele tenha guardado porque ouviu de alguém.

Partindo desse pressuposto, podemos perceber dois fatores fundamentais nesta definição de memória. O primeiro é que, se ela é aquilo de que um indivíduo se lembra, ela é individual. O segundo, por sua vez, estabelece que, se a memória pode ser tudo o que um indivíduo se lembra, que seja vivido por ele ou que apenas tenha ouvido por outras pessoas, é a memória também coletiva. Neste sentido, parece que a memória está sempre vinculada a esse dualismo.

Toda lembrança individual está, em sua essência, vinculada ao coletivo. Isto porque quando vivemos ou recorremos às nossas lembranças, elas já se transformaram segundo o modo como vivíamos ou segundo as impressões que os outros agregam

³¹ HOUAISS. Dicionário Eletrônico.

quando as expomos a eles ou que nasçam dessa exposição. O nosso primeiro dia de aula, por exemplo, é uma lembrança formada a partir do que os outros vivenciaram desse dia que nós vivemos. Provavelmente, não nos lembramos se choramos, se rimos, a roupa que usávamos ou o lanche que comemos, mas imaginamos porque alguém, nossos pais, talvez, nos tenham contado. Por sabermos que esse dia existiu, que houve um primeiro dia de escola, essa memória “emprestada” passa a ser nossa.

Para organizar, admitimos duas formas de memória, a saber, aquela que é constituída em torno de uma pessoa definida, a *memória individual* e, aquela que é distribuída no interior de uma sociedade, a *memória coletiva*. O que as duas têm em comum é que o indivíduo, necessariamente, participa. O que é diferente é a forma como essa participação se dá em uma e em outra. Para a construção da memória individual, há uma seleção de fatos, de lembranças que interessam, exclusivamente, ao indivíduo. É delimitada no tempo e no espaço, mas sem se livrar das influências sociais que a rodeiam. Já na memória coletiva, esta seleção contribuirá, em caráter imparcial, para a construção da memória do grupo, ela envolve essas memórias individuais, mas não se envolve com elas, podendo, também, se limitar no espaço e tempo, sendo esses limites muito mais remotos.

O sociólogo Maurice Halbwachs³² – de quem exploramos as ideias para as definições anteriores – afirma, além desses dois tipos de memória, a existência de um terceiro: a *memória histórica*, que compreende as lembranças dessas duas primeiras, em seu espaço e tempo definidos e que faz, através dela (da memória histórica), uma reconstrução com a visão do presente, sobre o passado.

A fim de melhor esclarecer e exemplificar como essas três “categorias” de memória estão interligadas uma à outra, pensemos no seguinte, parafraseando Halbwachs, em seu livro póstumo *A memória coletiva*, de 1968: uma semente (a memória individual) precisa, para germinar, de um meio no qual tenha os nutrientes necessários para que isso ocorra, isto é, terra, água, adubo, etc. (a memória coletiva). Sem esse meio propício, certamente, esta semente não germinará e, por isso, se quisermos as flores ou os seus frutos, precisaremos ir até a árvore que nos fornece esta semente (a memória histórica). Mas, não estaremos, assim, colhendo nada daquela semente que esperávamos germinar, o fruto (a lembrança) não é original, não é nosso, não pertence ao indivíduo, em outras palavras, essa memória, assim como esse fruto,

³² Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990. p. 80.

é-nos emprestada, logo, não é uma lembrança nossa. Os acontecimentos históricos são memórias emprestadas, portanto. O indivíduo pode imaginá-los e armazená-los, mas não lembrá-los.

Outra questão pertinente no que tange à memória é a sua validade enquanto ferramenta promotora da identidade. Ora, se a identidade é, como afirmou Tomaz Tadeu da Silva, simplesmente aquilo que se é, parece bastante válido o papel da memória nesse processo. É ela quem pode configurar, direcionar e definir as escolhas dos indivíduos diante das lembranças que têm ou, ainda, podemos dizer que a memória, associada ao coletivo, ao social, também representa e anula, ao mesmo tempo, parte das lembranças desse indivíduo. Se se é simplesmente, pode-se admitir que somos o que lembramos (e o que esquecemos).

Ademais, se já está estabelecido que a identidade na pós-modernidade é algo em constante construção e que, talvez, nunca chegue a ser definido, é necessário que estabeleçamos alguns artifícios para auxiliar ou amenizar este problema. Neste sentido, a memória presta fundamental serviço nesta tentativa de construção da identidade, como já dissemos. O problema, entretanto, que gira em torno disso é, ironicamente, o mesmo que gira em torno de tudo na contemporaneidade: a fragmentação, a variedade, a diversidade, o acesso ao mundo globalizado.

Da mesma maneira em que se concentra nesta fragmentação a dificuldade em definir algo sobre a identidade, assim também o é quando se trata de memória. Não apenas pelo fato de como a memória é conceituada e construída, mas porque o “uso” que se faz dela poderá trazer empecilhos para o indivíduo pós-moderno.

Em seu livro *Seduzidos pela memória*, Andreas Huyssen inicia suas análises descrevendo a situação na qual o indivíduo da contemporaneidade está inserido. A problemática da identidade, abordada anteriormente, inerente ao ser humano desse tempo, vem associada à busca pela mesma e, por isso, necessita da memória, talvez, o instrumento mais poderoso nesse processo.

O que Huyssen vai abordar, no entanto, não é algo que podemos chamar de uma “defesa” ou uma idealização da memória como potência para a descoberta ou preservação da identidade. Na verdade, o que ele faz, tende mais a, como diz o ditado popular, colocar lenha na fogueira da dúvida. Segundo o teórico:

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das

preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX³³.

Nas últimas décadas, estamos vivendo um bombardeamento no que tange à memória. O breve século XX³⁴ que, para Hobsbawn, começa em 1914, com a I Guerra Mundial e termina em 1991, com o fim da União Soviética, foi marcado pelos maiores avanços de que o homem já pode desfrutar, em várias áreas, como a da medicina, da tecnologia, do trabalho, entre outras, mas foi, realmente, “a era dos extremos”, em que o mundo viveu algumas das maiores catástrofes humanas da História – o Holocausto não nos deixa mentir. O fato é que, seja como ou apesar do que for, o século XX prometeu-nos um futuro grandioso.

Esse contraste paradoxal de avanço, por um lado e retrocesso, por outro, evidenciou o papel da memória para esse contexto. Era necessário, não há dúvida, lembrar – para quem participou – ou imaginar – para quem só estudou ou ouviu falar – dos acontecimentos do século XX.

O que acontece, porém, é que, segundo Huyssen, “a partir da década de 1980, o foco parece ter se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes”³⁵. Deixamos de arrogar aos grandes fatos do presente, a possibilidade de vislumbrar e construir um futuro promissor e nos voltamos ao passado, em busca de respostas e, principalmente, de conforto.

Tudo indica que é esse o caminho que vamos seguir, até que o inusitado (e, talvez, podemos dizer, o inevitável) começa a acontecer: em vez de deixar o passado no passado, de lembrá-lo apenas como fonte de pesquisa para entendermos os nossos conflitos contemporâneos, voltamo-nos a ele como porto seguro, com o apego da criança que tem medo do escuro, do desconhecido. O saldo dessa troca do futuro pelo passado fica claro, se pensarmos da seguinte maneira: estamos vivendo no presente, presos ao passado porque nele encontramos a promessa de um grandioso futuro. Mas, afinal, que conforto podemos encontrar num passado como foi o século XX? E quando será que, finalmente, alcançaremos esse tão promissor futuro? Essas questões tornam-

³³ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9

³⁴ HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁵ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 9

se mais uma parcela no total de conflitos do indivíduo contemporâneo. Esse conforto significou mais uma expectativa esperançosa e otimista sobre o futuro do que um salto em sua direção. Deste mesmo modo, se buscamos conforto, como encontrá-lo em meio às guerras, segregações, descolonizações, ditaduras e outras tantas coisas que são (ou deveriam ser) a fonte do desconforto e vergonha da humanidade? Embora essa busca desesperada pelo passado possa, de alguma forma, trazer algum entendimento do presente, o uso exagerado desse passado termina por estagnar o processo rumo ao futuro.

A procura pela memória, documento abstrato desse passado, ganha cada vez mais força sobre o indivíduo contemporâneo. Quando chegamos a esse ponto, nos deparamos com velhos problemas: de que memória estamos falando? Melhor, onde podemos encontrar e armazenar nossas memórias? Ou ainda, que usos faremos da memória que encontrarmos?

Para responder a essas questões, porém, é preciso, de imediato, que saibamos em que a memória pode ser “útil”, em quais situações podemos a ela recorrer como auxiliadora na busca pela identidade. A tentativa, aqui, é que façamos essa análise à luz dos estudos culturais e, para isso, vamos usar como exemplo, o fenômeno da descolonização portuguesa em Angola.

Independente em 1975, há pouco mais de quarenta anos, Angola se viu diante do gigante trabalho de reconstrução do país, física e estruturalmente falando mas, sobretudo, era necessária a construção do novo angolano, da *angolanidade*. Ainda que o europeu tenha se integrado na colônia africana, principalmente a partir do final no século XIX e deixado muitos nativos assimilados, havia traços dessa angolanidade que não eram esquecidos – e essa é uma das razões pelas quais a figura e o respeito aos mais velhos é tão importante, por exemplo – e que estavam contidos na música, na poesia, na oralidade. O professor Angelo Assis, discorre a esse respeito:

[...] apesar da diferenças latentes, a cultura portuguesa encontrou espaço privilegiado para difundir em cada lugar, a certo jeito, seu *modus vivendi*, do mesmo modo como recebeu contribuições e interferências de todos os povos com os quais manteve contato, sinais latentes do que o historiador italiano Carlo Ginzburg, denomina em seus estudos de “circularidade cultural”³⁶.

³⁶ Cf. GINZBURG, Carlo. O queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Dessa forma, o idioma, as formas de crer, o imaginário e as mais variadas características do ser português, influenciaram e foram, igualmente, influenciadas por esse processo de intercâmbio [...]³⁷

O resgate dessas memórias, que fazem parte das tradições angolanas, portanto, poderia ajudar nesse processo de formação da nação angolana e, conseqüentemente, na reconstrução da identidade angolana.

A memória, neste contexto pós-independência, é essencial para formar a ideia do quadro coletivo e histórico desse país. Se não houve, ou houve pouquíssimo registro escrito, se a população, em sua maioria, não era alfabetizada, mais força e forma ganha a memória desse passado no presente. Percebemos, aqui, a importância da memória histórica, atrelada, é claro, à própria história e a noção de como e quando se forma, ou se faz necessária essa memória. Halbwachs nos diz que:

A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardavam por muito tempo a lembrança viva³⁸.

Isto nos dá a ideia de que a memória histórica, aquela que o indivíduo não necessariamente viveu, mas integra a sua memória individual e coletiva por meio do modo como se deram os fatos que são importantes para o seu próprio meio, seus heróis, suas comemorações, suas tradições, seus *fatos sociais* – no sentido que Durkheim os define –, ou seja, culturas que já estão estabelecidas antes dele e que lhe servirão de base para a construção de sua identidade na conjuntura em que vive. Halbwachs também explica quando é que a memória ascende junto à história:

É porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado para que tivesse a oportunidade de encontrar por muito

³⁷ ASSIS, Angelo Adriano Faria de. “As malhas que a memória tece: Mercadores cristãos-novos e as redes sociais de comércio entre Portugal, Brasil e sudeste asiático na idade moderna. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria de. et al. (org.) *Tessituras da memória: ensaios acerca da construção e uso da metodologias na produção da História*. Niterói: Vício de leitura, 2011. p. 194.

³⁸ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990. p. 80.

tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança³⁹.

Assim como acontece com a identidade, a busca pela memória só se torna necessária quando há a ameaça da perda ou, nesse caso, do esquecimento. Por isso, é importante a construção da memória histórica, de modo que essa possa resgatar e manter vivas as lembranças antigas e tradições que, talvez, já estejam descontextualizadas. Para o processo de formação da identidade angolana, a memória histórica é peça fundamental nessa reafirmação das antigas tradições. Ela cumprirá a tarefa de manter viva, ainda que imaginada apenas, a de constituir, por conseguinte, a memória coletiva e, como fechamento desse ciclo, a de reavaliar o passado, a fim de construir o presente. A literatura, vale ressaltar, torna-se um registro dessas memórias e comporta-se como documento quando esses forem escassos ou mesmo inexistentes.

O que não podemos deixar de observar disso tudo, desse apego obcecado à memória, é que, se há essa necessidade de lembrar, certamente, é porque há a possibilidade de esquecer. Seguindo neste raciocínio, o historiador Peter Burke, ao analisar a transmissão da memória social, lista alguns meios pelos quais ela vem sendo disseminada, principalmente, a partir do século XIX. Dentre eles, podemos destacar, primeiramente, o processo de escrita das tradições orais, que marcam, simultaneamente, o registro e o esquecimento, isto é, na medida em que há o registro de uma tradição oral, não podemos esquecer de que perdemos o que foi omitido nessa escrita. O discurso narrativo se configura como já afirmou Foucault e analisa Burke, como estruturas de persuasão, de dominação, que irão, por isso mesmo, lembrar ou registrar e deixar de registrar o que for de interesse de quem o faz.

Depois, visando à formação da memória nacional, os monumentos, as imagens, as esculturas propagam às gerações – presentes e futuras – os feitos do passado coletivo da nação. Em seguida, os atos ou “rituais de comemoração” passam, ao longo dos anos, através de seus feriados das mais variadas origens – religiosas, bélicas, políticas, pessoais, etc. – a celebrar os grandes feitos da nação e terminam por impulsionar a formação da identidade social.

Por último, o espaço é, também, mais um meio de transmissão de memória, já que os lugares escolhidos para a fixação desses monumentos, imagens, são igualmente

³⁹HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990. p. 80

preestabelecidos a fim de despertar e fazer a ligação desses grandes feitos a espaços memoráveis como palácios, praças, entre outros. Em resumo, o que Burke vai concluir é que: “Esses rituais são reencenações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social. São, em todos os sentidos, representações coletivas⁴⁰”.

O que ocorre no mundo de hoje é uma busca desenfreada por dispositivos que guardem essas memórias, ao mesmo tempo em que as deixa cada vez mais sujeita ao esquecimento. Grande parte das memórias a que temos acesso hoje são imaginadas, são transmitidas aos grupos e, por isso, muito propícias ao esquecimento, embora, nunca antes, criamos tantos dispositivos para armazenar as nossas lembranças como agora. Computadores, *pen drives*, *cd's*, *dvd's*, celulares e toda a gama de aparatos tecnológicos, simultaneamente, armazenam e deixam vulneráveis essas lembranças.

A tentativa, entretanto, de abarcar o todo, comum aos indivíduos contemporâneos, também se aplica à memória. A constante busca pela identidade em meio à fragmentação, às diversidades e ao alcance global a que esse sujeito tem acesso, igualmente faz também da memória um produto – e esse é mais um empecilho no processo de construção da identidade atualmente, uma vez que a memória, que poderia servir como ferramenta para esse resgate e registro, também se “globaliza”, no sentido ruim do termo – isto é, criou-se o que Huyssen chamou de *cultura da memória*. Tornou-se tarefa difícil encontrar algum discurso, algum espaço ou ideologia que não se refugie na memória. “Em suma [como resume o professor] a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta”⁴¹.

A memória, no sentido denotativo, de capacidade de recordação, de reviver os costumes, a memória que será fundamental na luta contra a “perda do passado” que não foi vivido nem registrado, apesar de todos esses aparatos, igualmente, nunca esteve tão próxima do esquecimento. Confiando que esses dispositivos farão o trabalho de guardar essas memórias, nos esquecemos delas. Se a obsolescência, por sua vez, não falhar na sua tarefa de destruí-los, muita coisa será perdida sem, sequer, nos darmos conta.

Como alternativa a esse receio do esquecimento, nos apropriamos de tudo e admitimos tudo como “fonte” de memória, desde monumentos, livros, documentários,

⁴⁰ BURKE, Peter. *Variadas da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. p. 75.

⁴¹ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 16.

até móveis, roupas e souvenirs. Essa experiência de “musealizar” o mundo é uma tentativa de manter, nesses objetos, a reminiscência total que ele, uma vez, representou.

O fato é que, apesar de todos os obstáculos que giram em torno da memória serem, de certa forma, desvios no foco do resgate do passado e das tradições, ela é, ainda assim, um dos melhores, (ou o melhor) instrumento de auxílio no processo de formação da identidade pós-moderna. Após os acontecimentos do conturbado século XX, tornou-se forçosa a seleção das memórias, seja como fonte documental, histórica, seja como um simples retorno ao conforto do passado que, bom ou ruim, hoje é passado. O que é necessário e urgente, é conseguir selecionar essas memórias e, sobretudo, repensá-las e, sempre que possível, trazê-las de volta à arena do presente para o espetáculo das tradições, tão ausentes quanto necessárias ao norteamento do sujeito contemporâneo.

1.3 O espaço como terreno de possibilidades e transformações

Da mesma maneira que a identidade se tornou protagonista no enredo da construção do sujeito pós-moderno, igualmente, atua a memória nesta trama, a qual, ainda conta com um terceiro ator para fechar (ou tentar fechar) as cortinas no palco da contemporaneidade: o espaço.

Partiremos agora, para a observação e, em seguida, a conceitualização de dois tipos de espaços que nos interessam para este trabalho. O primeiro deles é o espaço físico, real, geográfico e, o segundo, o espaço literário, fictício. Logo, a intenção é que possamos discutir como um é refletido no outro, a fim de observarmos como se configura a tríade *identidade, memória e espaço* na Literatura angolana. Cabe mencionar aqui, para evidenciar que teremos como objeto de nossos estudos a formação da identidade angolana através da memória e dos espaços de Angola, após a guerra de independência, representados em dois romances do escritor luandense Ondjaki (de quem falaremos posteriormente), *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*.

Para que essa tarefa seja cumprida, nosso ponto de partida será uma série de definições acerca dos conceitos de espaço, lugar e território. É importante registrar que a tentativa de definir esses conceitos é complexa, uma vez que esses termos não são imutáveis, ao contrário, estão em constante transformação segundo as ações do tempo

e da sociedade. O geógrafo e pensador Milton Santos, que foi quem nos alertou sobre esse detalhe, em seu livro *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, nos dá a definição do espaço geográfico que adotaremos a partir de agora. Para ele, o *espaço geográfico* é aquele que

[...] **é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.** No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico⁴².

Percebemos que Santos, em sintonia com o pensamento de Henri Lefebvre, não dissocia, por completo, a ideia de espaço geográfico e espaço social. Para Lefebvre, “o espaço social é um produto social”⁴³, isto quer dizer que, o espaço é o resultado da ação que a sociedade pratica nele, que ele não existe por si só, que ele só existe a partir dessas ações do homem, que, constantemente, o transforma e o redefine, sendo, portanto, “algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido”⁴⁴. As diferenças entre espaço social e espaço geográfico são bastante sutis. O primeiro se refere, especificamente, ao espaço do homem, seja ele qual for; o segundo, diz respeito ao que podemos denominar de “conjunto de espaços sociais”, como um todo, ambos, claramente, interdependentes e correlacionados.

Sendo assim, o objeto, ou os objetos de estudo do geógrafo para entender tanto o espaço físico como o social

não são apenas objetos móveis, mas também imóveis, tal uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta, uma plantação, um lago, uma montanha. Tudo isso são objetos geográficos. Esses objetos geográficos são do domínio tanto

⁴² SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed. p. 39. Grifo nosso.

⁴³ LEFEBVRE, Henri. *Apud*. Christian Schmid. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre*: em direção a uma dialética tridimensional. Trad. Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. In: GEOUSP – espaço e tempo. São Paulo: n.32, p. 89 – 109, 2012.

⁴⁴ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed. p. 56.

do que se chama a Geografia Física como do domínio do que se chama a Geografia Humana e através da história desses objetos, isto é, da forma como foram produzidos e mudam, essa Geografia Física e essa Geografia Humana se encontram. [...] Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou⁴⁵.

Como já afirmamos se tratar de uma observação da reconstrução do espaço urbano luandense, através de sua representação no espaço fictício dos romances ondjakianos, essas definições de espaço físico, geográfico e social, atendem à nossa proposta e nortearão esta análise.

Sob a luz dos estudos de Milton Santos, a quem retornamos, vem a ideia de *território*. É preciso diferenciar o espaço social, geográfico e território. Ambos estão, é fácil de perceber, interligados, mas são ideias diferentes. Se, como já dissemos, o espaço social é aquele em que a sociedade manifesta suas ações, podemos entender que a ideia de território vem antes da ideia de espaço. É o “uso” do território, delimitado e organizado segundo um determinado grupo, que irá definir, posterior, histórica e sucessivamente, o espaço social. Já o espaço geográfico, é algo maior, capaz de abranger todos os diferentes espaços sociais que cada território cria.

Também é preciso estabelecermos que o *lugar*, entendido aqui como uma fração do espaço, isto é, chamaremos de lugar, o local de consumo e produção dentro dos espaços, igualmente deve ser definido. Portanto, recorrendo, novamente, a Milton Santos, temos que:

É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras, O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas "técnicas industriais", são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas

⁴⁵Ibidem, 2006, p. 46.

essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar⁴⁶.

Todos esses conceitos, que nos são fornecidos pelos estudos da Geografia, servirão como elementos importantes para a nossa sondagem de como eles se interagem e se manifestam no processo de reconstrução do espaço, do território e dos lugares de Luanda após 1975 e durante a guerra civil que, com alguns curtos intervalos, durou do ano da independência até 2002.

Angola como um todo mas, sobretudo, a capital, sofreu, obviamente, com os percalços que sofrem todos os que vivem uma guerra. Os conflitos se intensificaram na capital, no ano anterior à independência em função da grande movimentação e dos combates que ali se travaram até a declaração de liberdade, feita pelo MPLA (falaremos sobre isso, mais detalhadamente, no próximo capítulo). O fato é que essa guerra e a civil, que se seguiu, imediatamente, destruiu ou, na melhor das hipóteses, danificou grande parte do espaço luandense. Em função disso, era necessário se concentrar na reconstrução desses lugares, desses espaços e mesmo do território angolano, se considerarmos que toda a estrutura do Estado estava, também, em processo de formação e, por isso, desestruturado.

Neste sentido, torna-se necessário pensarmos em algumas questões que são intrínsecas ao cenário de reconstrução de Luanda – que será entendida, aqui, como metonímia de Angola. Sejam em quais condições forem, todo país possui suas formas de propagar suas culturas, suas tradições, a fim de promover um sentimento nacionalista, de integração, uma identidade nacional. É essencial, portanto, que prestemos atenção a alguns termos que nos auxiliarão a entender esse processo de reconstrução.

Fizemos questão de enfatizar, na seção anterior, o papel da memória no processo de formação da identidade e da própria nação. No que tange ao espaço, ela continua desempenhando igual importância. Reforçando o que já observamos anteriormente, Pierre Nora retoma a problemática da memória, agregando mais um elemento a essa discussão. O historiador é enfático ao afirmar que “fala-se tanto de memória porque ela não existe mais” e que “há *lugares de memória* porque não há

⁴⁶ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed. p. 36.

mais meios de memória⁴⁷. Percebemos, então, que há um ciclo constituído por lugares, memória, e identidade, que os três se ligam pela interdependência e pelo aspecto similar, resultante da fragmentação, da aceleração e da globalização que os rodeia.

O termo que destacamos, “lugares de memória”, deve, também, ser definido. Se a memória, como sugere Nora,

é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações, [...] A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.⁴⁸

Então, “os lugares de memória são, antes de tudo, restos”⁴⁹. Restos porque recebem a consciência do gesto esquecido, a lembrança do passado histórico e historicizado de que não se é capaz de recordar, restos porque precisamos transmitir o que ainda possuímos de nossas tradições para algum lugar em que eles serão rememorados, ainda que de maneira pouco, ou quase nada, representativa. Para finalizar,

São lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança.⁵⁰

Essa problemática, abordada por Nora, contribui significativamente para o que Huysen também ressaltou e para o que Halbwachs já analisou no início dos estudos sobre a emergência da memória no século passado e neste. Através dessas observações,

⁴⁷ NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: PUC, 1993. p. 7.

⁴⁸ Ibidem, 1993. p. 7.

⁴⁹ Ibidem, 1993 p. 12.

⁵⁰ NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: PUC, 1993. p. 21-22.

juntamente com todas que dizem respeito ao processo de formação de identidade e, agora, acerca dos lugares e do espaço, é possível notar como cada elemento desemboca no outro, justificando toda a inquietação em que vive o sujeito contemporâneo. Há várias memórias, produzidas por vários tipos de sujeitos, com diferentes funções sociais – historiadores, líderes de governo, detentores do poder, em geral – que geram, por conseguinte, várias identidades. O papel da memória, portanto, neste processo, não deixa de ser cumprido, mas acaba fomentando mais a fragmentação da identidade do que a sua consolidação.

Seguindo nesta linha, encontramos o pensamento de Marc Augé, que acrescenta mais combustível a essa questão. Aceitando que os espaços são transformados progressivamente conforme as ações do homem, Augé desenvolve os conceitos de “lugar antropológico” e “não lugar”. Conceitos esses que estão relacionados, exatamente, a essas transformações de lugares, ao surgimento de novos lugares que podem ou não representar alguma identidade para quem os habita ou utiliza.

Precisamos, *a priori*, deixar estabelecido do que se tratam esses conceitos. Em seu livro *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Marc Augé explica:

Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] O lugar antropológico é, simultaneamente, princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa⁵¹.

“Lugares antropológicos”, em outras palavras, são lugares em que se dão, efetivamente, a vivência dos sujeitos que os habitam ou que neles agem de modo significativo. São, portanto, lugares que identificam, que contribuem para a construção da identidade. Podemos entendê-los como lugares onde se dão as relações, lugares vividos, uma casa, uma rua, um quarto, um supermercado, o monumento na praça, ou a própria praça podem ser antropológicos, desde que hajam, neles, a promoção da interação social, desde que hajam, com eles, algum tipo de identificação.

⁵¹ AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 2008. 7. ed. p. 51

Para que um lugar seja considerado como antropológico, portanto, é essencial a presença e a ação das pessoas. Serão elas que darão o que Augé chama de “sentido social” e que, para ele, estão, atualmente, sendo suprimidas pela “liberdade”, isto é, pela valorização do indivíduo em detrimento das relações coletivas, da interação deste com o seu espaço. Podemos inferir, assim, que

se a tradição antropológica ligou a questão da alteridade (ou da identidade) à do espaço, é porque os processos de simbolização colocados em prática pelos grupos sociais deviam compreender e controlar o espaço para se compreenderem e se organizarem a si mesmos⁵².

Cada vez mais, porém, o sujeito contemporâneo tende a estreitar suas relações e, uma vez que isso acontece, os lugares antropológicos perdem sua característica de lugar de identidade, de lugar vivido.

A ideia de “não lugar”, por sua vez, pode ser entendida como o oposto, configurando-se como lugares em que não se dão ações capazes de promover a interação, a transformação, e, menos ainda, a identificação. Nas palavras de Augé, “o “não lugar” é diretamente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado”⁵³. Nele, deixam de se consolidar relações de sociabilidade, de maneira que não há nenhuma característica capaz de identifica-lo. São lugares de trânsito, de passagem, lugares que representam o conturbado mundo atual, que estimulam o consumo, as necessidades, os deslocamentos.

Essa definição, entretanto, requer mais atenção, uma vez que seu conceito é, em si, paradoxal. Exemplos de “não lugar”, na sobremodernidade⁵⁴, seriam aeroportos, estações de metrô, hipermercados, entre outros. Espaços construídos em “celebração” à aceleração do nosso dia-a-dia em que os indivíduos vivem a experiência do anonimato, da solidão e só se identificam através de códigos e normas que lhe são exigidas. Não seriam, então, esses códigos e normas, responsáveis por dar a esses “não lugares” significado? Se o espaço só existe através da ação social, poderíamos

⁵² AUGÉ, Marc. *Apud* SÁ, Teresa. *Lugares e não lugares em Marc Augé*. In: *Tempo social*, revista de sociologia da USP. Vol. 26, n. 2. p. 209-229, nov. 2014. p. 84

⁵³Ibidem.

⁵⁴ “Conceito desenvolvido por Marc Augé, diretamente relacionado com as dimensões de circulação, consumo e comunicação, em contraste com as dimensões identitárias, históricas e relacionais que caracterizam os lugares antropológicos”. (SÁ, Teresa. *Lugares e não lugares em Marc Augé*. *Tempo social*, revista de sociologia da USP. Vol. 26, n. 2. p. 214, nov. 2014.)

considerar que sim. Analisando a obra de Augé, a professora Teresa Sá pontua e comprova a ambivalência do termo:

Se, por um lado, os “não lugares” permitem uma grande circulação de pessoas, coisas, e imagens em um único espaço, por outro transformam o mundo em um espetáculo com o qual mantemos relações a partir das imagens, transformando-nos em espectadores de um lugar profundamente codificado, do qual ninguém faz verdadeiramente parte. [...]. A dicotomia lugar/ não lugar é de certo uma dicotomia dupla, pois o que está em causa são simultaneamente os espaços construídos e os espaços vividos. Os primeiros que correspondem ao “não lugar”, são aqueles que possibilitam a aceleração do tempo; os segundos têm a ver com as relações que aí acontecem⁵⁵.

Em suma, o que Marc Augé traz à tona com esses conceitos está, também, em consonância com tudo o que já foi expresso até agora sobre as relações de identidade, memória e espaço. Seu pensamento incentiva a uma reflexão quanto ao uso ou não uso dos espaços e lugares que temos, na atualidade. Mostra que é preciso repensar até que ponto estamos aproveitando essa experiência do anonimato em meio aos grandes lugares que frequentamos, que depositamos nossas lembranças e até que ponto estamos, apenas, deixando de criar raízes, de nos identificarmos com algo, realmente, significativo, em prol da inserção, a todo custo, na era pós-moderna; Mostra-nos que é preciso repensar o que se perde nesse processo, para não nos deslumbramos somente com os ganhos que parecem tão efêmeros quanto a sociedade que os produz. E lembramos, sobretudo, que a tarefa de transformar espaços, territórios e lugares em nações e lares começa, em maior ou menor grau, com o indivíduo.

No momento em que a vida, entretanto, parece um labirinto, sem que saibamos onde começa ou termina, sem que saibamos aonde ir ou que escolhas fazer; quando não sabemos, na verdade, quem somos diante de todos os caminhos que se nos apresentam, existe, ainda, um alento: a arte.

Embora o grande benefício que se tira da Literatura, enquanto arte, é o desfrutar da beleza, do prazer que ela nos oferece e, acreditando que ela não tem compromisso de retratar a verdade (ou verdades), isto é, não nos esquecendo de que a Literatura, justamente, por ser arte, é ficção, vamos aceitar, para este estudo – e pretendemos provar, ainda que Fernando Pessoa já tenha admitido que “sem Literatura, o rio corre,

⁵⁵ SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. *Tempo social*, revista de sociologia da USP. Vol. 26, n. 2. p. 209-229, nov. 2014.

bem ou mal⁵⁶ – que através dela, de sua ficcionalidade, inclusive, podemos melhor compreender a realidade. Não podendo, por hora, nos deixar levar pelas águas da Literatura, precisamos, ainda, estabelecer alguns últimos conceitos.

Partamos, então, para entender o que chamaremos de *espaço literário*. É imprescindível, ao falar nesse termo, citar os estudos de Maurice Blanchot, contudo, sua teoria da imparcialidade, em relação ao texto, da isenção do autor sobre o mesmo, da negação de qualquer “função” da Literatura, contradiz a intenção de nossos estudos. Para ele, esse é um espaço particular dessa expressão artística e faz questão de ressaltar que a Literatura *não serve para*, mas apenas *é*⁵⁷.

Embora a ideia de o espaço literário de Blanchot soe-nos como “um canto de sereia”, poderíamos aproveitar dele, para o que nos interessa, por hora, apenas, a beleza com que fala e prova a escrita literária pura, em sua essência, ao contrário de Bakhtin, por exemplo, em *Problemas na poética de Dostoiévski*⁵⁸, que afirma que nenhum texto literário é neutro ou isento e que o escritor deve, portanto, interferir na sua criação. Para ele, a Literatura é um instrumento de luta social e deve ser usada como tal, de modo que, se pensarmos na ideia de objeto geográfico, citada anteriormente por Santos e Lefebvre, o espaço ficcional literário também se torna um desses objetos.

Mas, talvez, utilizando a mesma covardia que Blanchot atribuiu a Ulisses quando o, para ele, pseudo-herói nega-se a ouvir o “chamado” das sereias, mergulhar no seu destino e se deixar levar pelo espaço sedutor do texto, vamos nos desviar da discussão acerca da validade de literatura como arma ou como arte, bem como de seu conceito e aceitar, apaticamente, uma que melhor nos sirva: a toponálise. Não vamos, porém, nos embrenhar neste emaranhado cunhado por Bachelard. É a toponálise, como a entende Oziris Borges Filho que vamos seguir, como veremos a seguir:

Apesar de aceitarmos a sugestão de Bachelard em relação à terminologia, divergimos do pensador francês em relação à definição. Por toponálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a toponálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da

⁵⁶ PESSOA, Fernando. “Liberdade”. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/liberdade-fernando-pessoa> acesso em 13/07/2016.

⁵⁷Cf. BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁵⁸Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural⁵⁹.

Esse “estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima⁶⁰”, que Bachelard define como topoanálise, na verdade, vai mais além do que só o espaço íntimo, psicológico. Os elementos que Borges Filho agrega ao termo abrangem-no de modo mais completo e nos permite explorar uma série de outros locais – nossos objetos de estudo – que não sejam, apenas, “locais da nossa vida íntima”.

Percebemos, também, é válido mencionar que, assim como Marc Augé, Borges Filho também não entende o espaço e o lugar como conceitos opostos, já que eles são dependentes um do outro, indissociáveis, portanto. Por isso, segundo o professor, é preferível [...] “conservar o conceito de espaço como um conceito amplo que abarcaria tudo o que está inscrito em uma obra literária como tamanho, forma, objetos e suas relações. Esse espaço seria composto de cenário e natureza⁶¹”.

Colocamo-nos, então, a observar como se relaciona o espaço literário com o texto, em si, e quais as funções do espaço na obra. Continuando seguindo o “manual” de Borges Filho, destacamos algumas delas: 1) caracterizar as personagens quanto ao fator socioeconômico, psicológico e geográfico, bem como estabelecer contraste entre as personagens; 2) Propiciar a ação e antecipar a narrativa e, 3) representar sentimentos vividos pelas personagens.

Também esses conceitos de *cenário*, entendido como o espaço construído, que sofreu ação do homem, (cidades, casas, lojas, etc.); *natureza*, entendido como espaços não construídos, naturais, (rios, montanhas, etc.); *ambiente*, a soma de cenário mais/ou natureza, mais o clima psicológico; *paisagem*, a extensão do espaço segundo o olhar da personagem ou do narrador, podendo se manifestar de modo cultural ou natural; e, por último, território, que representa o espaço disputado por detentores do poder⁶².

As relações também se configuram entre o espaço literário – *realista*, por conter elementos idênticos ao da realidade, por exemplo, casas, praças, ruas, cidades, etc.; *imaginativo*, por imaginar lugares como os realistas, mas que só existem no texto;

⁵⁹ BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura*: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007. 188 p.

⁶⁰ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danese. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2.ed. p. 28.

⁶¹ BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura*: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007. 188 p.

⁶² Cf. BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura*: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

e *fantasistas*, espaços, de fato, inventados, que não possuem verossimilhança. – e o enredo. Através da observação do espaço e de suas transformações na obra, podemos, entre outras coisas, entender, dar ritmo à narrativa, fazer pausas e reconstruir ambientes. Dentro da narrativa, estão construídos os *macroespaços*, marcas de oposições (cidade/campo; África/Europa; Norte/Sul) e os *microespaços*, que se configuram nos cenários ou na natureza dos espaços do texto.

A partir das análises de todos os conceitos definidos até aqui, acreditamos poder explicar as relações entre identidade, memória e espaço, na literatura de Ondjaki. Se Ferreira Gullar estava certo ao afirmar que “a arte existe porque a vida não basta⁶³”, poderemos comprovar e ir além: perceber como a Literatura não só é capaz de nos transportar a espaços e tempos inventados mas, sobretudo, perceber e repensar o nosso espaço e o nosso tempo real, transformá-lo e reorganizá-lo. Essa não é, decerto, a função da arte mas, como indivíduos sensíveis a ela, nós, sim, podemos fazê-lo.

⁶³GULLAR, Ferreira. Entrevista concedida a Vivi Fernandes de Lima e Rodrigo Elias. Disponível em: www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ferreira-gullar. > Acesso em: 14/07/2016.

2. ESPAÇOS DE GUERRA E DE LITERATURA

Há, certamente, um número ilimitado de enfoques possíveis para falarmos sobre Angola, mas existem algumas abordagens que se tornam, de certo modo, inevitáveis. Devemos admitir que uma delas é a dificuldade de falar da história do país sem mencionar as guerras e sua jovem democracia, e, por isso também, ao falarmos de literatura, voltemo-nos a esses conflitos. Sendo assim, estes serão os próximos temas que observaremos: história e literatura angolana. Em suma, a literatura de Angola está muito ligada à história do país e esta, por sua vez, está, ainda, muito ligada à guerra. Fato que é completamente justificável se analisarmos o contexto em que se desenvolvem ambas.

Angola, a partir do século XV, é usada como objeto de glória e recompensa da enorme coragem e poderio da coroa portuguesa que, vitoriosa, termina por desbravar os mares para usufruir de sua conquista. Irônica e certamente, uma aventura desta importância, gera consequências para o que nelas se lançam, para os que ficam e, sobretudo, para o que já lá estão, como predizia o Velho do Restelo, que muito bem nos lembra Rita Chaves, em seu livro *A formação do romance angolano*⁶⁴.

Os séculos seguintes se encarregaram de provar que a agourenta e sábia personagem camoniana estava certa. À medida que as naus iam se afastando da costa, já se podia ouvir o prenúncio do que estaria por vir:

Â — A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?⁶⁵

A tragédia profetizada pelo Velho, entretanto, foi, ousamos dizer, incompleta. Ao reino de Portugal coube, muitos séculos depois, as consequências desse ato. Às províncias que ele determinou suas, esses mesmos séculos cuidaram de mostrar o retrato e os resultados da “vã cobiça e glória de mandar”⁶⁶ dos portugueses.

⁶⁴ Cf. CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP, 1999.

⁶⁵ CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 2000. 4. ed. p. 191.

⁶⁶ Cf. CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 2000. 4. ed.

O maior desastre, entretanto, não foi para os que ficaram. Talvez, uma preposição no segundo verso dessa estrofe de Camões, – A que novos desastres determinas/ De levar “a” esses reinos e essa gente? – embora comprometesse a métrica, demonstraria a face mais provável do que estava destinado àqueles que as naus encontraram nas distantes terras de África.

Desde a chegada dos portugueses às terras angolanas, ainda no século XV, Angola sofreu com a atitude exploradora e impositora do colonizador português, camuflada de “salvação” para aqueles povos.

Do período que compreende, pelo menos, quatro séculos da presença dos portugueses em Angola⁶⁷, não há notícias muito diversas além da exploração dos recursos naturais do território, da catequização forçada pela imposição da religião, da cultura, da língua, da exportação de mão de obra escrava, enfim, nada que pudesse, em território angolano, bendizer a coroa portuguesa.

Em um dos raros momentos em que houve, em Angola, certa liberdade de expressão – 1870 a 1926 – devido ao fato de o país ainda ser governado por uma monarquia constitucional liberal, o advogado assimilado⁶⁸, José de Fontes Pereira, resume o sentimento de revolta em relação à presença portuguesa, em um semanário de Luanda:

O que é que Angola ganhou com o domínio português? Uma escravatura sinistra, desprezo e a mais completa ignorância! E até o próprio governo fez tudo para o que pôde para humilhar e aviltar os

⁶⁷ Cabe mencionar que a frase “Cinco séculos de colonização portuguesa em Angola” merece ser debatido, já que, como se sabe, a colonização efetiva angolana só acontece no início do século XX. Outro engano que igualmente merece ressalva é quanto ao fato de se pensar que só nesse século, começa a resistência contra os portugueses, como afirma René Pelissier, em entrevista ao Jornal Moçambicano @Verdade: “Estava escrito em “Angola – Dois Anos de Governo”, de Paiva Couceiro. [...] Se ele empreendeu, a partir de 1845, 180 operações militares, isso significa que a colônia não estava pacificada. Esta foi a chave que demonstrou a falsidade do slogan “Cinco séculos de colonização portuguesa em Angola”. www.verdade.co.mz >Acesso em: 11/01/2017.

⁶⁸ O termo “assimilado” se refere, neste contexto, ao indivíduo africano que incorpora, que se apropria da cultura do português em detrimento da sua própria. Na Angola colonial, o indivíduo assimilado tinha alguns privilégios sobre o não assimilado. Para os portugueses, o primeiro estava absorvendo a civilização “superior”, a europeia, e os segundos, continuavam como o sujeito exótico que dependia da catequese salvadora dos brancos. Não é difícil concluirmos que, mesmo entre os próprios angolanos, havia a distinção entre os assimilados – que podiam assimilar, inclusive, a mentalidade de superioridade aprendida com os portugueses – e os não assimilados – que esboçavam o sentimento nacionalista em prol da africanidade. De certa forma, aquele que era assimilado, não “pertencia” a nenhum dos lados, por não ser considerado igual, pelo português, e por não serem considerados mais angolanos, após absorverem a cultura portuguesa.

filhos desta terra que possuem as qualificações necessárias ao desenvolvimento... Que civilização, e quão portugueses!⁶⁹

De fato, para usar de eufemismo, não se pode dizer que Angola tenha obtido grandes ganhos após a chegada dos colonizadores portugueses, socialmente e culturalmente falando, sobretudo. Além do prejuízo material, que era explícito, a ironia de Fontes Pereira, nesta publicação, revela o desprezo e a segregação que a metrópole dispensava às relações com a colônia.

Houve, em função deste descontentamento, variados movimentos contra Portugal, ao longo dos séculos de ocupação. Mas é, no final do século XVIII e início do XIX, que esses movimentos se intensificam e começam, de fato, a ganhar forma. Mais precisamente, segundo Douglas Wheeler:

Os movimentos separatistas e as conspirações independentistas europeias do século XIX floresceram em Angola nos períodos de maior debilidade de Portugal. Vários acontecimentos contribuíram para enfraquecer o domínio português em Angola: as invasões napoleônicas, em 1807-11; as guerras civis políticas, em 1820-45; e a independência do Brasil, em 1822⁷⁰.

A partir da independência do Brasil, a ideia do nacionalismo angolano, ganharia novo fôlego e movimentos pró-independência ganham forma no século XIX e se consolidam no XX. São nestes movimentos que depositaremos, a partir de agora, nossos olhares.

2.1 Luanda: o espaço de Ondjaki

É sempre importante ressaltar o papel que a literatura teve no processo de independência de Angola. Falaremos, portanto, do papel da literatura como registro das memórias desses espaços que vêm servir como referência na difícil tarefa de consolidar a identidade (ou identidades) angolana, assim como o espaço guardado para

⁶⁹ *O futuro d'Angola* (Luanda), 8 de abril de 1882. In: PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 135.

⁷⁰ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 143.

Luanda na literatura, este, em que se tem a liberdade de, como bem definiu Aristóteles, narrar não o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido⁷¹.

Por entendermos que Angola é, em termos geográficos, um dos maiores países do continente africano e por sabermos da diversidade existente em um território tão extenso, é importante enfatizar que a diversidade cultural de cada região é muito significativa, por isso, vamos nos ater à cidade de Luanda, por ser a capital do país, portanto, sede do governo, por ser o espaço onde vão se desenrolar as duas obras que estão propostas neste trabalho, *Bom dia camaradas* (2003) e *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008) bem como berço de seu criador, Ondjaki e, por ser, como definiu Rita Chaves⁷², um símbolo emblemático entre Literatura e História, como vemos expressas nas obras angolanas.

Antes, porém, de nos embrenharmos por esses espaços que são muitos e, simultaneamente, um, devemos situar o espaço de Ondjaki, tanto na guerra quanto na literatura. Luandense nascido a 5 de julho de 1977, é sociólogo e escritor de contos, romances, poesias, além de permear entre as artes plásticas, com exposições no Brasil e em Angola, e o cinema, com codireção do documentário *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda*. Sua primeira publicação é o livro de poemas *Actu sanguíneu*, de 2000. Mas é no ano seguinte que o escritor, na época, com 24 anos, ganha destaque no cenário literário, graças ao sucesso do romance *Bom dia Camaradas*, trabalho reconhecido por Mia Couto e Luís Ruffato, que escrevem, respectivamente:

O que ele faz não é o simples deitar de uma história na página do livro. Mais do que isso: ele cria uma história para a nossa própria vida. Este é o motivo de quem escreve como e com Ondjaki – desengaiolar sentimentos⁷³.

Ondjaki nos traz um convincente relato desses fundamentais anos de mudanças e esperanças. Não mais a visão desamparada e repleta de culpas de alguns escritores portugueses – os “tugas” – que participaram da guerra colonial, nem também a visão militante dos escritores angolanos dos tempos heroicos de Agostinho Neto – mas a visão realista e pragmática de uma classe média que tenta se reerguer em meio ao caos⁷⁴.

⁷¹ Cf. ARISTÓTELES. *A Poética*. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b2.pdf>. Acesso em: 17/08/2016.

⁷² CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP, 1999

⁷³ COUTO, Mia. “As visitas de Ondjaki”. In: ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. (prefácio da obra)

⁷⁴ RUFFATO, Luiz. “Bom dia, camarada leitor brasileiro!”. In: ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 9-13

É verdade que essa obra é um convite ao mundo ingênuo e, ao mesmo tempo, crítico e observador das crianças. O menino narrador, que bem pode ser o próprio Ondjaki, tem sua atenção voltada ao espaço escolar, onde a presença dos professores cubanos ganha destaque positivo. O contexto da guerra civil, contrastando opiniões – como as do camarada António, o ajudante da casa do menino protagonista, que não vê na independência, algo realmente bom para os angolanos, já que, antes dela, os serviços funcionavam e tudo estava em ordem – dão testemunho da mudança de governo, de pensamento e do início da reestruturação de Luanda.

A partir de então, podemos listar os prêmios⁷⁵ que recebeu e sua produção intensa. Os livros são traduzidos e publicados em diversos países, o que faz com que Ndalú de Almeida, seu verdadeiro nome, se torne uma das maiores figuras da literatura angolana, assim como nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Em 2008, o autor publica o romance *AvóDezanove e o segredo do soviético*, que lhe rende prêmios, como dissemos acima, e reafirma, mais uma vez, a importância do trabalho que ele vem realizando na consolidação do romance angolano.

Nesta obra, podemos nos reencontrar com algumas personagens de *Bom dia camaradas*, que configurarão, agora, o Bairro da Praia do Bispo, mais precisamente, a casa da Avó Agnette, posteriormente chamada de AvóDezanove, como espaço central da narrativa. A presença dos soviéticos, que cercaram a Praia para a construção do mausoléu, se sobressai à dos cubanos e a maneira como se dão as relações dos angolanos com esses últimos é diferente, em relação aos primeiros. Também é, igualmente, denunciadora dessa fase de reestruturação da cidade.

Há, ainda, completando o que podemos chamar de conjunto dos anos 80, as obras *Os da minha rua*, de 2007, *A bicicleta que tinha bigodes*, de 2011, e *Uma escuridão bonita*, de 2013, livros em que o narrador é, também, um menino e muitas personagens, situações e espaços são recorrentes, de modo a conferir intertextualidade a essas obras e destacar relação entre ficção e memória.

Nessas obras dos anos 80, que representam, portanto, uma Luanda recém-independente, Ondjaki reafirma o seu compromisso com a construção da identidade

⁷⁵ Para citar apenas alguns: O Prêmio Jabuti, (pelo romance *AvóDezanove e o segredo do soviético*); O Prêmio José Saramago, (pelo romance *Os Transparentes*); O Grande Prêmio APE (pelo livro de contos *Os da minha rua*) e, o mais recente, O Prêmio Littérature-Monde 2016, (também pela obra *Os Transparentes*).

angolana e, para isso, retoma outros escritores e outros textos anteriores aos seus, como em “Nós choramos pelo cão tihoso”⁷⁶, releitura de *Nós matamos o cão tihoso*⁷⁷, de Luís Bernardo Honwana. No conto ondjakiano, os meninos da escola se concentram em não chorar durante a leitura do texto na sala de aula. O texto de Honwana os emociona porque narra a história de um grupo de meninos incumbidos de matar a tiros o cão tihoso, que estava doente e ferido, mas esta situação lhes custa enorme esforço e gera grande comoção.

Aparecem, também, personagens recorrentes na obra de Ondjaki que vêm de outros autores. A Isaura de Honwana, é homenageada em “Nós choramos pelo cão tihoso” à cuidadora do cão e o Tio Rui, de “A bicicleta que tinha bigodes”⁷⁸, uma homenagem a Manuel Rui, autor de *Quem me dera ser onda*, são exemplos. A própria Avó Agnette, de *Avó Dezanove*, já nos é apresentada em *Os da minha rua*. No último conto que compõe o livro, “Palavras para o velho abacateiro”, o menino termina no colo da avó, que lhe transmite um ensinamento precioso que o conforta da inquietude do fim da infância e marca a casa como um espaço que será revisitado, também, em *Bom dia camaradas*.

Desci. Sentei-me perto, muito perto da Vó Agnette. Ficámos a olhar o verde do jardim, as gotas a evaporarem, as lesmas a prepararem os corpos para novas caminhadas. O recomeçar das coisas.

_Não sei onde é que as lesmas sempre vão, avó.

_Vão para casa, filho.

_Tantas vezes de um lado para o outro? [...]

[...] _ Vão pra casa, filho.

_Tantas vezes de um lado para o outro?

_Uma casa está em muitos lugares – ela respirou devagar, me abraçou. É uma coisa que se encontra.⁷⁹

O nome Ondjaki, que significa “guerreiro” na língua Umbundu, já prediz que a tarefa de registrar essas histórias de uma Angola nova, independente e sem guerras, seria constante, mas que traria os bons resultados que o autor vem colhendo. Aos moldes de Manoel de Barros – palavras com cheiros, com gestos, com gostos – o seu lirismo não passa despercebido, como podemos comprovar neste “Apalpar manhãs”, da obra *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*, de 2009.

⁷⁶ ONDJAKI. “Nós choramos pelo cão tihoso”. In: *Os da minha rua*. Editorial Caminho, 2007.

⁷⁷ HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos o cão-Tihoso*. Lisboa: Afrontamentos, 2000. 5. ed.

⁷⁸ ONDJAKI. *A bicicleta que tinha bigodes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

⁷⁹ ONDJAKI. “Palavras para o velho abacateiro”. In: *Os da minha rua*. Editorial Caminho, 2007.

sonhei que estava enamorado pela palavra antigamente.
 eu sorria muito nesse sonho – fossem gargalhadas. aproveitei a ponta
 desse sorriso e fiz um escorrega. deslizei.
 tombei no início de uma manhã.
 pensei ver duas borboletas mas [riso] eram duas ramelas.
 peguei nas duas: o peso delas dizia que eu estava acordado. [a partir
 do tom amarelado das ramelas é possível apalpar manhãs].
 então vi: nos dedos, na pele do corpo por acordar, estavam manchas
 muito enormes: eram manchas de infância
 gosto muito desse tipo de varicela⁸⁰

Podemos perceber esse mesmo lirismo nas cartas que o autor destina à escritora Ana Paula Tavares, geralmente, publicada no final de seus livros. Cartas que unem as histórias que ele conta, com as que ele vive, como a seguinte, do livro *AvóDezanove e o segredo do soviético*:

chegou a hora de sair deste mundo.
 há dias, na minha vida verdadeira, fui à PraiadoBispo ficar quieto
 a olhar a
 casa que já não é da Avó Agnette. nunca mais vi o Gadinho ou o
 Paulinho.
 nem mesmo a Charlita. vi o mar.
 o mar está lá, com as mesmas cores e a mesma dimensão. onde é o
 modo como os tempos se articulam para se darem
 sob a forma de sonho. o Mausoléu está lá. não “desplodiu”, nem
 as casas da PraiadoBispo, mas cresci a ouvir a Avó Agnette com
 esse medo⁸¹.

Esse medo sentido pela avó nos remete a um momento em que Angola ainda era assolada pela guerra civil, infância e adolescência do autor, que é, apenas, dois anos mais jovem do que a independência. A incerteza do futuro pairava sobre a cidade e, sob o olhar atento de Ondjaki, vira páginas de narrativas que unem a ingenuidade da infância a uma séria denúncia dos conflitos pelo poder, no país.

De fato, a cidade de Luanda é muito representativa nas obras do escritor, o que se justifica, por ser inevitável que a destruição do espaço urbano, a sua posterior reconstrução e a construção de lugares que remetem ou homenageiam as memórias do passado passem despercebidos.

⁸⁰ _____. Apalpar manhãs. In: *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*. Editorial Caminho, 2009. p. 19.

⁸¹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 183.

Há um esforço muito grande e necessário neste sentido quando nos voltamos a esse momento da história da cidade. As ruas poeirentas e esburacadas, “Havia bué de água, assim a escorrer no passeio, os miúdos tomavam banho nos buracos[...]”⁸², a constante falta de eletricidade, “A luz voltou mais rápido que o tempo de arrancar o gerador”⁸³; “Se as outras casa não têm luz, é melhor esta também não ter. Isso pode dar maka”⁸⁴; a precariedade dos serviços “Há quantos anos não havia água naquela bomba de gasolina?”⁸⁵, a violência constante, “Apanharam o muadiê, lhe deram tanta porrada, tanta porrada, mas tanta porrada, que no dia seguinte ele voltou lá a procura da orelha, tia!”⁸⁶, entre tantos outros problemas estruturais, que são denunciados por Ondjaki nestas obras, revelam esse momento de transição pelo qual a cidade passava.

A cidade de Luanda, por si só, como um todo, já denuncia aspectos do vestígio deixado pelo colonizador – de segregação e separação de classes⁸⁷ – mostra o espaço das tradições, de um lado, em contraste com a modernidade, de outro⁸⁸, característica intrínseca desde a sua efetiva formação, no século XIX e que pode ser observada em várias obras angolanas. Neste sentido, o conto de Luandino Vieira, “A fronteira de asfalto” ganha destaque porque exemplifica essa Luanda marcada pela diferença de classes e pelo contraste travado nas relações sociais. A fronteira, além de física, como escreve Luandino, no fragmento seguinte, é uma fronteira abstrata que permeia o espaço luandense e demarca a posição que cada indivíduo deve ocupar na cidade.

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma tênue nuvem de poeira que o vento levantava cobria tudo. A casa dele ficava ao fundo. Via-se do sítio

⁸² _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 52.

⁸³ Idem, 2006. p. 38

⁸⁴ _____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 37.

⁸⁵ Idem, 2009. p. 57.

⁸⁶ _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 59.

⁸⁷ Não podemos falar, a respeito de Angola, em um sistema de *apartheid*, como visto na África do Sul, embora, na prática, houvesse bastante segregação, discriminação e posicionamentos muito bem demarcados socialmente, como podemos comprovar pelo conto de José Luandino Vieira, *A fronteira de asfalto*, em que as personagens brancas e negras interagem de acordo com sua função social. O negro sempre prestando os serviços mais básicos aos brancos, como o caso da mãe do menino Ricardo, moradores da periferia de Luanda, que é lavadeira na casa da menina Marina, residente nos bairros de asfalto. Sobre isso, cf. VIEIRA, José Luandino. A fronteira de Asfalto. In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸⁸ Cf. BITTENCOURT, Marcelo. *Dos jornais às armas: trajetórias da contestação angolana*. Lisboa: Veja, 1999.

onde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril.⁸⁹

Essas relações de convivência entre classes e etnias se evidenciam através da amizade de Ricardo, um rapaz negro, morador do musseque e de Marina, a menina de tranças loiras, e vemos bem demarcadas as diferenças no tratamento e nas funções sociais que desempenham – a mãe de Ricardo era lavadeira na casa de Marina.

O terreno da infância, igualmente, se torna ferramenta de denúncia quando observamos a amizade dos dois enquanto crianças: “Quando eu era o teu amigo Ricardo, um pretinho muito limpo e educado, no dizer de tua mãe?”⁹⁰ e depois, na adolescência: “Marina, já não és nenhuma criança para que não compreendas que a tua amizade por esse... teu amigo Ricardo não podes continuar. Isso é muito bonito em criança. Duas crianças. Mas agora... um preto é um preto...”⁹¹.

A marca da diferença atua mais forte do que qualquer identificação que tenham tido enquanto meninos e denuncia uma forma mais abrangente, na qual Luanda está se firmando, de segregação e de demarcação de posições no cotidiano. Em *Luanda, cidade e literatura* (2008), Tania Macêdo explica:

Com o advento de uma posse efetiva do solo africano, nos fins do século XIX, as cidades africanas europeizadas começam a surgir, constituindo-se em um duplo perverso das urbes europeias. Nelas, os colonos procuraram refletir o *modus vivendi* da Europa, copiando-lhe a arquitetura e o traçado, mas tendo para isso de tentar, inutilmente, abstrair a população nativa ou, no mínimo, efetuar uma brutal segregação para tentar seu apagamento. Surgem, dessa forma, os “bairros indígenas”, a “cidade” do colonizado, que se contrapõe à cidade do colono⁹².

É bastante clara a divisão que ocorre no processo de formação da cidade luandense. Igualmente claro é o esforço de afastar dos centros desenvolvidos, onde vive a minoria branca, das zonas periféricas, dos nativos, como conclui Manuel Rui: “Por isso o povo corria. Corria sempre para os bairros, lugares de velhos sofrimentos.

⁸⁹ VIEIRA, Luandino. “A fronteira de asfalto” In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 40.

⁹⁰ VIEIRA, Luandino. “A fronteira de asfalto” In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 42.

⁹¹ Ibidem.

⁹² MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade de literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p. 87.

Lugares de teima-vida. Lugares de morte, também, mas sempre lugares de vitória. E certa! Que a luta continua.”⁹³

Desse modo, é possível definir a constituição de cada um desses espaços na cidade, que irão conviver, quase, exclusivamente, em nível de prestação de serviços como define Frantz Fanon:

O mundo do colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. (...) A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está sempre permanentemente repleto de coisas boas. A cidade do colono é a cidade de brancos, de estrangeiros.

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a *médina*, a reserva é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz⁹⁴.

As carências da cidade do colonizado, como demonstrou Fanon, vão além das questões estruturais. O que se pode observar, tanto na formação, quanto na reconstrução da cidade de Luanda. Neste sentido, para complementar esse processo, conforme já observou Lefebvre⁹⁵, se consideramos que o espaço social é resultante das práticas sociais que nele se estabelecem, podemos inferir que o quadro social de Luanda irá perpassar, também, por esse fator. Logo, e por consequência desta divisão territorial, igualmente, haverá uma divisão social.

O fato de haver essas divisões bem demarcadas, tanto a estrutural quanto a social, é que irá determinar um novo distanciamento entre os nativos e a sua terra, além de, mais uma vez, fragmentar as identidades angolanas – já que, neste contexto, elas continuarão pautadas na diferença.

Também se torna mais trabalhosa a assimilação de lugares de memória na cidade. Se eles deveriam ganhar significados para a memória nacional, nestas condições, tornam-se mais um instrumento a favor da separação, ainda que já projetado por angolanos.

⁹³ RUI, Manuel. *Sim camarada!*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985. p. 102-103.

⁹⁴ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968. p. 28.

⁹⁵ Cf. LEFEBVRE, Henri. *Apud Christian Schmid. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. Trad. Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. In: GEOUSP – espaço e tempo. São Paulo: n.32, p. 89 – 109, 2012.

Podemos usar o Mausoléu, monumento construído na Praia do Bispo, para abrigar o corpo do Presidente Agostinho Neto como exemplo. É no lado nobre da cidade, no Bairro da Praia do Bispo, que irão se passar as narrativas de *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, embora, ainda sob o julgo da guerra civil, no primeiro, e a posterior reconstrução, no segundo. É nesse cenário que se misturam a vida e a obra de Ondjaki, já que sabemos ser este o bairro onde nasceu e cresceu. Neste contexto, percebemos que o espaço fictício desse autor é composto de modo a representar a realidade “de fora” do texto.

A abrangência da globalização, que Milton Santos⁹⁶ chama de perversa, chega, também, a Luanda. E, perversa como tal, atropela as necessidades primárias da maioria da população. O mausoléu, símbolo da conquista do MPLA, em Luanda, demarca um autoritarismo e um esforço custoso para a cidade, que irá, como em quase todos os lugares, privilegiar os já privilegiados dos Bairros nobres em detrimento dos musseques⁹⁷. Como já dissemos, essas duas obras de Ondjaki, revelam visões, por vezes, pueris da situação de guerra e de luta por poder, e, por vezes, o sonho de realizar, na ficção, o que poderia ser feito na realidade.

2.2 Momento I: Guerra de Independência: o espaço angolano tomado pela guerra

Datam da década de 1910, após a queda da Monarquia Constitucional, a implantação da República, em Portugal, e da colonização efetiva da colônia, a intensificação dos conflitos que seriam o embrião da luta pela independência de Angola, na metade da década de 1970. Entretanto, os gritos alvoraçados de “Viva a República” que se podiam ouvir em Luanda, no 5 de outubro daquele início de século, não tardaram a se dispersar e a anunciar que muito pouco ainda havia mudado na colônia.

⁹⁶SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed.

⁹⁷ Bairros pobres de Luanda, geralmente, com grande aglomeração de pessoas e condições básicas de infraestrutura e desenvolvimento precárias ou inexistentes.

A manutenção do trabalho forçado, a distinção entre portugueses e nativos, mesmo os assimilados, os indícios de rebeliões no interior do país, violentamente reprimidos, o desenvolvimento da filosofia do racismo, entre outros fatores continuavam, durante a República, tão ou mais intensos quanto estiveram na Monarquia Constitucional.

Desde o nascimento da República, o clima de insatisfação por parte dos colonizados era cada vez mais evidente, ao passo que o aumento do autoritarismo e do abuso por parte dos governantes portugueses, em Angola, também chegava ao extremo.

A jovem e mal sucedida República, que prometera algum benefício, chegou a ensaiar um projeto igualitário entre os nativos e os portugueses que viviam em Angola mas foi surpreendida, em 1926, pelo Decreto Ditatorial que colocou o General Óscar Carmona no poder. Daí em diante, o que se seguiu, em se tratando, especificamente, das colônias africanas foi, podemos dizer, um retrocesso no ensaio de liberdade alcançado até ali. O Ato Colonial, da década de 1930, decreto que estabelecia as novas leis de relacionamento entre colônia e metrópole, anulou todas as escassas conquistas de Angola. Houve certa estagnação no desenvolvimento do país, nas áreas da educação, infraestrutura, saneamento.

Um fato que impressiona, entretanto, é que grande parte dos assimilados angolanos e de uma minoria de portugueses que viviam em Angola, resgatam, anos mais tarde, um nacionalismo que até então não era visto. Essa tomada de consciência atrelada ao cansaço do governo português, que também atravessava um período de grande decadência econômica e de insatisfação popular com o Estado Novo⁹⁸, fez ressurgir o interesse na luta pela independência de Angola.

2.3 A literatura como instrumento na luta pela independência

Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do

⁹⁸ Estado Novo ou II República compreende um período de 41 anos (após a Constituição de 1933 a 1974, com a Revolução dos Cravos) em que Portugal esteve sob regime autoritário e autocrata. Também conhecido como período salazarista, em referência ao seu fundador, António de Oliveira Salazar.

outro até que um dia e virá “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo”⁹⁹.
(Manuel Rui)

O fragmento desta epígrafe é retirado do texto *Eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*, do escritor angolano Manuel Rui, e coloca em destaque dois momentos cruciais para a História e a Literatura angolanas: a chegada do “outro”, o colonizador, e a imposição da escrita em detrimento da oralidade. Ambas, na verdade, atreladas.

Manuel Rui lamenta que quando este “outro” chegou e os mais velhos contavam suas histórias, com seu texto oral, cantado, dançado, sentido, este outro, que podia ter pedido para ouvi-lo e vê-lo, prefere disparar as suas duas poderosas armas, o canhão e a escrita. Talvez, haja dúvida, ainda hoje, sobre qual delas é a mais perigosa. De toda forma, como já anunciou neste seu texto, Manuel Rui acertou ao querer colocar mais do seu texto “oralizado e oralizante” no texto do outro; acertou ao não permitir que o seu texto morresse pela arma do outro; acertou quando acrescentou apenas mais um ingrediente – que era único – ao texto do outro para torná-lo seu: a sua identidade.

Ainda é possível sentir, na literatura e na guerra, o que ficou dessa chegada do outro. Isto ainda fica evidente quando críticos chamam as literaturas africanas de “literaturas tardias”, por exemplo, ou quando as criticam pelo hábito constante de misturar história às suas estórias como se isso fosse um defeito ou como se as tardias colônias fossem as únicas a fazê-lo – Homero, Virgílio e Camões podem comprová-lo – ou, ainda, como se fosse possível, a desconexão total do que foi vivido e, agora, é preciso ser contado. Passa, podemos dizer, pela linha tênue que existe entre a História e a Literatura, o caminho de quem se envereda entre elas.

Desde quando se começa a desenvolver a produção literária angolana, (falaremos adiante sobre esse processo) até os dias atuais, o que vemos são formas de unir estética a um engajamento fundamental para a história do país. Os romances de Ondjaki, que serão analisados, posteriormente, *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, já produzidos numa Angola independente, ainda retratam esses conflitos pré e pós independência e nos mostram, na visão pueril da personagem

⁹⁹ RUI, Manuel. *Eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, Brasil, 23/05/1985.* Disponível em: ricardoriso.blogspot.com.br. Acesso em: 14/08/2016.

narrador – um menino, em ambos – denúncias e críticas severas desse processo e nos permite, uma revisitação a um momento extremamente delicado da história do país, um acesso às memórias infantis e a(s) nova(s) identidades que se formaram a partir desse período.

De fato, essas e outras obras de Ondjaki, como é o caso de *Os da minha rua*, que também possui um menino como narrador, não só unem História e Literatura, mas promovem um encontro de um sujeito adulto com a memória da infância. Por vezes, chagamos a confundir o menino narrador com o próprio autor e, este pacto biográfico, como podemos chamar, confere à ficção o caráter de reminiscência e de acesso a um momento crucial na Luanda da década de 1980. É claro que, mesmo considerando este pacto, vamos nos ater à trama literária e entende-la, portanto, como ficcional.

A negação do outro para a afirmação do “eu” ou do “nós” sempre foi tema de qualquer literatura que reclamasse uma pátria. O projeto ideológico romântico brasileiro, no século XIX, é semelhante. A afirmação da identidade, seguramente, diferente da europeia, – e é importante registrar que também na Europa, o Romantismo passa pela vertente nacionalista, isto é, não se trata de uma característica exclusiva de colônias – as descrições e a linguagem foram a base da consolidação da literatura brasileira, de fato, conforme já analisou Antonio Candido, em *A formação da literatura brasileira*:

No ponto a que chegamos o Romantismo começa a exercer irresistível atração sobre o historiador, levando-o a buscar os traços precursores que constituem sua raiz imediata. [...] digamos, desde já que o Romantismo no Brasil foi episódio de grande tomada de consciência nacional, constituindo um aspecto do movimento de independência. Afirmar autonomia no setor literário significava cortar mais um liame com a mãe Pátria. [...] Entre a Independência e a Maioridade, a referida elaboração se deu ao longo de certas linhas, definidas pouco a pouco e afinal, fundidas. Imaginemos que os coevos tinham dela consciência clara, e que as formulavam do seguinte modo: 1) O Brasil tem uma tradição literária própria; 2) Há nela elementos próprios que é preciso desenvolver; 3) A consequência será a formação de um literatura nova, baseada em formas e sentimentos renovados, adequados a um país jovem que se afirma na libertação política.¹⁰⁰

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. 6. ed. p. 281.

De maneira igualmente legítima, (em outro contexto, evidentemente, uma vez que não podemos falar em Romantismo, em Angola) as literaturas africanas de expressão portuguesa e a literatura angolana (nosso caso, específico) alicerçou suas fundações nessa interseção existente entre Literatura e História. Se pensarmos que a descolonização desses países se deu apenas no final do século XX, na década de 1970, torna-se mais fácil entendermos que essa historicidade retratada na literatura é, perfeitamente, justificável. Trata-se de algo de proporções globais que precisa ser dito ou registrado com outros olhos além dos da imprensa. Roberta Guimarães Franco observa que:

Neste sentido, são várias as obras narrativas da literatura angolana que colocam as suas histórias em diálogo com a história. Da mesma forma como Nicolau Sevcenko apontou para a literatura brasileira, a literatura angolana é mais que um testemunho. Ela revela momentos de tensão, revê e reconta a história oficial com a sua própria voz, tantas vezes calada à força.¹⁰¹

Sobre isso, o crítico Edward Said observa que “a cultura e suas derivações estéticas derivam da experiência histórica”¹⁰². Tomaremos essa afirmação como suporte para analisar o desenvolvimento da literatura angolana, bem como observar como se dá, simultaneamente, a integração de seu projeto ideológico e de seu projeto estético.

Essa denominação de literatura tardia – errônea, dizemos de antemão – é pautada no aparecimento, com efeito, dessas literaturas escritas, apenas no século XIX. O desenvolvimento e povoamento da colônia angolana é o ponto de partida para uma intensificação da produção literária. Estamos nos referindo, aqui, a dois fatores que foram de grande importância neste sentido: a independência do Brasil e o *ultimatum* britânico¹⁰³. O primeiro, por representar uma perda extremamente significativa para o governo português, uma injúria ao seu nacionalismo e, sobretudo, uma necessidade de

¹⁰¹ FRANCO, Roberta Guimarães. *Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana*. Niterói: Eduff, 2016. p. 21-22.

¹⁰² SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2011. p. 21.

¹⁰³ O *Ultimatum* britânico foi dado ao governo português pelo Primeiro Ministro britânico, Lord Salisbury, que reclamava a Portugal o território compreendido entre as províncias de Angola e Moçambique. O governo português pretendia o domínio desse território, no plano que ficou conhecido como o Mapa-cor-de-rosa. O governo britânico, então, através desse ultimato, reafirma a propriedade de suas terras e alerta os portugueses sobre a necessidade de povoamento de suas colônias em África, o que modifica o panorama da população angolana, social e politicamente.

atenção às suas outras colônias em África e, o segundo, porque exigiu o povoamento, a presença de portugueses vivendo, efetivamente, nessas colônias. O *ultimatum* britânico levou a população de brancos portugueses em Angola a duplicar entre as décadas de 1920 e 1940 e a ultrapassar os 170.000, na década de 1960¹⁰⁴.

Esse aumento da população branca, seguramente, vai contribuir para o aumento da segregação, em Angola, como alertou, desde o início, o então Alto Comissário Norton de Mattos: “A colonização por famílias portuguesas deve excluir por completo dos núcleos de colonização os indivíduos de raça preta”¹⁰⁵, assim como o Ato Colonial de 1933¹⁰⁶, com seu ideal “civilizador” explícito, também intensifica a movimentação política e intelectual, que passaremos, a partir de agora, a discutir.

Esses fatores, supracitados, potencializam o nacionalismo angolano e, em consequência, a produção literária também vai se delineando, tomando forma e volume. É equivocado, entretanto, pensarmos que a literatura só aparece em Angola no século XIX, assim como é igualmente errôneo pensar que apenas no século XX é que há, nessas colônias, luta contra a presença portuguesa e, se já afirmamos que a História e a Literatura de Angola estão intimamente ligadas, é esperado que a intensificação dos conflitos coincida com o aumento da produção literária.

Luandino Vieira escreve, em *Literatura Angolana: estoriando a partir do que não se vê* (2008), que o marco inicial da literatura angolana poderia ser quando alguém, não se sabe quem, chegou e escreveu “Aqui chegaram as naus do esclarecido dom João, e puseram as cruzes”¹⁰⁷. Entre outras interpretações, isto nos diz que não podemos desprezar toda a literatura que se produziu desde o momento da chegada do outro.

Esta sugestão de Luandino nos faz questionar a posição de alguns autores e críticos que diferenciam a *literatura colonial* da, de fato, *literatura angolana*, esta que é produzida pelos nativos, sem a visão do europeu, ou seja, produzida de “dentro”,

¹⁰⁴ Cf. CASTELLO, Claudia. *Passagens para a África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

¹⁰⁵ Cf. MATTOS, Norton de. *Apud* MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

¹⁰⁶ O Ato Colonial, decretado em 1930, foi, basicamente, o estabelecimento de regras entre metrópole e colônia. Incorporado à Constituição portuguesa no governo de Salazar, esse decreto reforçava a submissão da colônia ao Império português.

¹⁰⁷ VIEIRA, Luandino. “Literatura Angolana: estoriando a partir do que não se vê”. In: PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 31 – 37.

com o olhar do angolano diante da situação em que se vê. Na visão de Manuel Ferreira, por exemplo, elas se definem

[...] essencialmente pelo facto de o centro do universo narrativo ou poético se vincular ao homem europeu e não ao homem africano. No contexto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente e, quando tal acontece, é já um avanço, porque a norma é a sua animalização ou coisificação. O branco é elevado à categoria de herói mítico, o desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. Exemplo: «o único país que pode explorar seriamente a África, é Portugal».¹⁰⁸

O questionamento que se apresenta, neste sentido, seria a respeito do que se perde, em história, em memória, em conscientização nacional, se se nega a literatura colonial como parte integrante, inicial da literatura angolana.

É certo que a visão e os textos que vinham a público nesta chamada literatura colonial, não raro, retratavam os nativos como selvagens cuja salvação dependia dos brancos. É pouco ou nada representativa para o angolano, em se tratando de sua identidade, de seu nacionalismo, de sua cultura, como confirma Manuel Ferreira:

É evidente que esta literatura, nascida de uma experiência planetária, numa época em que o mundo cristão reconhecia o direito à dominação, à depredação e até à barbárie (a cruz numa mão, e a espada noutra) nada tem a ver com a literatura africana de expressão portuguesa. Este registo destina-se apenas ou, sobretudo, a retermos factos longinquamente relacionados com o quadro cultural e político que, séculos depois, havia de surgir, e é a razão primeira destas páginas¹⁰⁹.

Faz parte do discurso do colonizador o menosprezo pelo colonizado para garantir a hierarquia e as relações de poder que se estabelecem nesses cenários. A literatura colonial cumpriu, de maneira eficaz, esse papel, colocando os nativos como exóticos, incivilizados e dependentes, portanto, da bondade dos portugueses. Não raro, encontramos registros bastante significativos dessa literatura.

¹⁰⁸ FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Amadora: Bertrand Venda Nova, 1977. p. 10.

¹⁰⁹ FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Amadora: Bertrand Venda Nova, 1977. p. 8.

Em 1949, é publicado, no Rio de Janeiro, o romance *Terra Morta*, de Castro Soromenho, já proibido pelo Estado Novo, que exemplifica a opressão sofrida pelo trabalhador colonial das minas de diamante e que demarca a necessidade da mão de obra angolana para o andamento da metrópole. O romance, já um “texto branco”¹¹⁰, como define Laura Padilha, evidencia a superioridade do branco sobre o nativo e ressalta a relação de violência:

_Gajos desses, só a chicote! _ vociferava Valadas _ Que respeito podem ter esses selvagens quando veem coisas dessas? É por isso que hoje se veem negros voltarem-se contra brancos. Quando eu vim para cá, nem levantavam os olhos. Agora é o que se vê... E qualquer dia, correm-nos à porrada. A mim, nunca, que até lhes trincava o coração.¹¹¹

Se se pode tirar, entretanto, um saldo positivo desse tipo de registro, é a consciência, o sentimento nacionalista, o anseio e a necessidade de produzir uma literatura capaz de expressar o outro lado da história que a literatura colonial acaba despertando nos nativos.

Ao se apoderar da arma/texto do outro, embora lamentasse Manuel Rui, o nativo africano consegue unir beleza e potência de ação num só projeto literário. Ao salvar o seu texto da quase morte, incorporando-o ao texto do branco, os nativos descobrem que a escrita pode ser tanto ou mais poderosa do que o canhão, como podemos ver neste fragmento de Costa Andrade, de “Motivo”, em que o autor apela pela junção de poesia, catanas e armas em prol da liberdade:

juntei na mão
os meus poemas
e lancei-os ao deserto
para que areias
se transformem em protesto.
sejam catanas armas ou punhais
sejam protesto.
e uma arma tão forte que construa
os alicerces desta sede de criar independência. [...] ¹¹²

Ou nos versos de Alda Lara, de “Rumo”, em que o eu-lírico chama a caminhar:

¹¹⁰ PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre Voz e Letra: O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1995. p. 130.

¹¹¹ SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*. Lisboa: Edições Cotovia [edição original de 1949, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil]. 2008. p. 247.

¹¹² ANDRADE, Fernando Costa. “Motivo”. In: *Poesia com armas*. Lisboa: Sá da Costa, 1975. p. 21

É tempo, companheiro!
 Caminhemos...
 Longe, a Terra chama por nós,
 Da Terra... [...]

Vamos!
 que outro oceano nos inflama...
 Ouves?
 É a Terra que nos chama...
 É tempo, companheiro!
 Caminhemos...¹¹³

Desde o início do desenvolvimento da literatura angolana, já no século XIX, como mencionamos, o que se via era um poderoso instrumento de conscientização, de afirmação de identidade, de chamada à luta.

2.4 Momento II: Os “heróis do 4 de fevereiro”¹¹⁴ e os heróis da pena

A partir do período de inconstância que se seguiu, em Portugal, após a década de 30, desembocamos no 4 de fevereiro de 1961, dia em que um grupo de cerca de duzentos angolanos dão início à Luta de Armada de Libertação Nacional ao tomar a cadeia da 7ª Esquadra da Polícia, a Casa de Reclusão Militar e a Rádio Oficial de Angola.

Esse grupo, armado precariamente com catanas¹¹⁵, liberta alguns presos e deixa registrado esse dia como o marco inicial da luta armada contra a presença portuguesa. O episódio foi, logo depois, reprimido e muitos desses rebeldes, foram mortos ou presos. De qualquer forma, porém, este ficou sendo um marco na luta angolana pela independência. René Pelissier resume o que esse episódio e muitos outros ocorridos neste mesmo ano de 61, representaram, em termos práticos:

[...] para o poder estabelecido em Lisboa, tratava-se de sérias ameaças que podiam pôr em perigo a estabilidade de Portugal e, logo, a do regime e a hegemonia dos seus apoiantes em relação à sociedade e à economia portuguesas. As revoltas tinham de ser

¹¹³ LARA, Alda. “Rumo”. In: *Poemas*. 4.ª ed. Porto: Vertente, s/d.

¹¹⁴ Verso que compõe o hino Nacional de Angola.

¹¹⁵ Tipo de facão, geralmente, com cabo de madeira e lâmina curvada comumente usada para desbastar mato. Esse foi o tipo de arma usado pelos “heróis do 4 de fevereiro”, em Angola, quando invadiram prisões para libertar os presos políticos dando início à Luta Armada de Libertação Nacional e virou símbolo nacional ao ser estampada na bandeira angolana.

suprimidas, com concessões em questões secundárias, mas intransigência nos pontos essenciais: ou seja, a preservação de Angola, das províncias ultramarinas e das suas riquezas. Assim, as reformas seriam praticamente nulas no campo político concreto, mas muito mais importantes em termos da vida cotidiana do africano médio¹¹⁶

De fato, alguns movimentos políticos foram se organizando, desde o final da década de 1940 e, contando com o intercâmbio de políticos, intelectuais e civis que transitavam entre Portugal e Angola, ganham força e forma para a consolidação da luta pela independência. A partir deste simbólico 4 de fevereiro, de autoria da União das Populações Angolanas, (UPA), a luta a favor da independência se consolida, ao passo que muitos partidos também determinam suas alianças e ideias e começam a colocá-las em prática.

Mais uma vez, e de forma cada vez mais frequente, cruzam-se Literatura e História para registrar e, por vezes, dizer o não dito. Arthur Maurício Pestana dos Santos, Pepetela, como ficou conhecido, é prova. Guerrilheiro pelo MPLA, escreve vários romances sobre o período de organização política no movimento, como em *Mayombe* (1982) e *A geração da utopia* (1992). Na primeira, cujos narradores se alternam em suas reflexões enquanto estão embrenhados na mata densa da floresta de Mayombe, a serviço do MPLA, na região de Cabinda, Pepetela nos traz um retrato das novas identidades angolanas formadas a partir da luta pela libertação, que misturava etnias e tradições e que deixa a imagem do novo angolano. O romance deixa, entre outras, a mensagem da união e da confiança necessárias entre esses diferentes tipos de pessoas para que haja um equilíbrio e para que se busquem mudanças significativas através dos movimentos revolucionários e de um novo governo para o país.

Na segunda, acompanhamos um grupo de jovens por um período de quarenta anos. O romance é dividido em quatro partes (A casa, A Chana, O Polvo e O Templo) e delinea os conflitos enfrentados desde 1961 até a década de 1990, passando, portanto, pelo processo de independência e de guerra civil do país. Os valores transmitidos em *Mayombe*, são contrastados por Pepetela em *A geração da utopia*, que revela, entre outras coisas o sentido da frase inicial do livro “Portanto, só os ciclos

¹¹⁶ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 276.

eram eternos”¹¹⁷, ao mostrar os ciclos pelos quais Angola passou a continua passando para consolidar sua independência e, conseqüentemente, sua identidade.

É importante assinalar, quem foram, de fato, os agentes promotores da independência de Angola. A partir desta obra de Pepetela, podemos observar a movimentação política da guerrilha do MPLA, que se posiciona ao norte, enquanto mantém relações em Luanda, em Portugal e em variadas Províncias do território angolano. O que ocorre em *Mayombe*, a mistura de etnias, “Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura do café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português”¹¹⁸, e a diversidade dos níveis de escolaridade dos guerrilheiros, professores, enfermeiros, comissários políticos, entre outros, revela a movimentação independentista promovida por uma elite, luandense, em sua maioria, pessoas que haviam estudado na metrópole, com formação universitária, portanto, os “doutores”, como eram chamados pelos militantes da FNLA, por exemplo.

De todos os movimentos e alianças dentro e fora de Angola – e não foram poucos: Comitê Federal Angolano, Angola Negra, Comissão de Luta das Juventudes contra o Imperialismo Colonial em Portugal, o PCA (Partido Comunista de Angola), o PLUA (Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola), o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), o MAC (Movimento Anticolonialista), o MLN (Movimento de Libertação Nacional), O MINA (Movimento de Independência Nacional de Angola), o MPIA (Movimento para a Independência de Angola), a FRAIN (Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colônias Africanas), a UPNA (União das Populações do Norte de Angola), o MDIA (Movimento de Defesa dos Interesses de Angola), o GRAE (Governo Revolucionário de Angola no Exílio), a FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), a UNITA (União Nacional pela Independência Total de Angola), entre outros – com maior ou menor duração, contando com grandes apoiadores ou apenas um grupo restrito, com a intenção de libertar Angola ou parte dela, sejam quais forem as razões e as condições desses tantos blocos, algumas características eram comuns, como a de serem perseguidos pela portuguesa PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) e de causarem, em maior ou menor grau, preocupação e instabilidade ao governo português.

¹¹⁷ PEPETELA. A geração da utopia. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000. p. 11.

¹¹⁸ _____. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982. p. 6-7.

Certamente, alguns desses movimentos vão ganhando maior destaque no cenário da luta independentista. Um deles é o MPLA que, liderado pelo poeta e médico António Agostinho Neto, nasceu de uma união do PLUA com outros movimentos clandestinos menos conhecidos, entre os anos de 1953 a 1956, não se sabe ao certo. A FNLA, fundada a partir da UPA, do Partido Democrático de Angola, tinha por líder Holden Roberto, também compuseram o elenco nesta movimentação colonial em prol da independência.

Neste contexto, é importante observar a migração das atenções para a capital. São esses movimentos, que irão se manter até a independência, e que se tornarão fundamentais para o desenvolvimento ou o atraso de algumas regiões do espaço angolano, bem como vão delinear, posteriormente, a relação do país com a metrópole. Sobre a FNLA e o MPLA, problematiza Marcelo Bittencourt:

Não obstante essa diferenciação entre luta enquadrada pelos movimentos de libertação e luta dispersa, encontrados também em outros casos de confronto pela independência na África, devemos insistir um pouco mais nesse tema da polarização entre propostas caracterizadas como nacionais, socialistas e modernas, ou étnicas, conservadoras e atrasadas para pensar o próprio embate entre os movimentos de libertação angolanos. Mais ainda, podemos questionar até que ponto essa composição nacional/socialista/moderno *versus* étnico/conservador/atrasado moldou a percepção que se constituiu dos dois principais movimentos de libertação angolanos.¹¹⁹

De fato, o MPLA, constitui-se de uma diversidade étnica e de uma abertura mais evidente às relações internacionais, na medida do possível, obviamente, o que conferiu à capital maior desenvolvimento e maior modernização. O movimento, ao se instalar em determinada área, principalmente, no interior, recrutava os combatentes e montava escolas – as condições em que estas funcionavam, estava longe de qualquer padrão aconselhável – mas, o mais importante é que, além de alfabetizar, doutrinava para o combate. Em contrapartida, a FNLA se organiza no norte de Angola e, com fortes raízes na etnia bakongo, alicerçam-se no interior, na defesa de uma libertação sem vínculos com o colonizador português.

¹¹⁹ BITTENCOURT, Marcelo. “Modernidade e atraso na luta de libertação de Angola”. In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (org.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 277-294.

Neste contexto, é esperado que não se veja setores bem estruturados, mas o posicionamento do território luandense, no litoral, o tipo de colonização, o trânsito de pessoas para a metrópole, assim como a presença de uma elite branca e mestiça, são fatores que contribuíram, para o desenvolvimento de algumas áreas fundamentais para a formação de uma zona urbana moderna, como se tornava Luanda. Nas palavras de Marcelo Bittencourt:

As elites angolanas bakongo sofreram um processo de urbanização mais tardia, o que lhes possibilitava maior integração com o campo e com as tradições de suas famílias, quando comparadas, principalmente, às famílias luandenses, há bastante tempo, urbanizadas, envolvidas em atividades comerciais diferenciadas e mais próximas do aparelho colonial montado por Portugal.¹²⁰

Por este fragmento de Bittencourt, podemos observar alguns questionamentos anteriores. A questão da identidade nos salta aos olhos se analisarmos como seria possível equilibrar o desenvolvimento, tão necessitado para Luanda e que é promovido por uma elite que se identifica à metrópole, distante, portanto, das tradições angolanas, ao passo que, no Congo-Léopoldville, no norte de Angola, esse desenvolvimento acontece de maneira parca e tardia, por se fixar nas tradições e nas atividades voltadas ao interior, de tradições africanas. É difícil pensar o que se perde em tradição, em memória quando o preço do desenvolvimento requer certo apagamento da angolanidade e se volta às características do colonizador.

É precipitado, entretanto, afirmar que Luanda esteja se tornando, a essa altura um Não-lugar, como o define Augé, já que, neste espaço, ainda se dará grandes transformações e se tornará, ele próprio, num espaço onde será possível observar as consequências dessa modernidade, como já nos apontou Milton Santos e nos mostrará tantas obras da literatura.

Faz-se necessário, por hora, tanto o abandono desse, aparentemente, interminável quebra-cabeças político angolano, como o regresso a Portugal. O país, já bastante desestabilizado, sem recursos, com cerca de 30% da população analfabeta, sem equipamentos bélicos e soldados suficientes – uma vez que a maioria dos combatentes portugueses estava na África a tentar reprimir as organizações independentistas. Vale ressaltar, aqui, que os movimentos independentistas não

¹²⁰ Ibidem.

ocorriam apenas em Angola, que, aliás, foi a última a conseguir a independência. Trata-se, na verdade, de movimentos e lutas de todas as colônias portuguesas na África, a saber: Moçambique, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde – encontrava-se, também, em um período notoriamente instável.

A chamada crise do petróleo¹²¹, que afetou grande parte da Europa, assim como a desvalorização do dólar e todas as conturbadas quedas que o capitalismo vinha sofrendo, colocou Portugal, já imerso em seus problemas internos e nas colônias, numa situação bastante delicada. Raquel Varela observa, especificamente, o caso português neste contexto:

[...] no caso português caminharam em conjunto: guerra e crise económica, duas dimensões da «crise nacional». A crise económica atingiu a classe dominante nacional, provocando divisões no seu seio e praticamente inviabilizando o esforço de guerra que já devorava 40% das despesas do Estado (e 8% do PNB). [...] a taxa de variação do Produto Interno Bruto passa de 11,2% em 1973 para 1,1% em 1974 e -4,3% em 1975. No caso português há uma *tempestade perfeita* – expressão que se usa para designar quando todos os fatores confluem num mesmo ponto: 1) crise económica; 2) guerra; 3) desorganização e desenquadramento do movimento operário em estruturas fortes capazes de conter ou ser focos orgânicos de negociação com o Estado; 4) um proletariado jovem e concentrado¹²².

Em meio a esses problemas que não se via capaz de solucionar, Portugal é surpreendido pela revolução de 25 de abril, que ficou conhecida como Revolução dos Cravos e que levou a população portuguesa às ruas para, finalmente, em 1974, reclamarem a sua liberdade após mais de três décadas de repressão política pelo governo ditatorial. Esta foi uma revolução pacífica, liderada por militares do MFA (Movimento das Forças Armadas), comandada pelo capitão Salgueiro Maia e com o apoio de milhões de portugueses descontentes com a situação política, econômica e social.

A situação em que se encontrava Portugal somada às mudanças que se seguiram à Revolução dos Cravos, obrigou o país a uma tomada de atitude, em relação à Angola. Ainda segundo René Pelissier:

¹²¹ A Crise do petróleo, na década de 1970, foi desencadeada quando foi revelado que o produto não era renovável, fato que aumentou demasiadamente os preços e desestabilizou a economia de vários países, entre eles, Portugal, que já se encontrava em situação delicada politicamente.

¹²²VERELA, Raquel. *As causas da Revolução dos Cravos*. Disponível em: raquelcardeiravarela.wordpress.com. Acesso em: 11/08/2016.

A guerra afetou de duas formas as economias portuguesa e angolana. Juntamente com a guerra na Guiné e em Moçambique, obrigou Portugal a efetuar gastos muito elevados para um país que era, ele mesmo, subdesenvolvido. [...] Assim, uma guerra que, lentamente, esgotava Portugal desenvolvia Angola, graças às despesas de soberania e ao muito considerável investimento efetuado para recuperar o atraso.¹²³

Já em janeiro de 1975, Mário Soares e Costa Gomes, Ministro das Relações Exteriores e Presidente de Portugal, respectivamente, tratam, entre os líderes dos três partidos atuantes em Angola, o *Acordo do Alvor*. Este acordo estabelecia a distribuição do poder, em Angola, após o 11 de novembro daquele mesmo ano, data marcada para o governo conceder a Independência ao país e determinava que, até lá, o alto-comissário português mantinha os seus poderes sobre Angola.

O MPLA, a FNLA e, agora, a UNITA, liderada por Jonas Malheiro Savimbi, entretanto, tão logo assinaram o acordo, deram início a novos conflitos armados que desencadeou, imediatamente, a outra fase na história de Angola, a guerra civil.

A luta contra o colonizador, que já não era muito organizada, justamente, porque muitos movimentos não conseguiram se manter unidos nesse mesmo objetivo e visavam a interesses étnicos e políticos particulares, agora se intensifica entre três grandes blocos, cujo cenário migra das regiões interioranas e matas para a capital Luanda.

Aguardando, então, o dia 11 de novembro, os três partidos se organizam para, neste dia, declarar, na Emissora Oficial, a Independência de Angola ao mundo. É importante enfatizarmos, aqui, o espaço de Luanda, que se torna, desde os dias anteriores, um campo de combates violentíssimos, alvo de ataques e bombardeios.

O governo português, enfrentando grave crise econômica, não se arriscaria a tentar cessar a luta entre os três. O MPLA, apoiado pela União Soviética e pelo governo cubano, que envia médicos, professores e alguns estrategistas de guerra, assume certa vantagem sobre seus rivais e, em 11 de novembro de 1975, Agostinho Neto declara ao mundo a Independência de Angola. A FNLA acaba perdendo suas alianças e entra em decadência, deixando a UNITA como única oposição ao MPLA.

¹²³ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 284

2.5 Momento III: O conflito interno da guerra civil angolana

Antes mesmo do 11 de novembro, a situação de guerra civil já havia se instaurado. Tão logo o Acordo de Alvor foi assinado, MPLA, FNLA e UNITA já deram início a uma luta interna pelo poder na Angola Independente.

Logo em 1976, depois de ter as tropas derrotadas, a FNLA perde bastante apoio e entra em declínio. Em contrapartida, a UNITA, agora com o apoio de governo Reagan e da África do Sul, se fortalece. Inspirados pela Guerra Fria, o presidente Agostinho Neto e o líder da oposição, Jonas Savimbi, reforçam suas alianças. O apoio da Cuba e da União Soviética ao MPLA continua lhe garantindo uma posição privilegiada de liderança no poder.

O MPLA, entretanto, após o êxodo dos portugueses e de nativos fugindo dos conflitos, do fechamento de boa parte do comércio, dos gastos com a guerra de Independência, se vê à beira do caos. Entra, assim, no que é chamado de Segunda Guerra de Libertação. René Pelissier resume a situação aferida até o momento:

Com a conclusão, em 1976, daquilo que se chamou de “Segunda Guerra de Libertação” e ao longo dos primeiros anos de independência, a administração do MPLA adotou por inteiro a ideologia marxista-leninista e os modelos político-econômicos da União Soviética e de Cuba. As relações a o contato com Portugal foram substancialmente rompidos durante alguns anos, à medida que Angola adoptava novos modelos económicos e educativos com base na influência soviética. A constituição angolana e os sistemas jurídicos posteriores reflectiam essas mudanças.¹²⁴

O clima no mundo era o da Guerra Fria. Em Luanda, porém, a guerra era concreta. Os conflitos entre MPLA e UNITA se acirravam e se espalhavam por todo o país. O baque da morte de Neto, político, médico e escritor, figura de grande representatividade antes, durante e depois da luta de independência, não impede a movimentação do MPLA, comandado, a partir de então, por José Eduardo dos Santos.

Este é o contexto, como já dissemos, que se passarão os romances *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de Ondjaki. Nesses dois romances, que se passam a partir dos anos da primeira fase da guerra civil, isto é, década de 1980, aproximadamente, vemos representada a reestruturação da cidade de

¹²⁴ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 363.

Luanda através da visão de um menino de seus doze anos, não se sabe ao certo. A presença das alianças que o governo angolano trava no processo de independência e de guerra civil, é mostrada e, igualmente, analisada pela personagem narrador. A simpatia pelos cubanos, em especial, os professores Ángel e María, que ganham destaque no enredo de *Bom dia camaradas*, ressalta, por vezes, o ideal partidário imposto aos angolanos – como o fato de terem que se levantar e bater continência quando a diretora da escola ia dar um recado ou no desfile de 1º de Maio, dia do trabalho – mas a relação de empatia desses professores para com os alunos fica evidente e ganha um caráter melancólico para a relação das personagens, como demonstra o fragmento seguinte:

Outra vez nos despedimos.
 Outra vez aquela imagem de ir cada um para o seu lado.
 Lá em cima na janela o professor Ángel tinha a mão dele no ombro da professora María, e dava-lhe beijinhos na bochecha para ela não chorar tanto.
 Um pingo de chuva, sozinho, caiu-me na cabeça, nessa, que foi a última vez que vimos aqueles camaradas professores cubanos.¹²⁵

Já em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, os lagostas azuis, como são apelidados os soviéticos, não despertam a simpatia, ainda que estejam na cidade por bastante tempo: “_Há dez anos aqui e nunca aprendeu o português de Angola. Estes soviéticos são uma vergonha do socialismo linguístico_ a AvóCatarina falou”¹²⁶.

O espaço luandense ganha destaque nas duas obras. Em ambas, acompanhamos a reconstrução da cidade, apesar da parca infraestrutura, a construção de monumentos que farão, de forma positiva ou não, parte da identidade e do espaço dali, podemos percorrer, pelas observações do menino, as ruas esburacadas e empoeiradas, as fontes sem água, os postos de gasolina sem gasolina, as casas, os bairros, praia, enfim, conseguimos ter uma visão da cidade no seu dia a dia.

Esta Luanda é, também, cenário da infância do autor, que vivenciou os conflitos e cresceu neste cenário de reconstrução e de luta civil. É interessante nos atentarmos, aqui, para duas questões. A primeira, diz respeito à referência autobiográfica que, parece, se encontrar misturada à ficção. Não raro, Ondjaki cita, em suas obras, personagens que fizeram parte da sua infância, assim como nomeia uma

¹²⁵ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 128.

¹²⁶ _____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 23.

personagem com seu nome verdadeiro, Ndalú. Este pacto autobiográfico, se podemos assim denominá-lo – no qual não vamos fixar atenção – vamos entendê-lo como um encontro, uma ponte do sujeito adulto com a memória infantil.

A segunda, é importante, já que mencionamos esses possíveis traços biográficos, ressaltar o espaço de Ondjaki nesse contexto em que cresceu. Filho de uma professora e de um funcionário do ministério, podemos dizer que gozava de uma posição privilegiada neste cenário, outro fato que aparece na caracterização da personagem central destes seus romances. O menino, em *Bom dia camaradas*, principalmente, ouvia, pelo rádio, as notícias da guerra, enquanto comia à mesa com a família, tomava gasosas e esperava boleias no carro do ministério para ir à escola.

A atenção da ONU (Organização das Nações Unidas) se volta para Angola quando a iminência do fim da Guerra Fria já prenunciava o destino da União Soviética e, por consequência, o destino das políticas marxistas-leninistas praticadas em Angola. Essas políticas regravam, por exemplo, o acesso à comida através dos cartões de abastecimento, fato que contribuiu para o aumento do número de seguidores adeptos da UNITA e, por conseguinte, aumento também dos conflitos.

As eleições, que levaram milhões de angolanos às urnas, só ocorre depois de muitos outros conflitos, entre 29 e 30 de setembro, de maneira tranquila mas,

Apesar de as Nações Unidas terem certificado que as eleições tinham sido “globalmente livres e justas”, a Unita acusou o MPLA de falsear os resultados [que havia sido favorável ao partido], remobilizou as suas forças e retomou a ofensiva em finais de 1992. De acordo com os resultados, o MPLA tinha conquistado uma maioria absoluta de assentos na Assembleia Nacional, com 54 por cento dos votos [...] Eduardo dos Santos obteve 49,6 por cento dos votos e Jonas Savimbi 40,1 por cento.¹²⁷

A guerra civil, agora na sua segunda fase, estava recomeçada. O conflito, que dura de 1992 a 1994, torna-se, rapidamente, o mais violento e devastador para Angola. Após as eleições, a UNITA reforça seus exércitos e domina cinco províncias no país, ignorando o poder do MPLA.

Até os anos de 1999, novos e intensos conflitos permanecem e é só a partir daí, que começa o esfacelamento da UNITA e o disparar da popularidade do MPLA dentro e fora de Angola. Sem recursos e condenado a voltar às velhas táticas de guerrilha, a

¹²⁷ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed. p. 367.

UNITA, que, para muitos estudiosos e historiadores, conseguiu prosseguir por tantos anos nesse conflito em função do seu líder Savimbi vê seu líder morto em 2002, para arrematar a sequência de derrotas do movimento. René Pelissier ainda nos fala sobre isso:

De facto, a personalidade do carismático e implacável Savimbi, uma encarnação angolana do chavão historiográfico da “teoria dos grandes homens da história”, foi essencial para o prolongamento do conflito. O personalismo e a importância do indivíduo dominador na política impulsionaram a guerra civil, mesmo depois de a causa da UNITA, em meados dos anos 90, se ter tornado crescentemente desesperada.¹²⁸

Desde antes da independência, são necessários muitos anos e muito sofrimento para que o país, definitivamente, começasse a se reerguer e se reconstruir, e esta reconstrução passará, novamente, pela identidade. Como já observamos, o surgimento desse novo angolano passará pela mesma fragmentação à qual as sociedades contemporâneas estão sujeitas. O espaço da cidade de Luanda ganha novo aspecto e torna-se peça chave para analisarmos como irão se configurar as relações entre os lugares e as pessoas, assim como a identificação e as memórias das pessoas aos lugares.

As marcas das lutas estão cravadas no espaço e na memória angolanos, como relembra o hino nacional, escrito e musicado por Manuel Rui e Rui Mingas, no ano da independência:

Oh, Pátria nunca mais esqueceremos
Os heróis do 4 de fevereiro
Oh, Pátria nós saudamos os teus filhos
Tombados pela nossa independência

Honramos o passado e a nossa História
Construímos no trabalho um homem novo¹²⁹

Se nos atentarmos para o fato de que essas guerras aconteceram há pouco mais de quarenta anos – a de independência – e pouco mais de quinze, a civil – é fácil

¹²⁸ PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. p. 370.

¹²⁹ Fragmento do Hino Nacional de Angola.

entendermos (senão justificarmos) esses constantes avanços e retrocessos no processo de reconstrução do país, tanto física e estruturalmente, quanto socialmente.

Sabemos que a guerra é ruim para todos que nela estão envolvidos, igualmente desestruturados e vitoriosos. De imediato, é preciso a elaboração de medidas políticas, econômicas, de reestruturação do Estado, de criação de novas leis. Em Luanda, assim como em todo o país, falta tudo – comida, medicamentos, água, eletricidade – e, sobretudo, falta ajuda desinteressada. É preciso, acima de tudo, acreditar no desenvolvimento do país, trabalhar para fazê-lo, para “recuperar” ou refazer o que se perdeu.

No caso de Angola, outros desejos somam-se a esses: o de resgate da cultura usurpados por séculos. O de trazer à tona, com nova roupagem, o texto vivido à sombra das árvores, o do gosto pelas histórias à beira da fogueira, como nos versos saudosistas de Agostinho Neto:

Às casas, às nossas lavras
às praias, aos nossos campos
haveremos de voltar. [...]

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
haveremos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
haveremos de voltar

Haveremos de voltar
à Angola libertada
Angola independente.¹³⁰

Em suma, o desejo de que as palavras renasçam da escrita e se tornem vivas. É sob esta perspectiva, entre outras, que a obra de Ondjaki irá se configurar. O anseio pelo novo, pela escrita moderna que reafirme o orgulho pela tradição e pela história do país, mas que, acima de tudo, venha inserir a literatura de uma Angola independente entre os novos, que traga uma nova roupagem capaz de unir a poesia, os traços da oralidade à crítica, ao diálogo sobre questões fundamentais para a nova condição do país.

¹³⁰NETO, Agostinho. Adeus à hora da largada. Havemos de voltar. Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org> >Acesso em: 28/10/2016.

2.6 A consolidação do romance angolano

“Se é certo que à independência literária precede a independência política, [como afirma Inocência Matta] esta última situação não deixará de influenciar, decisivamente, a história, a crítica e a avaliação do sistema literário”¹³¹. A simultaneidade em que se desenvolve a conscientização nacional e a literatura angolanas, no final século XIX, unem a necessidade de uma produção literária autônoma, isto é, que se desvinculasse do olhar do colonizador, a uma organização intelectual contra a presença portuguesa em Angola.

Os textos angolanos da chamada literatura oral, além de serem suprimidos pela minoria branca que impunha a sua cultura, eram pouco lidos, já que grande parte da população angolana não sabia ler ou escrever. Esse esforço intelectual de produzir literatura “de Angola e por Angola, fundamentalmente angolana”¹³², demarcou, portanto, o início do trabalho de conscientização. Era preciso enfatizar as diferenças entre africanos e europeus para, a partir de então, introduzir o discurso anticolonialista.

Neste contexto, não é difícil, para muitos críticos, organizarem a literatura produzida em Angola em períodos, como o faz Pires Laranjeira, em seu *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, (1995) que delinea o primeiro como desde o início até 1848, com a publicação de *Esportaneidades da minha alma*, de Maia Ferreira; o segundo, desta data até 1902, período em que é publicada a novela-folhetim de Alfredo Troni, *Ngá Mutúri* (1882); e o terceiro, de 1903 a 1947, “abrangendo sensivelmente a primeira metade do século XX, de prelúdio ao que viria a ser na segunda metade do século XX, o nacionalismo inequívoco e intenso”¹³³.

Neste período, é interessante notar, António Pinto Teixeira publica, na metrópole, o artigo intitulado “A colonização em Angola”. Nele, podemos entender claramente, a posição do colonizador sobre o colonizado, a ideia de que, aos portugueses, cabia a salvação do indígena africano, como podemos comprovar por este fragmento:

¹³¹ MATTA, Inocência. “A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns”. In: LEÃO, Ângela (org.). *Contatos e Ressonâncias – Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2003 p. 43-72

¹³² EVERDROSA, Carlos. *Roteiro de Literatura angolana*: Lisboa: Edições 70, 1979.

¹³³ LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. (vol. 64), Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p.36-43

O indígena, em igualdade de direitos com o Europeu, civilizado progressivamente pelo trabalho, pelo exemplo dos colonos, pela catequização dos missionários, e pela tutela e assistência das autoridades civis, subordina-se alegremente aos chefes Europeus, confiando na sua justiça e carinho¹³⁴.

Textos como esse, por serem comuns e por, insistentemente, colocar o nativo como inferior ou incivilizado, justificavam as formas de segregação e desprezo com que os angolanos eram vistos e tratados. Propagam a regra de que o nativo se tornaria cada vez mais igual ao europeu quanto mais trabalhasse e assimilasse sua cultura. É certo que, à medida em que esses textos vão sendo divulgados, instigam, também, um desejo de romper com esse colonizador, de fazer com que, de fato, o indígena seja visto com igualdade de direitos com o europeu, o que, conseqüentemente, induz ao crescimento do pensamento nacionalista angolano.

Esses três períodos, caracterizam a literatura colonial, conforme explica Pires Laranjeira:

A literatura colonial estende as suas milhares de páginas aos leitores europeus de novidades tarzanísticas. Vigoram as temáticas da colonização, dos safaris, da aventura nas selvas e savanas, numa panóplia de atracção exótica. O negro é figurante ou personagem irreal. É o período em que o romance ou a novela de Castro Soromenho ainda não se desprenderam de um certo etnologismo mitigado, em que o negro ainda é observado através do filtro administrativo e preconceituoso, como facto e fautor de curiosidades.¹³⁵

Em seguida, entre 1948 e 1960, é que se dá o início da formação da literatura angolana, processo em que o nacionalismo irá aflorar e os ideias patrióticos se tornará mote para a produção das obras. De 1961 a 1971, os textos, cuja produção era impulsionada pelo desenvolvimento da atividade editorial, tratam de temáticas que retratam a opressão do colonizado, as guerrilhas pela libertação e a luta armada. Neste contexto, *Luuanda* (1964), de Luandino Vieira, ganha destaque quando o autor recebe

¹³⁴ TEIXEIRA, António Pinto. A colonização em Angola. In: *Boletim da agência geral das colônias*, 1929. P. 99 – 115.

¹³⁵ LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. (vol. 64), Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p.36-43

o prêmio da Sociedade Portuguesa de Escritores, enquanto estava preso em Tarrafal, na ilha de Cabo Verde, condenado por terrorismo.

Esse despertar de consciência, no entanto, acontecerá, talvez, com a publicação de *Terra morta* (1949), de Castro Soromenho, obra que polemiza a questão da assimilação, em Angola. A partir desse embate se pode começar a questionar o que é ser angolano.

Impulsionados pelo surgimento do MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola), em 1940 e pelo movimento “Vamos descobrir Angola”, liderado por Viriato da Cruz há, finalmente, a terceira etapa da consolidação da literatura angolana, que é aquela em que o rompimento com a metrópole, efetivamente acontece. Vale ressaltar que esse rompimento ao qual nos referimos se dá no campo literário. Angola ainda está sob domínio português e, portanto, toda obra estava dependente da aprovação do poder restritivo da metrópole.

De fato, depois da década de 1930, a produção é bastante intensificada e, segundo Rita Chaves:

Pela trilha aberta por Assis Jr., iriam seguir Castro Soromenho, Óscar Ribas, José Luandino Vieira, Pepetela, José Eduardo Agualusa, entre tantos outros que, valendo-se do gênero, empreendiam projetos de investigação que ajudam a mapear a fisionomia multifacetada do cenário cultural angolano. Ancorados no difícil cais de um porto tão convulsionado, esses escritores viram-se diante de muitos dilemas e compuseram um repertório variado, a partir da opção por diferentes estratégias artísticas. Unifica-os, porém a consciência patente de, em maior ou menor escala, precisarem fazer de seus textos um lugar de resistência às pressões que a condição colonial os condenava.¹³⁶

O que podemos observar, assim, é o surgimento de um movimento literário, mas também político e ideológico que irá se solidificar nos anos 50. Isso porque é nesse período que irá sair a publicação da Antologia dos novos poetas de Angola, de onde se destacam escritores como Alda Lara, Agostinho Neto, Viriato Cruz, Antero Abreu, Antonio Cardoso, entre outros.

Em 1951, soma-se à disseminação do ideal da luta independentista, um periódico de grande importância, *Mensagem*, onde eram publicados não só trabalhos

¹³⁶ CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP, 1999. p. 21.

literários, mas sobretudo, críticas, ensaios e assuntos políticos. Sobre isso, informa Márcia Maria Feitosa:

Além do caráter cultural, esta publicação servirá como meio de formação de uma resistência contra o colonialismo e de uma consciência pela libertação política. Este fato chamou a atenção da metrópole para o perigo que *Mensagem* representava. [...] Logo, *Mensagem*, com sua proposta inovadora, ameaça os objetivos do colonizador, que acabou por proibir a sua circulação.¹³⁷

Depois de plantada a semente pela *Mensagem*, os intelectuais continuaram o seu trabalho e, cada vez mais, contavam com o afloramento do nacionalismo angolano. Em consequência, surge, em 1957, um periódico ainda mais abrangente, o *Cultura II*, que abordava a face da nova identidade angolana, nascida da mistura com os portugueses e da mistura dessas culturas. Aos autores da chamada “Geração da Mensagem”, citados anteriormente, somam-se outros nomes importantes, como Carlos Everdrosa, Mário Lopes Guerra e Costa Andrade.

A propagação do *Cultura II* é contemporânea de um conjunto de acontecimentos que lhe serão favoráveis. Entre eles, destaca-se a fundação do MPLA, em 1956, que adiciona força ao movimento politicamente organizado contra a colonização e o contato direto com a CEI (Casa dos Estudantes do Império), em Portugal, o que proporcionou maior trânsito de informações e divulgações acerca do ideal nacionalista angolano.

A Casa dos Estudantes do Império que, “a partir de 1948 já era mais “africana” do que “imperial”¹³⁸, como relembra Manuel Ferreira, foi, segundo o crítico, “uma das mais importantes tarefas empreendidas, no domínio da cultura, nesse período, em todo o “Império”¹³⁹. Por isso mesmo, encerrada pela PIDE antes de ser reaberta de 1952 a 1957, com força ainda maior.

Não foi, entretanto, apenas dos intelectuais angolanos entre Angola e Portugal que sobreviveu o projeto ideológico-literário angolano. O cenário mundial também ajudou como pode. O neorrealismo português, o modernismo brasileiro, a negritude

¹³⁷ FEITOSA, Márcia Maria do Nascimento. *Palavra: uma arma eficiente de denúncia e luta pela construção da identidade*. Uma leitura de Regresso Adiado, de Manuel Rui. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: PUC, 2009. p. 40.

¹³⁸ FERREIRA, Manuel. “A libertação do espaço agredido através da linguagem”. IN: VIEIRA, Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 103.

¹³⁹ Idem. 2007. p. 105.

francófona e o movimento ideológico dos negros norte-americanos são exemplos que se aliaram à causa das colônias africanas.

Em 1958, para fechar esta boa fase da divulgação desse e de outros periódicos, como o *Meridiano*, em Coimbra e uma reedição da *Mensagem*, em Lisboa, soma-se a *Coleção de autores ultramarinos* e a *Antologia africana de expressão portuguesa, ambos de 1958*.

Já sabemos que o marco inicial da luta contra a presença portuguesa em Angola data de 1961. Também nesta década, se intensifica o número de publicações literárias e periódicos, se consolida o romance angolano, se dá o Primeiro Encontro de Escritores de Angola, o Prêmio Literário Maria José Abranches da Motta, a publicação de *A picada do marimbondo* (1961), e *100 poemas* (1963). E algumas obras dessa época tornaram-se referência mundial na luta pela identidade e libertação, a saber: *A cidade e a infância* e *Nós, os do Makulussu*, de Luandino Vieira, *A onda* e *O regresso adiado*, de Manuel Rui, e *Chão de ofertas*, de Rui Duarte de Carvalho.

Os períodos que se seguem após 1961, demonstram maior maturidade tanto na prosa quanto na poesia. A independência rende, além de mudanças políticas, mudanças estéticas na produção literária.

Na década de 1970, surge, ainda, o periódico *Resistência*, cujo lema era o fim da exploração do homem pelo homem. E, após a tão esperada independência, a recém-criada UEA (União dos Escritores Angolanos) trata, não só de produzir, como de resgatar várias obras perdidas no período colonial.

A partir de então, Luanda torna-se assunto de preferência dos escritores. Sobre isso, assinala Tania Macêdo:

Ainda que em outros momentos a cidade de Luanda esteja representada na literatura de/ sobre Angola [...], será nos fins dos anos 50 e 60 que a capital de Angola será o cenário por excelência dos textos angolanos. Nesse momento, verifica-se o esforço efetivo e coletivo dos escritores no sentido de dar forma artística a um projeto nacionalista que iniciava sua organização política e ao qual aqueles autores, como militantes ou simpatizantes, estavam ligados.¹⁴⁰

É neste sentido, que a cidade passa a ser reflexo da mudança de identidade do novo angolano e que ganhará suas representações na literatura. Sendo assim, *Bom dia*

¹⁴⁰ MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008. p. 114.

camaradas e AvóDezanove e o segredo do soviético, demonstram, não só a mudança de governo, a mudança que ocorre na cidade, nas tradições, nas formas como serão memorizados os novos espaços de Luanda, mas abrem caminho para uma análise crítica desses contrastes – colonização/independência, modernidade/tradição, identidades/diferenças – enfrentado pelo país.

3. ENTRE REALIDADE E FICÇÃO: POSSÍVEIS IDENTIDADES E MEMÓRIAS ATRAVÉS DOS ESPAÇOS

3.1 *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*: tempo, espaço, estrutura

Os romances *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético* são parte, como já dissemos no capítulo anterior, de uma seção da produção de Ondjaki que conhecemos como as obras dos Anos 80. Juntamente com o livro de contos *Os da minha rua*, terceira obra desse conjunto¹⁴¹, na qual o autor nos apresenta um narrador menino que nos revela situações, espaços e personagens comuns às três obras. A partir de agora, o nosso olhar se volta aos dois romances. *Bom dia camaradas*, o primeiro romance de Ondjaki, de 2003, cujo narrador personagem é um menino e que contará histórias de uma Luanda recém independente e em plena guerra civil.

Ambientados na década de 1980, a marcação de tempo, em ambos, é observada a partir do contexto da narrativa, não há uma data específica escrita. Podemos, porém, inferir, facilmente, se se conhece um pouco da história de Angola, que se trata do período imediato à guerra de independência do país, e sua seguinte guerra civil. Em *Bom dia camaradas*, a narrativa começa com um diálogo entre o menino e o camarada António, ajudante da casa, sobre esse contexto:

- Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no teu no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?
- Ê!, menino, mas naquele tempo, a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...¹⁴²

E, em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, desde o prólogo, percebemos que é ambientada nas obras do mausoléu que abrigará o corpo do Presidente Agostinho Neto, na Praia do Bispo, em Luanda, o que, mais uma vez, com o apoio da história, sabemos que se trata do período pós-independência: “Foi na PraiaDoBispo, no largo

¹⁴¹ Chamamos de conjunto as três obras de Ondjaki que se passam nos anos 80 e que têm, como narrador, um menino, também personagem. Essas obras, entretanto, são independentes umas das outras, isto é, não são sequenciais.

¹⁴² ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 18.

onde havia a bomba de gasolina, perto da entrada da famosa obra do Mausoléu [...] Foi num tempo que os mais velhos chamam de antigamente.¹⁴³

Temos, portanto, definido, os tempos das narrativas. O tempo da escrita de Ondjaki, porém, é, obviamente, outro, nos anos 2000. É através do olhar do menino que acompanhamos as ações, mas a escolha de um narrador infantil nessas obras, revela uma maneira de retornar ao passado, pela memória do autor, que é, frequentemente, associada à de seu personagem. Sobre isso, aponta Roberta Franco:

Sua releitura tem a própria infância como filtro e, neste sentido, é impossível não lembrarmos as questões que envolvem a autobiografia e, conseqüentemente, a memória. Hoje, encontramos inúmeros trabalhos que relacionam memória e história, e a literatura, por vezes, funciona como uma ponte para esse diálogo.¹⁴⁴

Embora não se possa confundir a vivência do autor, que passou a infância e a juventude nesta Luanda, durante a guerra civil, é possível perceber episódios comuns à vida e obra de Ondjaki, a começar pelo nome do menino, Ndalú – seu verdadeiro nome – recorrente nessas obras. Esta possível autobiografia é, entretanto, uma afirmação complicada, conforme explica Franco porque

Duas questões complicam a definição de autobiografia no caso de *Bom dia camaradas*: o nome do autor (pseudônimo) e o gênero “romance”, ambos apresentados na capa do livro [...]. Ondjaki é o nome que Ndalú de Almeida adotou para assinar suas obras (e não somente a obra em questão) e é esse o nome que “atrapalha” a conceituação plena de autobiografia, que tem como base a identidade do autor, narrador e personagem.¹⁴⁵

Se em diversos momentos, nas narrativas, em entrevistas ou paratextos, vemos clara essa possibilidade – como nas cartas que destina à escritora angolana Ana Paula Tavares, publicadas no fim dos livros, como em *AvóDezanove*:

[...] como podes ler, convoco memórias distorcidas para inventar estórias. Exerço o direito de atribuir falas aos sonhos – mesmo os que não tenham sido bem assim. porque eu sou este que crê em gritos azuis, em explosões com papagaios-pipa a esvoaçarem numa noite escura de luanda. continuo convocando as crianças para me falarem

¹⁴³ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009. p. 7.

¹⁴⁴ FRANCO, Roberta Guimarães. *Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana*. Niterói: Eduff, 2016. p. 40.

¹⁴⁵ Idem, 2016, p. 42.

das suas crenças em céus bailarinos. continuo escutando estórias para dar a ler a história...¹⁴⁶

Em outros momentos, contudo, o autor se distancia do narrador ao dar vida a uma personagem que tem o nome de Ndalú, o que configura, portanto, outra voz que não é a de Ondjaki, como aparece em *Bom dia camaradas* “As falas do Ndalú”¹⁴⁷, para narrar o acontecimento do Caixão Vazio, que havia ocorrido na narrativa.

Este episódio, a propósito, é mais um fato que coloca esta discussão em análise. Sabe-se que o Caixão Vazio, uma lenda urbana de Luanda durante o período de guerra civil, é verídico.

Nesses anos, o boato do Caixão Vazio, circulou em todas as escolas de Luanda causando medo aos professores e estudantes que na altura não sabiam como se defender. A fama dos hipotéticos meliantes era de que violavam e matavam docentes a alunos sempre que tomassem de assalto as escolas, fatos que nunca foram confirmados. [...] ¹⁴⁸

Este fragmento, de um site de notícias angolano, revela o contexto real de medo e de violência que a cidade enfrentava e evidencia, mais uma vez, a relação entre memória e ficção.

O próprio autor explica sobre esta questão da autobiografia:

Quase tudo ali é verdade. Só o tempo, digamos, foi alterado. Nem todos aqueles fatos se passaram no mesmo ano letivo, mas tudo ali é verdade. Até as saudades, até os cheiros e sensações, até o abacateiro que se espreguiça. Talvez um dia digam que “Bom dia camaradas” é uma autobiografia ficcionalizada, isto estaria bem dito. Só não digo isso porque ali estão outras vidas além da minha, e vi, quis ver, o personagem principal como mais uma daquelas crianças. E assim foi.¹⁴⁹

De fato, a Luanda da infância e juventude de Ondjaki, é também o espaço de suas narrativas, nesses dois romances. Uma cidade recém independente e em guerra civil, dispendendo grande um esforço para se reestruturar.

¹⁴⁶ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 184.

¹⁴⁷ _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 90.

¹⁴⁸ Disponível em: www.angolnoticias.com/artigos/item/30992>. Acesso em: 21/12/2016

¹⁴⁹ ONDJAKI. Apud FRANCO, Roberta Guimarães. *Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana*. Niterói: Eduff, 2016. p. 42.

Neste sentido, chamamos a atenção, novamente, ao início da narrativa de *Bom dia camaradas*, com o diálogo entre o menino e António, em que este último relembra que “no tempo do branco isto não era assim...”¹⁵⁰, se referindo ao bom funcionamento das estruturas da cidade: “[...] naquele tempo a cidade estava mesmo limpa, tinha tudo, não faltava nada...” [...] tinha sempre pão na loja, [...] os machimbombos funcionavam...”¹⁵¹.

Percebemos, desde o início, um contraponto entre o passado e o presente. As memórias que o menino tem são formadas pelo relato de outras testemunhas, pelo noticiário e pelas suas próprias observações e demonstram este distanciamento entre o novo, representado por ele e o velho, obsoleto, representado pela personagem António. A posição do narrador menino nos fornece a ideia de distanciamento em relação ao tempo da narrativa: “Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais”¹⁵².

A “ausência de ajudas desinteressadas”, como afirma Bittencourt, no artigo “Colonialismos, descolonizações e crises na África”¹⁵³, coloca Luanda numa situação de precariedade em, praticamente, todos os setores. Os cartões de abastecimento são uma alternativa para controlar o consumo e os gastos da população luandense, que não se reabastecia com frequência. Fato que justifica a surpresa e incredulidade do menino sobre isso:

- O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? - eu, a pensar que ela ia dizer a verdade.
- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? - eu já nem lhe deixava responder. - Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?
- Mas eu faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos...¹⁵⁴

Os cartões de abastecimento também são retratados em *AvóDezanove e o segredo do soviético*: “Só vim afirmar que ainda não estou munido do cartão

¹⁵⁰ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p.17.

¹⁵¹ Idem, 2006. p. 18.

¹⁵² Idem, 2006. p. 17.

¹⁵³ BITTENCOURT, Marcelo. *Colonialismos, descolonizações e crises em África*. Disponível em: <http://www.historia.uff.br>

¹⁵⁴ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 49.

necessário para usufruir de los afamados serviços desta caliente padaria”¹⁵⁵. Podemos perceber, portanto, além do contraste nas políticas de Portugal e de Angola, o real racionamento de mercadorias. Era necessário o carimbo no cartão para que as pessoas tivessem acesso aos produtos, que não levassem nada além do permitido. Como afirma Renata Flavia da Silva: “No mundo globalizado da contemporaneidade, as desigualdades são locais e carecem de soluções também locais que deem conta das particularidades de cada espaço social.”¹⁵⁶

O fornecimento de mercadorias era precário, inclusive, para os proprietários dos estabelecimentos, como para o bar do Senhor Tuarles, onde, frequentemente, faltava o produto principal de seu estabelecimento:

-O meu pai tem um bar onde os trabalhadores compram lá cerveja. E ele ouve as conversas dos camaradas trabalhadores.
-Mas o bar do teu pai nunca tem cerveja – o 3,14 gozou e fugimos a correr no meio da poeirada.¹⁵⁷

Igualmente, a constante falha no fornecimento de energia, a falta de gasolina, de água, entre outros, também aparece e revela uma cidade com constantes e precários problemas estruturais, frutos de um período de guerra que deixa a população à mercê de um governo que ainda não tem condições para fazer funcionar a máquina da cidade, como vemos nestes fragmentos:

- Qualquer dia - pegou naquela manete de pôr gasolina nos carros - até se pode beber diretamente daqui.
Por quê, camarada?
- Porque esta bomba mete água por baixo. Só falta ter peixinhos. O tanque deve estar furado, um dia desses trago uma cana de pesca.¹⁵⁸

A AvóNhé regava as plantas, os arbustos e as árvores com um fiozinho de água que aparecia às terças e quintas-feiras. Regava a goiabeira e a figueira, a árvore de sape-sape, as rosas, a palmeira e a mangueira. Depois molhava as escadas e as flores do vaso.¹⁵⁹

¹⁵⁵ _____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 32.

¹⁵⁶ SILVA, Renata Flávia. *Quatro passeios pelos bosques da ficção angolana*. Tese de Doutorado apresentada à UFRJ, 2008. p. 70.

¹⁵⁷ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 12-13.

¹⁵⁸ Idem, 2009. p. 47.

¹⁵⁹ Idem, 2009. p. 11.

A cidade, com suas obras por fazer, com as ruas poeirentas e esburacadas, também nos é apresentada, ora pela descrição do menino, ora pela apresentação que faz à tia:

Em frente à casa da Avó Agnette fazíamos desenhos no chão para depois fugirmos dos caminhões de água que vinham ao fim da tarde para acalmar a poeira.

Era um largo grande, com uma bomba de gasolina no meio, que virava rotunda para caminhões e carros darem a volta a fingir que a cidade era grande. [...]

Atrás das obras, do lado de lá do nosso largo, ali onde a poeira não conseguia nunca aterrar, ficava essa coisa linda que todos os dias me ensinava a cor azul: o mar grande, mais conhecido por oceano.¹⁶⁰

O carro aproximou-se da rotunda e teve de afrouxar por causa dos buracos [...]

Descemos a Praia do Bispo, a avenida tinha acabado de ser arranjada porque há pouco o camarada presidente tinha passado por ali [...]

Passámos na fortaleza, entrámos na marginal. Eu bem vi que toda aquela zona estava cheia de militares, mas pensei que fosse alguma reunião lá em cima no palácio. A marginal tinha FAPLAS¹⁶¹ com metralhadoras e obuses e de repente começámos a ouvir as sirenes.¹⁶²

É notável que, mesmo ao descrever a cidade, com seus problemas, que não são poucos, Ondjaki, ao dar voz a um narrador menino, consegue conservar uma visão, ao mesmo tempo pueril e crítica. Podemos perceber que, ainda que ele descreva aspectos ruins da cidade, existe um orgulho, um otimismo na fala do menino.

Em seu artigo *Ondjaki e a escrita otimista de uma nova geração*, Roberta Fraco destaca a importância deste sentimento que, mais uma vez, une entre autor e narrador:

Ondjaki é o representante de uma geração que nasceu em um país independente, mas o autor tem consciência de que ainda há muito para construir, e não nega o seu otimismo, acreditando em um processo de “reutopização”. O jovem escritor é, sem dúvida, um expoente dessa geração.¹⁶³

¹⁶⁰ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-10.

¹⁶¹ Forças Armadas Para Libertação de Angola

¹⁶² ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 52-54.

¹⁶³ FRANCO, Roberta Guimarães. “Ondjaki e a escrita otimista de uma nova geração”. In: SECCO, Carmen Tindó; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. (org.). *África & Brasil : letras em laços* (vol 2). São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010. p. 275-289.

A presença dos militares, as constantes obras que faziam poeira, a precariedade dos serviços, além de parecer situações corriqueiras, principalmente, quem nasceu nessas condições, não deixam transparecer, em nenhum momento, descontentamento ao ver a cidade desta forma.

Podemos entender esse otimismo, como um privilégio das crianças que, mesmo sofrendo com os efeitos dessa pouca estrutura e sabendo da situação de conflito que enfrentavam, têm orgulho da liberdade conquistada. Mais uma vez, vemos o contraponto entre o passado e o presente, entre os meninos e os mais-velhos. Percebemos que, embora precários, esses espaços ou situações representam a conquista angolana da independência, são, portanto, parte da formação da nova identidade daquele povo.

3.2. Bom dia camaradas: o novo despertar em Luanda

“às vezes numa pequena coisa pode-se encontrar todas as coisas grandes da vida, não é preciso explicar muito, basta olhar.”¹⁶⁴ Este fragmento, iniciado assim mesmo, em letras minúsculas, é fala do quase sempre bem disposto menino, que é o narrador de *Bom dia camaradas*. A mensagem que ele transmite é uma amostra do que podemos encontrar neste romance: estórias com grandes significados mostradas com o olhar inocente, porém, astuto da criança.

As análises sobre essa obra podem começar desde o título. O “bom dia” é cumprimento de começo, de recomeço de um novo dia. Esse bom dia aos camaradas já demonstra otimismo, entusiasmo e serve para assinalar, também, esse recomeço de Luanda, depois de um longo período de lutas. O renascer da cidade já vem expresso ao dar bom dia aos camaradas que compõem esse processo. Para reforçar esta ideia transmitida pelo título, temos um narrador que, quase sempre, acorda bem disposto para o dia que terá:

Se, quando me acordavam, eu me lembrasse do prazer do matabicho¹⁶⁵ assim de manhãzinha, eu acordava bem disposto. Matabichar cedo em Luanda, cuia! Há assim um fresquinho quase frio que dá vontade de beber leite com café e ficar à espera do cheiro da manhã.¹⁶⁶

¹⁶⁴ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 79.

¹⁶⁵ Café da manhã.

¹⁶⁶ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 23.

O início de quase todos os capítulos deste romance, se dá nesse tom de bom humor do menino diante do dia que terá pela frente, como comprovam os fragmentos seguintes:

Acordei cedo e muito bem disposto. Tinha duas coisas maravilhosas para fazer nesse dia: uma era que ia ao aeroporto buscar a tia Dada, a outra é que ia à Rádio Nacional ler a minha mensagem para os trabalhadores.”¹⁶⁷

“Acordei novamente bem disposto porque ia à praia com a tia Dada, as minhas irmãs tinham aulas, e eu era o único que podia lhe acompanhar.”¹⁶⁸

Aspecto que chama a atenção é o fato de o narrador/personagem/protagonista não ser nomeado, a princípio, o que reafirma a já discutida questão acerca da autobiografia. Os acontecimentos são narrados por um garoto que é sempre chamado de “menino”, “filho”, ou, apenas dirigem-se a ele sem mencionar o seu nome:

– Sabes onde é que vou hoje, António? – pensava que ele não sabia. – Então, o **menino** vai no aeroporto buscar a tia.
 – E depois vou mais aonde?
 – Vem pra casa, **menino**...
 – Não, não! Vou à Radio Nacional!
 – Ê!, o **menino** vai falar na Rádio? – ele sorrindo, e fechando o portão com a sua chave.¹⁶⁹

A narrativa se desenvolve, principalmente, em dois espaços: a casa e a escola. Todas as situações contadas e vividas pelo menino estão relacionadas a um desses lugares. Vamos observar, a princípio, a casa.

Entendida como um espaço interno, é ali que Ondjaki nos apresenta seu protagonista. Conhecemos a estrutura da família em que ele vive, assim como as pessoas que vivem no local, como ajudantes e motoristas, além de uma tia, que está em visita a Luanda e que ocupa destaque no enredo. A hora do almoço era um momento que vemos essas personagens reunidas:

Assim já era hora do almoço. As minhas irmãs chegavam da escola, o meu pai também chegava. A casa ficava mais barulhenta, mais o rádio do

¹⁶⁷ Idem, 2006. p. 35.

¹⁶⁸ Idem, 2006. p. 51.

¹⁶⁹ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 35-36 – grifo nosso

camarada António ligado na cozinha, mais a minha irmã caçula que queria contar tudo o que se tinha passado na escola nessa manhã. Ela sabia que tinha que despachar porque quando fosse uma hora em ponto ia ter que parar o relato para deixar os pais ouvirem as notícias.¹⁷⁰

Através desta descrição, podemos perceber que se trata de uma família que faz refeições à mesa, que conversa e que tem uma rotina estabelecida, como a de parar para ouvir as notícias.

Essas notícias, em sua maioria, eram sobre a guerra:

Nós ficávamos um pouco aborrecidos com as notícias, porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferente quase nunca, só se tivesse havido um batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes.¹⁷¹

O cotidiano da guerra, se mostra, neste sentido, intrínseco à rotina da família, o que sugere que esse assunto seja tão comum no dia a dia, ao ponto de causar tédio aos mais novos pela repetição.

Em meio às notícias dos conflitos, vinha, em seguida, assuntos esportivos, fato que comprova uma normalização da situação, ou uma adaptação de outras atividades em meio à guerra, ou seja, ainda que enfrentando o conflito civil, a população acompanhava campeonatos desportivos e se entusiasmavam com eles:

Depois destas notícias, e destas conversas, vinha o desporto. Mas também era sempre o **Petro** ou o **D'Agosto** que ganhava, bem, a **Taag**¹⁷² depois ainda melhorou uns coche, até deu 11 a 1 noutra equipa, coitados!, o Cláudio estigou mal o Murtala no dia seguinte, acho que o Murtala até chorou.¹⁷³

Desta relação familiar e por estes hábitos demonstrados, podemos concluir que o menino goza de um espaço privilegiado em meio à situação de Luanda na época. Filho de um funcionário de ministério: “Como o meu pai trabalhava no ministério[...]¹⁷⁴ e de uma professora “Eu e ela tínhamos aula à tarde, ela porque era

¹⁷⁰ Idem, 2006. p. 27

¹⁷¹ Idem, 2006. p. 27-28.

¹⁷² Os nomes em destaque se referem a algumas equipas de futebol de Angola.

¹⁷³ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 28-29 – grifo nosso.

¹⁷⁴ Idem, 2006. p. 19.

professora e eu porque era aluno.”¹⁷⁵, ele tinha condições que, embora exijam adaptações no cotidiano, como os cartões de abastecimento, se distancia do cenário de conflitos.

Percebemos, também, que o distanciamento de sua casa, em relação aos bairros dos colegas, chega a lhe causar espanto pela violência e pelas condições em que alguns amigos da escola vivem, como podemos ver em vários momentos da narrativa : “Lembrei-me imediatamente do Murtala: na casa dele, quando chove, só podem dormir sete de cada vez, os outros cinco esperam todos encostados na parede onde há um tectozinho que lhes protegem.”¹⁷⁶; “Então tia, por exemplo, no bairro do Cláudio, apanharam um bandido, coitado [...]”¹⁷⁷; “ali na Martal, quando apanham um bandido ele até pensa que vai ser bem tratado. [...] Só vão já alguns homens com ele, levam o bandido para um quintal também aí, e lá lhe dão a injeção. E o bandido aí para mesmo.”¹⁷⁸; “No prédio do Bruno, um bandido tava a assaltar o quinto andar [...]”¹⁷⁹.

Essa violência constante, entretanto, não ocorre na sua casa ou no seu bairro, o que sugere que, além do privilégio de ter família e uma condição estruturada, ele vive fora das áreas mais precárias de segurança, com maior incidência de crimes.

Ainda insistindo nesta posição que o menino ocupa, podemos notar o círculo social que cerca sua família. Uma prova disto é que o garoto é convidado a falar na Rádio Nacional de Angola, por uma amiga da família.

-Olha, a Paula vai fazer amanhã um programa sobre o 1º de Maio e queria recolher depoimentos de pioneiros... Tu queres ir?
 -Depoimentos é ir lá falar, né? Eu, embora já soubesse.
 -Sim, preparas qualquer coisa e amanhã ela vem te buscar para irem fazer uma gravação.¹⁸⁰

A partir desta gravação na Rádio, tomamos conhecimento de algumas condutas impostas àquele contexto. A primeira delas, é que o texto que o menino escreveu para ser lido, não foi utilizado. Para a gravação, o discurso já estava pronto e autorizado para ser proferido. Trata-se, como sabemos de um período de guerra civil em que o

¹⁷⁵ Idem, 2006. p. 29.

¹⁷⁶ Idem, 2006. p. 137.

¹⁷⁷ Idem, 2006. p. 59.

¹⁷⁸ Idem, 2006. p. 59-60.

¹⁷⁹ Idem, 2006. p. 61.

¹⁸⁰ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 26-27.

governo focava esforços na manutenção do poder e, para tanto, quaisquer informações que fossem disseminadas teriam de passar pela sua inspeção:

-Como é que foi? Leste a tua mensagem?
 -Afinal não foi preciso, mãe.
 -Não?
 -Não, eles tinham um papel lá da Rádio, com carimbo e tudo, lá as mensagens de cada um. Eu li uma e eles leram as outras duas.¹⁸¹

O discurso manipulado fica explícito neste episódio. O detalhe do carimbo é importante, pois prova a legitimidade daquele documento, autorizando a sua divulgação. Subentende-se que o órgão responsável pelo conteúdo propagandístico da Rádio¹⁸² já legitimou o seu conteúdo. Temos, portanto, um exemplo da manipulação de fatos pelo sistema de governo vigente, que seleciona o conteúdo que poderá ser divulgado.

Existe, a esse respeito, o Estatuto da Radiodifusão de Angola órgão gerenciador do funcionamento da Rádio Nacional de Angola, que passa, impreterivelmente, pelo selo do Ministério das Comunicações, como consta no Artigo 4º, do Decreto nº. 76/97 de 31 de Outubro, transcrito, a seguir:

As dúvidas surgidas na interpretação e aplicação do presente decreto serão resolvidas por despacho do Ministro da Comunicação Social, à luz da Lei nº.9/95, de 15 de Setembro, da Lei nº.9/92, de 16 de Abril e demais legislação aplicável à matéria.¹⁸³

A constante vigilância também aparece na cena em que o garoto vai esperar a chegada da tia no aeroporto. Há um casal tirando fotografias de um macaquinho que fazia graça por lá: “Coitados, eles não deviam saber que em Luanda não se podia tirar fotografias assim à toa. O FAPLA disse: “a máquina está detida por razões de segurança de Estado””¹⁸⁴. As FAPLA atuavam constantemente em locais públicos estratégicos como o aeroporto. Os registros de turistas, ou de quem quer que fosse,

¹⁸¹ Idem, 2006. p. 39.

¹⁸² A radiodifusão em Angola constituiu, durante décadas, a principal forma de comunicação do país – desde 1925, de maneira parca, até os dias atuais, já como potência comunicativa – e uma forma eficaz de tentativa de resistência ao colonizador. A primeira transmissão televisiva apareceria apenas na década de 1960, mais precisamente em 1964, como uma espécie de ensaio de transmissão. Somente em 1976, a televisão angolana é nacionalizada pela TPA - Televisão Popular de Angola.

¹⁸³ Estatuto de Radiodifusão de Angola. Disponível em: <http://www.arctel-cplp.org> > Acesso em: 01/03/17.

¹⁸⁴ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 40.

segundo eles, não poderiam ser permitidos porque “nunca se sabia onde é que aquelas fotografias iam parar”¹⁸⁵.

Este episódio, não se torna isolado, já que em diversos momentos no texto, aparecem situações de imposições por parte do poder. Ao sairmos do espaço literário, entretanto, o cenário não se diferencia muito dessas situações. O caso dos jovens presos¹⁸⁶, em 2015, enquanto discutiam, em um grupo de leitura, o livro *Da ditadura à democracia*, de Gene Sharp, provam que a censura, em Luanda, permanece ainda atualmente.

Saindo do espaço da casa, voltamo-nos ao espaço escolar. Este, bastante rico em elementos que nos revelam a vida cotidiana na cidade de Luanda, bem como revelam traços característicos da juventude dos estudantes luandenses. Embora gostem do ambiente da escola e, principalmente, da turma, como fica provado pelo fragmento seguinte:

- Não, Romina, não existem “outros” colegas... Tu sabes muito bem quê que eu estou a falar. Esta turma, mesmo saindo e entrando pessoas, esta turma é a “nossa” turma, tu sabes de quem eu estou a falar... E essa turma está a acabar, não sentes isso? - eu não queria olhar para os olhos dela, tinha medo.¹⁸⁷

Os alunos sempre ficavam felizes quando não tinham aula, ou faltava algum professor, isto porque, dessa forma, eles podiam ficar a conversar ou ir a outro lugar, fator que rende à narrativa, informações sobre o cotidiano e a convivência das crianças naquele cenário:

Ficávamos ali a conversar fora da sala. Sempre com a esperança de que o professor não viesse. Era incrível como é que nós queríamos sempre acreditar que era possível haver uma borla todos os dias, porque, se dependesse de nós, era isso que desejávamos. Como dizia a professora Sara, “parece que vocês não sabem que a vossa missão é estudar”, talvez daí aquela dica da caneta ser a arma do pioneiro.¹⁸⁸

A dica sobre a caneta ser a arma do pioneiro é sempre retomada no cenário escolar. A Juventude em Luta, o nome da escola, já enfatiza a necessidade da conscientização a favor da luta em Angola, isto é, da conscientização para as causas

¹⁸⁵ Idem, 2006. p. 40.

¹⁸⁶ Disponível em: <http://ponte.cartacapital.com.br/brasileiros-pedem-libertacao-de-angolanos-presos-por-ler-livro-sobre-democracia/> Acesso em: 01/03/2017.

¹⁸⁷ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 93.

¹⁸⁸ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 30.

do MPLA. Neste sentido, relembramos o romance de Pepetela, *As aventuras de Ngunga*, menino que, após se ver órfão tem o desejo de se tornar guerrilheiro e o discurso a favor da luta pelo governo, é explicitado: “Nunca te esqueças de que és um pioneiro do MPLA. Luta onde estiveres!”¹⁸⁹

Também nas atividades escolares, é clara a manipulação do discurso imposto pelo governo, que começa a propagar sua ideologia desde a infância dos angolanos.

O episódio de 1º de Maio, Dia do trabalhador, merece destaque, neste sentido, porque mostra, simultaneamente, a política do MPLA e do governo do então presidente Eduardo dos Santos, as travessuras e observações das crianças no evento e a precariedade da escola:

Quando o hino acabou, a camarada directora explicou rapidamente que íamos marchar até ao Largo 1º de Maio, que não queria desordem nas filas nem ninguém a correr (para evitar a caatinga), que depois íamos juntar-nos à concentração geral das escolas no largo e depois então se veria a ordem do desfile. Ah! E ainda, quem quisesse ir fazer chichi que podia, mas cocó já não porque não tínhamos tempo. De qualquer modo, nunca ninguém podia fazer cocó porque a escola não tinha casas de banho, não sei pra quê aquela conversa com essa palavra que ela nem devia dizer assim antes de um comício.¹⁹⁰

Nem a parca estrutura da escola, nem o calor que colocava todos a suar, tampouco e desconforto por estar de pé há muito tempo, impediam, entretanto, os gritos que os alunos sempre soltavam e se divertiam:

-Um só povo uma só...? - ele.
 -NAÇÃO!!! - nós berrávamos a sério, aproveitávamos sempre para berrar.
 -Um só povo uma só...?
 -NAÇÃO!!!
 -A luta?
 -CONTINUA!!!
 -A luta?
 -CONTINUA!!!
 -Mas a luta, camaradas? - ele também berrava, tipo tava contente.
 -CONTINUA!!! [...]
 Uns já tavam a ficar roucos, mas nós adorávamos aquela hora de ficar a responder assim aos berros.¹⁹¹

¹⁸⁹ PEPETELA: *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1980. p. 38.

¹⁹⁰ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 82.

¹⁹¹ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 84.

Em meio às brincadeiras e ao desfile, o olhar da criança revela uma observação crítica a respeito daquele momento:

As escolas começavam a fazer formação outra vez, os mais baixos à frente, os grandalhões lá para trás. “DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO... DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO!”, foi assim que nós berrávamos quando passámos mesmo em frente ao camarada presidente, ele estava lá, de pé, a bater palmas e a rir, era tanta gente a gritar que **ele não devia ouvir os nossos gritos de criança**.¹⁹²

A ingenuidade, ao afirmar que o presidente, em meio a tanta gente, não devia ouvir os gritos das crianças, denuncia, com certo tom de ironia, o distanciamento existente entre o presidente e a população. Esse mesmo episódio será novamente lembrado na obra *Os da minha rua*, no conto “Os quedes¹⁹³ vermelhos da Tchi”, em que o menino fará a mesma observação:

No Largo 1º de Maio estava uma tanta gente acumulada, bué de escolas já em formação, numa curva, todos direitinho, à espera da vez de marchar. Na tribuna, bem lá em cima, estava o camarada presidente, numa camisa azul-clara e um lenço branco a fazer adeus aos pioneiros. Às vezes penso que o camarada presidente, lá em cima e tão longe, **não devia ver o povo muito bem**.¹⁹⁴

Percebemos a mesma crítica, feita pelo menino nas duas obras. O destaque para o fato de que as escolas ficavam esperando a vez de desfilar, enquanto estudantes, professores e comunidade ficavam ao sol, sem comer – e os alunos contavam com isso até o último momento: “Como nunca mais aparecia nem sumo nem bolachas, a camarada diretora mandou desmobilizarmos, assim, cada um podia ir para sua casa já.¹⁹⁵ – e o presidente ficava na tribuna, salienta a distância espacial entre eles e o governo.

Ainda neste episódio, entretanto, podemos notar uma tomada de consciência do menino em meio a toda aquela situação. Já cansado e descontente com a organização do desfile, há uma primeira hipótese de rompimento com o sistema vigente: “[...] pro ano que vem, se me chamarem na Rádio Nacional outra vez, vou

¹⁹² Idem, 2006. p. 85 – grifo nosso.

¹⁹³ Tênis esportivo fabricados em lona e borracha.

¹⁹⁴ ONDJAKI. “Os quedes vermelhos da Tchi”. In: *Os da minha rua*. Alfragide: Caminho, 2014. p. 80. 6. ed.

¹⁹⁵ _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 86 – grifo nosso.

dizer isso mesmo, não quero lá saber da folha carimbada que já vem com tudo escrito.”¹⁹⁶

No ambiente escolar, os professores cubanos ganham destaque em *Bom dia camaradas*. Sabemos que o governo cubano oferece ajuda a Angola desde a guerra de independência e após, deixando, no país, militares médicos e professores. A presença desses últimos marca a infância dos alunos que, durante todo o percurso da narrativa, relembram e os homenageiam, tornando este convívio, em amizade e admiração. De fato, esses professores, em especial, o casal Ángel e María, interagem e transmitem verdadeiras lições de aprendizagem e de consideração para com os seus alunos, ao mesmo tempo em que se configuram como instrumentos na reconstrução de Angola. Frequentemente, viram assunto na conversa dos estudantes:

-Pois, mas eles como são militares têm sempre essa coisa de combater. Mesmo assim eu acho que eles são corajosos...

-Yá... - eu olhava o sol já quase escondido.

-Já viste o que é, vir para um país que não é o deles, vir dar aulas ainda vá que não vá, mas aqueles que vão pra frente de combate... Quantos angolanos é que tu conheces que iam para Cuba lutar numa guerra cubana?

- Eu não conheço nenhum...

-Eu acho que eles são muito corajosos... Nunca ouvi nenhuma estória de cubano que estivesse a fugir do combate... -A Romina parecia bem informada, eu não quis ficar atrás.

-Nem pensar, até bem pelo contrário, toda gente sabe que eles são bem corajosos.¹⁹⁷

Por este fragmento, é possível afirmar que a formação da identidade dessas crianças, tem tanta ou mais influência dos cubanos do que dos próprios angolanos. A identificação com “língua cubana”, que os meninos falavam e o acesso aos professores deixaram marcas na memória desses alunos que farão parte, certamente, de sua formação enquanto adultos.

Além de ensinar – e ensinaram mais do que as disciplinas escolares – os professores cubanos também se comportam, na narrativa como elemento de contraste entre realidades bastante diferentes, a dos alunos, moradores de Luanda, de diversos bairros e classes e a dos próprios cubanos.

¹⁹⁶ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 86.

¹⁹⁷ Idem, 2006. p. 77.

No primeiro dia de aulas, ele viu o Cláudio com um relógio no pulso e perguntou se o relógio era dele. O Cláudio riu e disse que sim. O camarada professor disse “*mira, yo trabajo desde hace muchos años y todavía no tengo uno*”, e nós ficámos muito admirados porque quase todos da turma tinham relógio. A professora de Física também ficou muito admirada quando viu tantas máquinas de calcular na sala de aula¹⁹⁸.

O fato de o professor não ter tido, apesar de trabalhar há muito tempo, condições para ter um relógio, é interessante e surpreendente, uma vez que, em um país com condições tão precárias, a maioria dos alunos esteja munida com aparatos tecnológicos, enquanto os cubanos, que deveriam usufruir dessas comodidades, não as possuem, fato que evidencia a condição social contrastante desses alunos em relação ao contexto que vivenciavam.

A casa dos professores, igualmente, contrasta com a casa do menino, da qual falamos anteriormente. “Sentámos ali nos cadeirões com bué de buracos, começámos a olhar: tinham uma tv a preto e branco, a mesa só tinha três pernas e tinha uma ao lado uma cadeira igual à que havia a escola”¹⁹⁹.

Dois episódios marcam o trânsito entre o ambiente doméstico e o ambiente escolar. O primeiro é a visita da tia Dada, que se torna elemento de contraste em *Bom dia camaradas*.

Através de sua visita a Luanda, o menino pode narrar, desde a chegada ao aeroporto aos passeios pela cidade, assim como contar estórias do cotidiano do lugar. Há, nessa visita, a possibilidade de conhecer um pouco do outro, do estrangeiro, daquele que enxerga com o olhar de fora, tanto do menino em relação às práticas da tia em Portugal, mas, sobretudo, dela, em relação a ele, seus costumes e o seu dia a dia em Luanda durante a guerra civil.

O menino não conhecia a tia, só sabia que ela tinha uma voz doce, porque se falavam por telefone. O português falado por ela e os filhos, diferente do angolano, era motivo de riso para ele e as irmãs. Aqui, podemos perceber como a ideia de diferença está presente. Para eles, a tia é o “outro”, o diferente, o estranho:

Eu não lhe conhecia, mas já tinha falado com ela muitas vezes ao telefone, então era muito engraçado, porque eu só conhecia a voz dela. Uma vez, ela pôs-me a falar com o filho dela, e passámos a

¹⁹⁸ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 21.

¹⁹⁹ Idem, 2006. p. 124.

tarde toda a rir, eu e as minhas irmãs, por causa da maneira como ele falava. Eu quase nem conseguia responder, estive quase para me atirar no chão de tanto rir, até minha mãe teve que dizer que eu estava com cólicas na casa de banho.²⁰⁰

É através da tia, que se assinalam as diferenças, também, entre Portugal e Luanda. Os dois saem em passeios pela cidade e, à medida em que o menino lhe apresenta as ruas, os monumentos, as Praias, vão aparecendo as marcas da diferença entre o antigo colonizador e a ex-colônia. Um fato que chama a atenção do menino é sobre a conduta do presidente nos dois países:

-Mas quando, por exemplo, o presidente sai ao domingo, vai a casa de algum amigo, já não leva a polícia, até vai a pé - ela estava mesmo a falar a sério, isso é que me deixou impressionado.
-O vosso presidente anda a pé? - até desatei a rir. - Epá, tenho que contar essa aos meus colegas!, ainda querem estigar os presidentes africanos... Presidente em África, tia, só anda já de mercedes, e à prova de balas.²⁰¹

O ato de os presidentes africanos se locomoverem em carros blindados, ainda que de maneira sarcástica, demonstra um certo contentamento, quase orgulho. Parece que o menino, finalmente, encontrou um ponto de superioridade dos africanos sobre os portugueses. Mas a questão que fica evidente, é a diferença nos níveis de segurança, de acessibilidade entre um e outro.

O segundo episódio é o do Caixão Vazio, que se torna alegoria do medo constante, no cenário de guerra e a violência presente no imaginário da população deste contexto. Trata-se de um grande grupo de bandidos armados com AKs²⁰² que invadem as escolas, estupram professoras e alunas – cortam e penduram os seios que delas arrancam – e matam os professores. O Caixão Vazio revela um pavor tão grande em toda a comunidade escolar, que chegam a saírem todos em desesperada correria, ainda que não tenham visto nada.

[...] “não consigo ver nada, é só poeiras, mas estão a vir muito rápido!”, não foi preciso dizer mais nada, e se alguém dissesse não ia ser ouvido porque a gritaria começou na minha sala, passou para a sala 2 e antes de eu ter tempo de tirar os óculos, já a escola toda

²⁰⁰ Idem, 2006. p. 26.

²⁰¹ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 58.

²⁰² Sigla de uma arma de fabricação russa (Avtomat Kalashnikova).

estava numa gritaria incrível, não sei se todos sabiam muito bem o porquê estavam a gritar.²⁰³

Quando é chegado o momento da despedida, do retorno a Cuba, os alunos os visitam e este se torna um dos momentos mais poéticos em *Bom dia camaradas*. O sentimento da despedida, do fim de uma época e do iminente distanciamento, se torna duplo com a volta da tia a Portugal e já é prenunciado, logo quando o menino acorda: “Por acaso nessa manhã já não acordei bem disposto, apesar de ser dia de ir ao aeroporto levar a tia Dada. Isso das despedidas, eu não gosto nada.”²⁰⁴

Para selar o momento da despedida, o professor conclui, resumindo a mensagem que transmitiram até ali:

[...] *El bien que se hace a outra persona, el bien que se hace al país, a la sociedade, está em sus corazones, bace allí.* (A Petra começou a deixar cair lágrimas.) *Además, de sentir haber cumplido nuestra misión em Angola. Además de habernos sentido privilegiados por poder ayudar a nuestros hermanos angoleños em la lucha por el poder popular, volvemos alegres a nuestra patria sabiend que Angola tiene jóvenes, em , em su mayoría, tan empeñados em la causa revolucionaria [...]*

*Bueno, para terminar, quiero desearles felicidad e dicirles de corazón, tanto mí corazón, como el da profesora María, que ustedes fueron una classe maravilhosa..., que realmente los niños son las flores de la Humanidad! Nunca olviden eso...*²⁰⁵

O discurso emocionado do professor reafirma a boa relação entre eles e seus estudantes e representa, através desta, a relação amistosa de Cuba e Angola. O contexto de guerra civil tem uma trégua e a retirada dos militares cubanos é exigida, mas fica, muito além do auxílio durante a guerra, um sentimento de empatia mútua e de admiração recíproca. Vale ressaltar que, na fala do professor, sempre há um sujeito plural, ele sempre fala em seu nome e no nome de sua esposa, mas o alcance das palavras, tem sentido mais amplo, é como se o docente se referisse à todo o país, que necessitava da colaboração de todos.

A proximidade dos professores com os estudantes também realça o contraste do distanciamento do presidente no episódio de 1º de Maio. Enquanto aqueles buscam ouvir, conviver e conhecer os jovens, enquanto os veem como parte fundamental na

²⁰³ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 71.

²⁰⁴ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 109.

²⁰⁵ Idem, 2006. p. 112-113.

luta pela reconstrução do país e lhes dão e incentivam certa autonomia, através da conscientização, este, parece não ouvir os seus gritos de criança, ainda que “berrem” como fizeram no desfile ou lhes incitam, desde cedo, à causa do Partido.

Resistindo às lágrimas, o menino tenta, ainda, proferir algumas palavras de despedida, mas só consegue um início de fala: “-Camarada professor... eu sei que tudo que o camarada professor disse da revolução é verdade, e que... o mais importante é sermos verdadeiros... - e não consegui dizer mais nada”²⁰⁶.

A relação com os professores cubanos, é bastante trabalhada nas obras de Ondjaki. Também em *Os da minha rua*, há um conto sobre eles em que é retratado esse mesmo momento da despedida. “Um pingo de chuva, sozinho, caiu-me na cabeça, nessa que foi a última vez que vimos aqueles camaradas professores cubanos”²⁰⁷.

Marcando o fim do ano letivo, o fim daquela época com professores amigos cubanos, colegas e parentes que irão para outros lugares, mas, sobretudo, com a mudança no cenário luandense, de retirada de militares e uma – breve, sabe-se, imediatamente – trégua nos conflitos internos, a narrativa se fecha em um ciclo que retoma o seu início. Novamente, a personagem António ganha destaque. No dia em que os meios de comunicação anunciam o fim da guerra civil, ou seja, algo que representaria a concretização da mudança que António tanto questionava, chega a notícia da morte do ajudante da casa. Em seguida, chega a notícia do fim da guerra:

O corredor que dava para a cozinha estava cheio de silêncio: não ouvi o barulho da panela de pressão, não ouvi o camarada locutor a falar no rádio do camarada António, não ouvi o barulho de copos ou talheres, a mesa não estava posta, não ouvi passos e, quando cheguei à cozinha, não vi ninguém. Ninguém. [...]
-O camarada António morreu hoje de manhã... – mas depois a minha mãe não consegui falar mais.²⁰⁸

Na mesa estava muito silêncio, mas lá fora havia gritos, até houve tiros de comemoração. Quando ligámos o rádio é que percebi: afinal estavam a dizer que guerra tinha acabado, que o camarada presidente ia se encontrar com o Savimbi, que já não íamos ter o monopartidarismo e até estavam a falar de eleições.²⁰⁹

²⁰⁶ Idem, 2006. p. 127.

²⁰⁷ ONDJAKI. “Um pingo de chuva”. In: *Os da minha rua*. Alfragide: Caminho, 2014. p. 123. 6. ed.

²⁰⁸ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 134 – 135.

²⁰⁹ Idem, 2006. p. 136.

A contraposição entre a morte de António e o fim da guerra é marcado, neste fragmento, pela presença de contrastes: o silêncio e os gritos, a guerra e a paz, o fim e o começo. Para arrematar essas mudanças, a narrativa é finalizada com uma forte chuva que faz crescer vida nova e que “traz todo aquele cheiro que a terra cheira depois de chover.”²¹⁰

3.3. *AvóDezanove e o segredo do soviético: a realização do que poderia ter sido*

O último romance da conjunto dos Anos 80, de Ondjaki, *AvóDezanove e o segredo do soviético* (2008), segue o mesmo percurso literário de *Bom dia camaradas* e *Os da minha rua*, com o narrador menino, que nos contará, nesta obra, detalhes sobre a construção do Mausoléu, na Praia do Bispo, local em que se desenvolverá o enredo.

Logo no prólogo, há o prenúncio de algo que ocorrerá posteriormente. O narrador descreve, de maneira lírica e sinestésica, uma explosão, e anuncia seu distanciamento, no tempo e no espaço, ao afirmar que “nós, as crianças, ficamos a olhar o céu se encher de umas maravilhas acesas [...]. Foi num tempo que os mais velhos chamam de antigamente”²¹¹.

Novamente, muitas das personagens já conhecidas do leitor reaparecem na narrativa, entretanto, o menino narrador, desta vez, não é nomeado, o que não impede, porém, que se mantenha a hipótese de autobiografia que vem respaldada pelos mesmos elementos narrativos cenário, tempo, ações – e por elementos paratextuais, como vemos, novamente, em cartas trocadas com Ana Paula Tavares.

Neste romance, ao contrário de *Bom dia camaradas*, é o espaço externo que ganha destaque, a Praia do Bispo, especificamente, embora, o espaço da casa também seja importante. Desta vez, trata-se da casa da Avó Agnette – avó do narrador, que ganha o apelido de Avó Dezanove ao precisar amputar um dedo do pé: “Foi na PraiaDoBispo, a partir daquela noite, que a AvóAgnette passou a ser AvóDezanove.”²¹²

Lá, o menino e os primos passam uma temporada, férias escolares, talvez. Na verdade, não fica claro o porquê de esses meninos estarem na casa da Avó e, apenas uma vez, a mãe do narrador, aparece na narrativa:

²¹⁰ Idem, 2006. p. 137.

²¹¹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 7-8.

²¹² Idem, 2009. p. 71.

Vinha tanta gente dentro do carro que eu nem sabia que podiam assim caber tantos num Lada daqueles velhos. O doutor Rafael vinha a conduzir, a AvóNhé vinha a frente, atrás vinha a TiaTó, o marido dela, a minha mãe, uma enfermeira e ainda a MadalenaKamussekele a rir com a cabeça de fora da janela.²¹³

O segredo do soviético, deixaremos para mais adiante. Mas, o que se pode notar desde o início, é que esses, assim como os cubanos, estavam há algum tempo em Luanda, trabalhando, principalmente, na construção do mausoléu. Há, entretanto, um enorme contraste na forma como os angolanos viam os cubanos, com respeito e admiração, e no modo como viam os soviéticos, os lagostas ou formigas azuis, como eram apelidados e, sempre, estigados, especialmente, pelas crianças do Bairro da Praia do Bispo, onde ficava a casa da avó e as obras.

Se, pelos cubanos, há um alicerce que serve como elemento de identificação, pelos soviéticos, a diferença é que marca a relação entre eles e os nativos. O principal e imediato elemento é a língua. Os meninos não só aprendem a falar o “cubano” e a se comunicar nesta língua, como sentem orgulho de se comunicarem através dela, ao passo que, em relação aos soviéticos, o idioma agrega mais uma barreira identitária, já que angolanos e soviéticos, dificilmente, se entendem.

As crianças são Pinduca: “O nome dele verdadeiro era Pinduca, e o nome de casa era só Pi, até que o EspumaDoMar, que “tinha estudado muitas matemáticas em Cuba até ficar maluco, nos disse que Pi era igual a 3,14”²¹⁴ e Charlita, filha do Senhor Tuarles, que já aparece em outras obras e ganhou um conto em *Os da minha rua*, “Os óculos da Charlita”. A menina, sem os óculos grossos, só enxergava manchas e, em sua casa, ela e as irmãs precisavam revezar para assistir à televisão.

Todo o enredo gira em torno das obras de construção do Mausoléu. Já nos primeiros capítulos percebemos um tom de irritação e de antipatia dos moradores da Praia em relação à obra, daí, conseqüentemente, a mesma sensação quando se trata dos soviéticos que nela trabalhavam.

Um projeto arquitetônico que saiu no jornal de Luanda mostra como ficará o bairro depois das obras prontas e, rapidamente, as crianças da rua percebem que, para

²¹³ Idem, 2009. p. 103-104

²¹⁴ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009Idem, 2009. p. 12.

isso, será necessário destruir as casas e, por conseguinte, desalojar os moradores. Assim que o rumor desta notícia se espalha, começam as especulações:

- Ouve lá, ó tuparión, já que estás aqui a beber o chá, que nem bebes, só sopras - a AvóCatarina era assim mesmo, falava tudo o que lhe apeteci, - é verdade que vocês vão explodir as nossas casas?
- Desplode? Niét. Tode munde realojád. Casa novo, bonito. Varande e tudo.
- Não estou a perguntar da varanda. Esta casa também tem varanda. Isto é quando?
- Quande? Mês do ano?
- Sim, mês do ano e dia do Mês. “Quande” é que “desplode?”²¹⁵

O camarada Bilhardóv, soviético a quem os meninos chamavam de Botardóv, devido ao fato de ele sempre cumprimentá-los dizendo *bótard*, “mesmo que fosse de manhã cedo ou à noite já bem noitinha”²¹⁶, é, talvez, o único funcionário que convive com os moradores da casa mas, ainda que haja essa pouca convivência, não chegam a estabelecer, ele e os moradores dali, uma relação espontânea ou calorosa. A forma como se referem a ele, ou aos outros soviéticos é sempre de estiga ou num tom impaciente.

De fato, as obras do Mausoléu, por serem o motor do conflito narrado, gera preocupações e limitações aos moradores do bairro. Os espaços, que deveriam ser públicos, como as praias, ficam restritos aos soviéticos. Neste sentido, há uma personagem que se destaca por ser um contraponto, um elemento de trânsito entre os limites das leis e a liberdade. EspumaDoMar é tido como o maluco do bairro, personagem recorrente nas obras de Ondjaki, ele aparece em *Bom dia camaradas* como o Maxambo que tinha um jacaré na casinha do cachorro, agora, em *AvóDezanove*, ganha destaque e sua condição rende ricas contribuições ao enredo.

É dele a primeira observação sobre os rumos que as obras estavam tomando: “-Um dia o Mausoléu vai voar - Ia dizendo o EspumaDoMar - e levar com ele todas mas todas as formigas azuis...”²¹⁷. Esse tipo de premonição da personagem acontece várias vezes, o que sugere que, na sua “loucura”, ele percebe e revele detalhes que os outros não veem. Sem dúvida, é uma personagem interessante, livre das amarras sociais e livre, no seu discurso, embora pouco creditado. O menino é, talvez, o único sensível às suas falas e seus gestos:

²¹⁵ Idem, 2009. p. 28

²¹⁶ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13.

²¹⁷ Idem, 2009. p. 34.

Na PraiaDoBispo muita gente tinha pena do EspumaDoMar, nunca entendi bem isso, pena por quê?, uma pessoa que toma banho todos os dias a rir, dizer que ali são os cabelos brancos do mar, uma pessoa que fala cubano e sabe das estrelas do céu e das matemáticas do valor do Pi, e quem sabe mesmo uma pessoa com um jacaré na casota do cão, pode até ser uma pessoa feliz e só ele é que deve saber isso²¹⁸.

Através do mar que, em *AvóDezanove*, é fonte de ricas observações, chegam outros presságios sobre as obras. Parece que há uma energia que interliga os moradores da Praia do Bispo a ele e este se comporta como um “guardião” do lugar. Neste sentido, é curioso que os soviéticos nunca entravam na água, como se fossem proibidos ou a temessem. “Controlam as obras e a praia, mas, mesmo com calor, não devem ter autorização para mergulhar, acho eu, porque ficam perto da água, falam com os pescadores, às vezes, abusam do EspumaDoMar e riem dele mas não mergulham.”²¹⁹

O Mar representa o dinamismo da vida, o seu estado transitório, suas ondas simbolizam o constante ciclo de chegada e retorno e a surpresa pelo que virá. É sempre do mar ou de algo associado a ele que chegam os pensamentos sobre as dores vividas e perigos que os moradores podem enfrentar. O fato de a construção do Mausoléu implicar a desapropriação e destruição da praia, deixa, no ar, um clima de tensão que pode ser percebido pelos ventos que mudam, pelo mar se peixes e pelas premonições de EspumaDoMar: “Cuidado, mais-velho, o mar está cheio de águas salgadas - gritou o EspumaDoMar. - São as lágrimas dos que já morreram recentemente.”²²⁰

Assim como no “Mar português”²²¹, de Pessoa, as lágrimas derramadas pelo sofrimento é que salgam o mar e essas águas salgadas de lágrimas carregam, em si, a história de um passado de guerra e de dor, que, mais uma vez, anunciarão o perigo. Ao se falar na destruição da praia, o VelhoPescador se entristece com seu olhar distante. Mas, imediatamente, como por uma reação, o mar envia seus sinais:

E o mar acordou – primeiro devagarinho como uma andorinha acabada de nascer, depois mais um pouco a imitar as nuvens –, e então todos ficamos só a olhar o azul-escuro dele: na pele bem enorme do mar, com a IlhaDoMussulo lá do outro lado, um vento

²¹⁸ Idem, 2009. p. 53-54.

²¹⁹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 52.

²²⁰ Idem, 2009. p. 14.

²²¹ PESSOA, Fernando. “Mar português”. In: *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934. (Lisboa: Ática, 1972. 10. ed.).

chegou para empurrar o sol mais para baixo, ali, onde se adormece todas as noites.²²²

Também neste romance, o menino nos fornece uma visão da estrutura desse bairro de Luanda, bem como a precariedade dos serviços, o bar que não tem cerveja, o posto de gasolina sem gasolina, as ruas poeirentas, as constantes quedas de energia revelam que, mesmo em um bairro onde será a mais imponente obra da cidade, os problemas são os mesmos. Somado a isso, vemos a análise das crianças em relação aos mais-velhos. A observação do menino sobre o comportamento repetitivo dos adultos revela certa conformidade com situações cotidianas que eles já perceberam que não vão se resolver:

Fomos devagarinho em direção à casa do SenhorTuarles, pai da Charlita, meio a sorrir, o camarada VendedorDeGasolina fazia tudo aquilo quase todas as manhãs, preparava uma vassoura própria, calçava umas botas de borracha, desenrolava uma mangueira, abria a torneira e não havia água.

-Que estranho, não há água na torneira - e voltava a arrumar tudo devagarinho.

Estranhos são os mais-velhos que fazem coisas repetidas todos os dias apesar de saberem que há coisas que não mudam. Há quantos anos não tinha água naquela bomba de gasolina?²²³

Até na fala decorada dos jacós, pássaros que vivem em gaiolas nas obras do Mausoléu, está registrado o cotidiano da guerra, bem como o discurso institucionalizado do governo:

[...] o camarada Dimitri deixou cair a gaiola dos jacós que começaram a gritar “um só povo, uma só nação” e “de Luanda, capital da República Popular de Angola, transmite a Rádio Nacional”, com uma voz igualita ao camarada da Rádio que todos os dias dizia isso no noticiário das 13 e das 20.²²⁴

Seguindo o enredo, os meninos ouvem a palavra dinamite e percebem que os soviéticos já estão marcando as casas que serão explodidas. Tomados por uma ânsia

²²² ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 17.

²²³ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 10-

11

²²⁴ Idem, 2009. p. 41.

em poder ajudar, começam a tramar o que se tornará o clímax da narrativa: a explosão do Mausoléu:

-É por isso que eu digo - o 3,14 olhou para as obras do Mausoléu, fechou as mãos a fazer um binóculo improvisado com buraquinhos pequenos de ver mais longe. - Primeiro temos que tirar as marcas... Mas o mais importante...
 -Diz então.
 -Só se ninguém for queixar.
 -Diz lá.
 -Temos que desplodir a dinamite.²²⁵

Há, entretanto, – e os meninos percebem isso –, um certo descrédito dos mais velhos em relação às crianças. Este fato, porém, não os faz desistir do plano, ao contrário, encaram-no de maneira ainda mais séria. Vale enfatizar, então, que os meninos pretendem roubar a dinamite dos soviéticos e dinamitar, sozinhos, as obras:

Quer dizer, nunca ninguém fala das crianças, está certo que a nossa vida ainda é pequenina, mas nós também gostamos muito da PraiaDoBispo e os mais-velhos sempre se esquecem que quando há problemas nós podemos ajudar a resolver.
 -Só que nunca nos chamam para falar das coisas.
 -Nós vamos resolver as coisas, não te preocupes - o 3,14 outra vez com aquelas falas sérias dele parecia que estava num comício.
 -Mas tu sabes que quantidades de dinamite é que tem ali?
 -tem a quantidade de rebentar com todas as casas da PraiaDoBispo. Eu acho que essa quantidade é suficiente para o nosso plano.²²⁶

Os planos, todavia, por mais audaciosos que sejam, não escondem a ingenuidade da infância e, neste sentido, a memória, novamente, toma lugar de destaque. Todo o conhecimento que eles têm sobre explosões vem de lembranças dos filmes que assistiam:

-Vamos ter que bater em retirada.
 -Vamos bater com quê? - A Charlita queria saber.
 -Tás a ver? O teu problema é que não vês filmes e depois queres vir em missões com os rapazes.
 - Fala baixo que ainda vão nos apanhar.
 -Não conheces os códigos militares, nem já a “retirada estratégica”.²²⁷

²²⁵ Idem, 2009. p.59.

²²⁶ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 107.

²²⁷ Idem. 2009. p. 91.

Sob a lógica da infância, podemos notar que o comportamento e as observações dos meninos subvertem as normas e a conduta dos adultos, sem deixar, entretanto, de ser questionadores e bastante atentos ao seu contexto: “-Achas que o JornalDeAngola anda mesmo a pôr notícias de mentira? Seu burro, tudo o que sai no JornalDeAngola são verdades que o camarada presidente é que autoriza a saírem lá.”²²⁸

A crítica que aparece na fala de Pi, revela sagacidade sobre a manipulação do governo em relação às notícias que são divulgadas. Mesmo com a disposição dos meios de comunicação no pós independência, até as crianças sabiam do controle do Estado ao fornecer qualquer informação. A ironia da personagem, ao chamar de “verdades” as informações alteradas que o presidente autoriza, determina o início do pensamento crítico e livre das crianças.

Enquanto corre o plano de “desplodir” o Mausoléu, como gostava o menino de dizer, o narrador nos fornece detalhes da operação para a amputação do dedo da avó, que será feita pelo médico cubano RafaelTruzTruz. A AvóAgnette, antes de se tornar, definitivamente, a AvóDezanove, faz uma festa de despedida do dedo:

-Festa, mãe?

-Sim, pede aos teus irmãos para trazerem comida e vinho. A operação não é amanhã?

-É sim.

-Então hoje temos a festa da despedida do dedo.²²⁹

Percebemos, que por esses dois episódios que estão se desenvolvendo – a construção do Mausoléu e a cirurgia da avó – representam duas situações de perda: a primeira coletiva e a segunda individual. Antes de partir para o hospital, porém, a Avó registra minuciosamente, a casa, como se quisesse guardá-la, em seus detalhes na memória:

A Avó olhou devagar a sala toda, as janelas, o tapete, o sofá castanho desgastado, a televisão bem antiga de madeira, as fotos nas paredes, e parou o olhar na cristaleira onde ficava o tão lindo serviço de chá chinês.

-A neta que casar como deve ser leva aquele serviço de chá, vamos ver quem será.²³⁰

²²⁸ Idem, 2009, p. 101.

²²⁹ Idem, 2009, p.65-66.

²³⁰ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 75.

Este ato ressalta o papel dos mais-velhos no registro e transmissão das tradições. A atenção que a Avó dispensa a cada objeto, deixa transparecer o significado de cada um deles, são mais do que objetos, são depósitos de lembranças recolhidas ao longo da vida. O serviço de chá chinês, peça peculiarmente significativa, representa a passagem de uma geração a outra, como uma relíquia. O matrimônio é, também, aguardado como forma de manter as tradições e, neste sentido, o papel da mulher como representante desse sacramento, igualmente, ganha destaque.

O legado que a Avó deixa ao neto é bastante diferente do conjunto de chá chinês que deixará para a neta. Em uma visita ao cemitério, que fazem Avó e neto antes de irem ao hospital, a Avó pede ao menino algo bastante singular: “-És um amor. E quando cresceres - ela baixou para falar comigo, olhou-me nos meus olhos com um olhar quieto - quando cresceres, tens que te lembrar de todas estas estórias. Dentro de ti. Prometes?”²³¹

O menino, neste momento, ganha, como herança, uma missão que será muito importante. Na falta da Avó, quando já for um “mais-velho”, ele é que será responsável pela transmissão das memórias que, agora, ela guarda e não quer que se percam.

A maneira, entretanto, com que lidam com cada uma delas é que as diferencia. Enquanto a avó faz a festa de despedida do dedo, que, na realidade, é menos uma festa do que uma forma de reunir a família e amenizar o medo da cirurgia, a possibilidade da desapropriação dos moradores, deixa os meninos bastante abalados:

Uma tristeza de lágrimas me chegou logo nos olhos e tive que disfarçar que era do sol, o 3,14 também ficou estranho a olhar assim para muitas casas daquele nosso bairro de poeiras e brincadeiras antigas. Um trator enorme passou por nós, muito perto, era pesado e passou muito perto, era pesado e fazia muito barulho mas ninguém se afastou e o motorista ficou a refilar, abriram o portão principal do Mausoléu e o trator entrou, depois ficou um silêncio estranho.²³²

Este momento é o início da reação contra as obras. A tomada de consciência e a permanência na frente do trator, demonstram a consolidação da atitude posterior. Da mesma forma, a ironia também se torna presente como forma de encorajamento à explosão:

²³¹ Idem, 2009, p. 82-83.

²³² ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 56.

-Menines, tudo na brincadeira? Fica olhar maravilhe de obra da Masuléu? Que bonite! Parece foguetón, que bonite!
 -Já vais ver o “foguetón” levantar voo - o 3,14 falou com os dentes muito apertados, mas eu entendi.
 -Bilhardov nã entende.
 -Mas despues, Bilhardas vais entender!²³³

Os desdobramentos das obras, entretanto, despertam a reação dos mais-velhos também. Em meio à desordem pela qual a cidade vem passando, existe, entre os moradores, uma certa organização, pois estes se unem contra os atos abusivos dos soviéticos. Ao acordarem, numa manhã, e encontrar a praia fechada, os pescadores e demais moradores vão para a entrada do Mausoléu:

-Os camaradas pensam que é só fechar a praia dos pescadores e quem vai dar de comer nos nossos filhos amanhã? - gritava uma camarada mulher de outro pescador que esqueci o nome de todos da família dele.
 -Comrades, ordes superior da camarada general chefe, nós só cumpre ordes, nã decide de pôr placas de proíbe - o Botardov nem conseguia bem explicar as coisas.”²³⁴

O soviético Bilhardov, neste momento, tenta justificar o fechamento da praia e revela, finalmente, seu segredo em um carta que entrega ao menino para que ele a leve até a AvóDezanove:

-Menino, entregue esta missiva à sua Avó com menos dedos que as outras avós.
 Pensei que ele estava a brincar ou a falar à toa, mas tinha mesmo uma carta na mão dele a apontar para mim.
 -Quem, eu?
 -A Avó é sua e a carta é dela. Aquí no se cometen errores, compañero.
 Me entregou a carta disfarçadamente, parecia que era segredo.
 -Andas a escrever cartas para a minha Avó, Espuma? [...]
 -Yo ya no escribo. Yo hablo! - disse com voz forte. -A carta é de um tal Bilhardov, também conhecido na PraiaDoBispo e arredores por CamaradaSovacov. Tenho dito!²³⁵

A carta, entretanto, por uma decisão do menino, não chega ao seu destino:

²³³ Idem, 2009. p. 111.

²³⁴ Idem, 2009. p. 120.

²³⁵ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 135-136.

Abri a carta, eram duas páginas com uma letra difícil de ler, parecia escrita à pressa, não dava para entender nada. Mas era dele, no fim tinha mesmo a assinatura “Bilhardov”. [...] Amarrotei bem a carta, rasguei em bué de pedacinhos pequeninos e deitei na sanita para afundar as palavras do CamaradaBotardov.

-Vai masé escrever cartas para a tua mulher lá no tão-longe – peguei no balde de água e despejei todo na sanita para não sobrar nenhum papel.²³⁶

O segredo que o soviético pretendia revelar, mais uma vez, é adiado. Existe, desde o início da narrativa, uma amizade entre a AvóAgnette e o CamaradaBilhardov que incomodava o menino. Para fazer com que os meninos se comportassem ou fizessem algo que não queriam, a Avó os ameaçava: “-Vou-me embora para o tão-longe. O soviético já disse que quer me levar para o tão-longe. E eu vou mesmo. Ninguém vai sentir a minha falta”.²³⁷

Por medo de a Avó ir embora para o “tão-longe” somado à incerteza e o ciúme, o menino se desfaz da carta, sem lê-la e, por hora, fica perdido o segredo.

A confusão causada pelo fechamento da praia se intensifica, chega a polícia e moradores de outros bairros. Enquanto isso, os meninos veem a possibilidade de entrar no Mausoléu para colocar a dinamite e executar, por fim, o plano: “-Vamos aproveitar agora porque esta confusão ainda vai durar muito, tou a ver mais pescadores a virem e a polícia daqui a bocado vai começar a dar tiros.”²³⁸

Ao conseguirem entrar no Mausoléu, os meninos colocam a dinamite em pontos estratégicos e saem a esperar a noite para acendê-las. Quando, finalmente, voltam para executar o plano, o menino para e observa a Praia a fim de registrar, na memória, aquele cenário e de relembrar o que já fazia parte de sua memória individual:

Olhávamos, dali, quase toda a PraiaDoBispo, do lado esquerdo as obras do Mausoléu, algumas casas longe, a casa da DonaLibânia, a bomba de gasolina, lá longe as casas da curva antes da Igreja bonita, as casas verdes, a casa do EspumaDoMar, a casa da Paulinha, a casa da TiaAdelaide, ali tão perto, coladinha, a casa enorme do SenhorTuarles, com as cinco filhas dele e só a Charlita que tinha óculos bons, a mesma casa com o galinheiro antigo de muitas brincadeiras e o cheiro da kitaba²³⁹ da AvóMaria com ou sem

²³⁶ Idem, 2009. p. 139.

²³⁷ Idem, 2009. p. 27.

²³⁸ Idem, 2009. p. 121.

²³⁹ Espécie de pasta feita com amendoim torrado. (nota do autor, p. 180).

jindungo²⁴⁰, depois da casa do Gadinho, que não lhe deixavam nunca vir brincar conosco, depois, onde já não podíamos ver, outras casas, a casa do Paulinho, que treinava judô e ajudava o pai dele.²⁴¹

A visão que o menino nos fornece da Praia, percebemos, vem de sua memória do local, construída durante a infância. São lugares e pessoas que reaparecem em *AvóDezanove*, mas que já compuseram outras obras de Ondjaki, fato que torna o pedido feito pela Avó, se o trouxermos para fora da ficção, para que o menino não se esquecesse das estórias, foi cumprido.

Na verdade, há um grande esforço do narrador em não se esquecer de nenhum detalhe. À sua memória individual, chegam estórias diversas que fazem parte da memória coletiva daquele povo, naquele lugar:

[...] e nós ali em cima do muro, sim, sem casa essa vida toda, os mais-velhos já tinham vivido, mas nós sabíamos de todas as pessoas e de todas as estórias que tínhamos visto e inventado, mais as que eram contadas, recontadas e aumentadas pelo EspumaDoMar, como as tranças dele de conchas penduradas do mar, estórias de kiandas que também são sereias, que o VelhoPescador disse que viu mas outros dizem que não pode ter visto, estórias em kimbundo da AvóMaria que não entendemos nada até hoje porque na escola nunca nos ensinaram a falar nem escrever kimbundo, estórias do próprio camarada VendedorDeGasolina bebe e fala demais, estórias do SenhorTuarles que fala pouco mas que afinal tem boas estórias do tempo de antigamente, estórias da AvóCatarina que abre e fecha janelas e muita gente anda a dizer que nós as crianças falamos à toa, que ela já não está lá em casa da minha AvóNhé, que agora lhe chamamos mesmo AvóDezanove, estórias da PraiaDoBispo no tempo dos tugas, com menos poeira que agora e as pessoas parece que falam diferente mas também o país era afinal ocupado e sem a independência dipanda e ainda, para não dizerem que esqueci, as estórias todas que a AvóDezanove me conta, tantas, com tantos nomes, com tanta gente e roupa, com danças e pianos, e fados e viagens e casos, com falas e pensamentos e os carinhos e as pausas de silêncio que também fazem parte das estórias de depois do almoço que ela me conta, e tudo isso, às vezes, tantas vezes, não sei por que, faz os mais-velhos pensarem que nós não vamos lembrar de tudo – quando um dia estivermos com os olhos parados a pensar na nossa poeirenta PraiaDoBispo.²⁴²

As várias estórias, vindas de todas as fontes, são apreendidas pelo menino. Até o não-dito, como as pausas que a Avó dava no meio da estória, é percebido e

²⁴⁰ Condimento apimentado (nota do autor, p. 180).

²⁴¹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 107-108.

²⁴² Idem, 2009. p. 108-109.

armazenado como forma de preservar, inclusive, o modo de falar dos contadores. Soma-se às verdadeiras, aos testemunhos da época em que Angola ainda era dependente de Portugal, as estórias inventadas de lendas e tradições orais. A oralidade, aliás, que foi se perdendo à medida que o colonizador impunha a sua língua, numa tentativa de calar a cultura angolana, que ainda não foi resgatada.

Por fim, acontece a explosão do Mausoléu:

Uma grande explosão acordou outros pássaros nas árvores e os peixes no mar – vimos cores de uma carnaval de fogo, amarelos, vermelhos a fingir que sabiam ser cor das laranjas num verde azulado sem ser marinho, todos os brilhos a imitar estrelas que sabiam dançar num céu já nem escuro de tão iluminado com aquela nossa explosão bonita de ser demorada nos ruídos e nas cores lindas que os nossos olhos olharam para nunca mais ninguém esquecer passado algum tempo – ou a vida toda.²⁴³

O fim das obras do Mausoléu, que é descrito de maneira lírica pelo narrador, já revela um sentimento de alívio, de dever cumprido, sem culpas, como quando se faz um bem. Aquela obra que, minutos antes, marcava o espaço tomado pelo governo, agora ficará registrada na memória coletiva daquele povo como um marco de liberdade. Podemos dizer que a ausência da obra se torna mais significativa do que o Mausoléu, em si.

O fim da narrativa se dá como uma maneira de abraçar, de aceitar o feito, de batizar essa nova fase que, como retratada em *Bom dia camaradas*, nasce, em Luanda, na PraiaDoBispo. Foram os três meninos para uma mergulho no mar escuro para assistirem as explosões e gritar gritos azuis na água: “nesse momento éramos os três no escuro da água a mergulhar para gritar nossos gritos azuis, eu a pensar, de que cor é o grito de um pássaro? [...]”²⁴⁴. Os dois romances, sinalizam, portanto, recomeços para a cidade, mudanças de fases que começam após conflitos que fecham as narrativas.

O desfecho dos acontecimentos, entretanto, só vemos no epílogo, quando é revelado, finalmente, o segredo do soviético, numa outra carta que Bilhardov escreve e que espera que consiga chegar à AvóAgnette, já que os “netes gosta de destruir

²⁴³ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 166.

²⁴⁴ Idem, 2009. p. 173.

coises”.²⁴⁵ O conteúdo da carta, uma confissão de autoria da explosão, “Se camarada general sabe, grupo todo vai prese, antón organiza este explosón da Masuléu.”²⁴⁶ não só isenta os meninos da culpa, mas revela um soviético humanizado e simpático em relação aos angolanos: “Bilhar dov, vosse amigo, nunca quis participe na plano de explosón de casas de praia da Bispo, ordes de general é que tinha, para conclusón de obra.”²⁴⁷

CamaradaBilhar dov ainda tem a sensibilidade de compartilhar as estórias que também ouviu em Luanda naquele tempo, deixando, no fim da carta, um recado para o menino sobre o corpo do presidente Agostinho Neto estar preservado e, que o jacaré do EspumaDoMar, realmente, existia, o que deixa no ar, a possibilidade de que todas as estórias também possam ser.

3.4. Espaços e (possíveis) identidades através de memórias

O que pretendemos, a seguir, é uma seleção de espaços que aparecem nas narrativas de *Bom dia camaradas* e de *AvóDezanove e o segredo do soviético* a fim de percebermos como eles podem ou não auxiliar no processo de formação da identidade angolana pós-independência. A maioria desses espaços é comum às duas obras, fato que revela uma característica recorrente e bastante singular na produção de Ondjaki, a frequente revisitação à sua Luanda, aos seus espaços e às suas memórias que se confundem com as de seus personagens. Antonio Candido, aponta que:

A personagem é um ser fictício – expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo e o problema da verossimilhança no romance depende dessa possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem que é a concretização deste.²⁴⁸

²⁴⁵ Idem, 2009. p. 176.

²⁴⁶ Idem, 2009. p. 176.

²⁴⁷ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 176.

²⁴⁸ CANDIDO, Antonio. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva; 2007. p. 51. 11. ed.

Consideraremos toda a obra de Ondjaki como fictícia – que ela é – mas podemos entender a composição de seus personagens, dos espaços na narrativa e das situações narradas, de maneira, como define Candido, paradoxal. A literatura, de maneira geral, igualmente, por ser expressão artística, precisa ser entendida como ficção, apesar das semelhanças com a realidade, embora, o texto literário, em sua essência, já se torne documento por ser o registro de *locus* e de *ethos*. Podemos perceber essa ideia de a ficção *ser*, na produção ondjakiana. Veremos, a seguir, alguns exemplos.

Começaremos por um espaço comum e polêmico, nos dois romances, as obras de construção do Mausoléu que abrigará o corpo do presidente Agostinho Neto²⁴⁹. Iniciadas no começo dos anos 80, três anos após sua morte, a construção, cujo formato se assemelha ao de um foguete, tem início em meio à guerra civil, momento, obviamente, delicado para todo o país. Justamente para enfatizar o poder do MPLA, que assume o governo de forma autoritária e manipuladora, a obra será construída.

No primeiro momento, em *Bom dia camaradas*, percebemos que se trata de um motivo de orgulho para os moradores da Praia do Bispo, talvez, porque, assim como as ruas por onde o presidente passa são reformadas – [...] há muita gente que gosta que o camarada presidente passa na rua deles porque num instantinho desaparecem os buracos e às vezes até pintam os traços da estrada” – os moradores poderiam esperar que, abrigando um monumento com as proporções históricas que o Mausoléu abarca, poderia trazer melhorias para o bairro também.

Passa despercebido pelo menino narrador, neste romance, o domínio do território da praia pelos soviéticos que trabalhavam nas obras:

-Mas não podemos ficar aqui, nesta praia tão “verzul”? - ela sorriu para mim.

-Não, tia, aqui não se pode. Esta praia tão verzul é dos soviéticos.

-Dos soviéticos!? Esta praia é dos angolanos!

-Sim, não foi isso que quis dizer... é que só os soviéticos é que podem tomar banho nessa praia. Vês aqueles militares ali nas pontas? [...]

-Mas porquê essa praia é dos soviéticos? -agora sim, ela estava mesmo espantada.

²⁴⁹ António Agostinho Neto foi escritor e integrante do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola com importante participação na luta pela independência, na década de 1950. Líder do MPLA, declara a independência de Angola, em 1975, tornando-se figura de grande destaque popular. O dia 17 de setembro, data de seu nascimento, passou a ser conhecido como o Dia do Herói Nacional, em homenagem a ele, que pode ser entendido como um mito fundador da nova nação angolana. Morreu em 1979 e, em 1982, tem início as obras do Mausoléu, que só serão concluídas em 2012.

-Não sei, não sei mesmo. Se calhar, nós também devíamos ter uma praia só de angolanos lá na União Soviética.²⁵⁰

A ingenuidade com que o garoto observa a privatização da praia, guardada por militares, expressa traços infantis, mas denuncia o quão séria é essa situação. A esperança na troca – ter uma praia de angolanos na União Soviética – demonstra um otimismo típico das crianças.

Ao mostrar para a tia, que vive em Portugal, a obra a ser construída, o menino sente orgulho. Aquele Mausoléu, exclusivamente angolano, se torna parte que integra o espaço da praia, ao mesmo tempo em que se tornará parte da memória coletiva da população, um lugar de memória, para lembrar o conceito de Nora, por estar envolto em significados que contribuem para a identidade angolana em formação:

-Tia, Portugal já tem um foguetão?

-Não, não tem filho.

-É que nós temos, e não é do tempo dos portugueses, não penses... - aponte para a esquerda onde se podia ver o Mausoléu. -Quer dizer, ainda não tá pronto, mas tá quase...²⁵¹

O formato de foguete do Mausoléu, anuncia os novos voos de Luanda, agora que o país era independente, sugere desenvolvimento tecnológico, um lançamento ao mundo. Pela fala do menino, ao perguntar se Portugal “já” tem foguetão, a ideia de desenvolvimento, de pioneirismo e o “nós”, sustenta tanto a memória quanto a identidade coletiva dos moradores da praia.

Em *AvóDezanove*, entretanto, o Mausoléu vai perdendo o significado à medida em que há a tomada de consciência. O monumento deixa de ser motivo de orgulho para se tornar um empecilho para os moradores. O espaço é ameaçado por uma desapropriação para ampliação das obras e, por isso, deixa de integrar a identidade local. A ameaça desse apagamento das memórias coletivas e individuais daquelas pessoas impede a identificação com ela. O Mausoléu torna-se, como definiu Marc Augé, portanto, um não lugar.

Era uma página enorme com um desenho meio amarrotado dos planos do governo para toda a área do Mausoléu, com pequenas figuras que tinham símbolos onde iam ser parques novos, zona com baloiços, uma marginal nova perto do mar, muito espaço com relva

²⁵⁰ ONDJAKI, *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 57.

²⁵¹ ONDJAKI, *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 53.

de passear cães a fazer cocó em todo o lado, escorregas, fontes de água, árvores já grandes que eu não sei como é que iam crescer tão rápido e um montão de gente em fila para entrar no Mausoléu e ver o corpo do camarada presidente embalsamado com as técnicas dos soviéticos.

- Mas, desculpa só - 3,14 olhava bem espantado - não vejo aqui a minha casa, nem mesmo já a bomba de gasolina.

- Não vejo a praia com a canoa do VelhoPescador, nem a casa da minha avó.

-E eu não vejo a casota que eu tenho no meu quintal a guardar um certo animal... [...] ²⁵²

Como reação à tentativa de apagamento das memórias da praia, os meninos da rua planejam a explosão do foguetão, que apagaria, assim, um monumento ao descaso e desumanidade de um governo que, assim como aquela obra, não os representa: “- Temos que desplodir a dinamite.” ²⁵³ A explosão do Mausoléu é exemplo do que Aristóteles ²⁵⁴ já observou sobre a ficção poder contar aquilo que poderia ter acontecido, ao passo que a História só pode contar o que, de fato, aconteceu.

Temos, portanto, a seguinte equação a respeito do Mausoléu: *Lugar – Não Lugar – Lugar*. A princípio, por ser significativo, é, simultaneamente, um Lugar ou Lugar Antropológico, no sentido que lhe atribui Augé ²⁵⁵, ou um Lugar de Memória, no sentido que lhe dá Nora ²⁵⁶, passa à categoria de Não Lugar, por não fazer parte da identidade do local e, por fim, a explosão que deixa o espaço vazio, sem a construção, mas rica em significado para os moradores da praia, torna-se, novamente em Lugar e, sobretudo, um Lugar de memória, em que a ausência fala mais do que a presença.

Alguns outros monumentos que podemos observar ao longo das narrativas, também vão se carregando de significado. No Largo do Kinaxixi, descrito em *Bom dia camaradas*, o menino mostra à tia um monumento com um carro blindado exposto, ao que a tia reage com estranhamento:

-Mas antigamente não era este blindado que estava aqui em cima, sabes? – ela olhava para o blindado com atenção, ia tirar uma fotografia mas eu disse-lhe que que era melhor não, porque ainda estavam muitos FAPLAS ali na rua.

²⁵² _____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 100.

²⁵³ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 59.

²⁵⁴ ARISTÓTELES. *A Poética*. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b2.pdf>. >Acesso em: 17/08/2016.

²⁵⁵ Cf. AUGÉ, Marc. Apud SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. In: *Tempo social*. Revista de sociologia da USP. Vol. 26, n. 2. p. 209-229, nov. 2014.

²⁵⁶ Cf. NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Houry. São Paulo: PUC, 1993.

-Era outro blindado? Maior ou mais pequeno? -eu não sabia que aquele já era o segundo blindado.

-Não, não percebeste...

-Então?

-Ali havia uma estátua.

-Uma estátua? Qual estátua?

-A estátua de Maria da Fonte - ela parecia ter a certeza.

-Não sei, tia... Aqui em Luanda normalmente só temos fontes, assim mesmo a sair água com força, quando rebenta um cano... - o camarada João tava a rir.²⁵⁷

Notamos que a memória desse local passa por uma ressignificação conforme os acontecimentos políticos vão ocorrendo. O lugar, que atualmente, abriga uma estátua da Rainha Jinga, já exibiu estátuas em homenagens aos combatentes de guerra e um carro blindado, no período de guerra civil. A memória coletiva vai passando por um processo de palimpsesto e representando momentos da história da cidade que, como comprovamos, se transformava.

O comentário do menino sobre as fontes de Luanda, também denuncia aspectos precários daquele lugar. O Largo do Kinaxixi, é cercado de construções condenadas e inacabadas, o que contrasta com a colocação de estátuas, quaisquer que sejam. O cenário em torno do monumento – revelando que há muito o que ser feito ali – diz mais à memória da cidade do que o próprio marco. O blindado que o menino queria que a tia visse revela uma realidade com a qual ele podia se identificar, por ser a que ele conhecia, mas, para a tia, aquilo não tinha significado algum, principalmente, porque ela se recordava de outra estátua.

Desse modo, podemos concluir que o Largo, como um todo, torna-se lugar de memória e mostra, para exemplificar as observações de Milton Santos, como a globalização, ou uma tentativa de globalização, neste caso, é ineficaz.

O Edifício onde está localizada a Rádio Nacional de Angola, órgão sob constante supervisão do governo, no entanto, chama atenção pelas suas boas condições e beleza.

Mas a Paula disse que tínhamos que ir andando, passámos por um corredor bem limpo, até fiquei burro, poça, afinal Luanda tem sítios assim tão bonitos? É isso mesmo, a Rádio Nacional é bonita, eu estava encantado, tinha pequenos jardins lá dentro, eu até queria pedir à Paula para ir ali brincar depois das gravações.²⁵⁸

²⁵⁷ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 63.

²⁵⁸ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 37

O contraste entre o Edifício da Rádio e os demais lugares de Luanda deixa evidente o cuidado dispensado a um órgão do governo, embora isso não fosse oficial. É questionável, entretanto, se esse lugar assim, limpo e bonito, é um lugar com o qual os luandenses se identificam. O prédio da Rádio, lugar por onde passa toda a informação divulgada no país, é, por si só, um monumento à memória coletiva, é por meio desse sistema de radiodifusão que chegam notícias de tudo o que ocorre no país, desde as guerras até os esportes, o que faz desse local, um depósito de informação, um acesso às memórias e uma fonte para a construção da identidade, moldada, obviamente, pelos parâmetros do governo.

Maurice Halbwachs aponta que a casa e a escola são os espaços que promovem a memória coletiva das crianças.²⁵⁹ Neste sentido, a casa pode ser entendida como a consolidação da identidade. Nesses dois romances de Ondjaki, ela ganha destaque. Em *AvóDezanove*, o espaço da casa é o da AvóAgnette. Segundo Bachelard²⁶⁰, a casa representa o ser interior e os andares e o sótão, os estados de alma. Neste sentido, a casa da Avó torna-se uma extensão dos seres que nela habitam. Dinamitá-la, como pretendiam os soviéticos, seria como a morte, morte das memórias, morte da identidade.

Simbolicamente, a casa representa a redoma, o refúgio, uma unidade fechada que reflete a organização do universo, sobretudo, representa o feminino, o colo materno²⁶¹. Sendo assim, a casa da Avó se torna ainda mais significativa porque, une tudo isso à sabedoria dos mais-velhos que ali habitam.

A casa da AvóNhé é lugar onde nascem e se consolidam memórias e, principalmente, onde se constrói a identidade das crianças. Ali é onde são transmitidas as tradições, onde elas conhecem as lendas de tempos antigos, onde se estabelecem relações entre amigos e familiares, e a presença da Avó contribui para enriquecer essa ligação. “A AvóAgnette fazia entrar num abraço todos os muitos netos que nós éramos,

²⁵⁹ Cf. HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990.

²⁶⁰ Cf. BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danese. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2.ed.

²⁶¹ Cf. LUKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 2. ed.

nem sei como conseguíamos caber naquela cama, mesmo sendo de casal, uma cama não foi feita para tantos netos ao mesmo tempo.”²⁶²

De modo semelhante, se configura a casa do menino, em *Bom dia camaradas*. A casa, que, nesta obra, é o seu lar, é o lugar onde o menino se sente acolhido e seguro, lugar de onde ele observa as transformações pelas quais a cidade passa.

Neste sentido, a personagem António, como já dissemos, é destacada porque marca a transitoriedade entre o passado e presente, ele representa o velho naquele cenário que era novo e tinha, na verdade, o seu espaço demarcado na casa: “Quando arrumava a garrafa de água, e limpava a bancada, o camarada António queria continuar com as tarefas dele sem mim ali. Eu atrapalhava a livre circulação pela cozinha além de que aquele espaço pertencia só a ele.”²⁶³ António já estava na casa há tanto tempo, que tinha o seu território delimitado ali, todos da família sabiam que aquele era o espaço dele.

De modo igualmente significativo, se configura o espaço da escola, que só aparece em *Bom dia camaradas*. É lá que se dão as relações fora do contexto de casa, onde o menino interage com os amigos e professores e onde, claro, aprende lições que lhe servirão de base para a sua identidade. Pela escola, passam, também, as memórias da cidade que são transmitidas aos alunos.

É importante ressaltar como o contexto da guerra influencia no contexto escolar. Trata-se, como já mencionamos, de uma escola em que os ideais do MPLA eram abertamente difundidos, o discurso revolucionário dos professores cubanos reforçava esta situação. Mas, percebemos, sobretudo, que a guerra estava intrínseca aos estudos e se manifestava nas atividades realizadas nas aulas:

É impressionante: eu costumava observar isto nas provas de EVP²⁶⁴ desde a quarta classe, toda a gente desenhava coisas relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outro fizeram makarov's, e as meninas é que faziam mais coisas tipo mulheres no rio a lavar roupa, o mercado Roque Santeiro visto de cima, a marginal à noite ou o morro da fortaleza.²⁶⁵

²⁶² ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 26.

²⁶³ _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 18.

²⁶⁴ Educação visual e Plástica

²⁶⁵ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 130.

Guerra também aparecia sempre nas redacções, experimenta só manda ruma aluno fazer uma redação livre para ver se ele não vai falar da guerra [...]”²⁶⁶

A presença da guerra já faz parte da memória das crianças e isso reflete na sua identidade. O espaço da escola, que deve ser um lugar de aprendizado e de liberdade de expressão, neste contexto, também expressa esse cotidiano. Como lugar onde há muitos jovens em formação, a escola se torna um lugar de doutrinação e a constante imposição de posturas, de atitudes que se mostram, autoritárias, na prática, termina por fragilizar a identificação com esses alunos. O ato de se colocar de pé quando entrava alguém na sala, “Nós gostávamos quando entrava alguém na sala de aulas pois tínhamos que nos pôr de sentido [...]”²⁶⁷, contradiz o discurso dos professores: “não se esqueçam, a escola é a vossa segunda casa”²⁶⁸.

A escola se configura, portanto, como afirmou o camarada professor de química como “um sítio de resistência”²⁶⁹, mas, principalmente, um lugar de resistência à oposição ao governo.

Por outro lado, o convívio com os colegas e os professores faz desse lugar, um lugar de encontros, de trocas, compartilhamentos, um lugar com o qual eles se identificam e sentirão falta:

O fim dos anos letivos era sempre uma coisa muito chata pra mim porque ficava com saudades dos meus colegas, das nossas brincadeiras, até dos camaradas professores, até das palavras de ordem, até de cantar o hino, até de ir ao quadro, até da limpeza geral da escola, até de jogar estátua nos corredores embora quando se levasse uma bem esquentada as costas ficavam a arder, ou jogar estica até sermos apanhados pelo camarada subdiretor e levarmos todos duas reguadas em cada mão, tudo isso, era uma só coisa que um dia destes ia mesmo acabar.²⁷⁰

Outro espaço que se torna bastante significativo é o do cemitério, em *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Naturalmente, cemitérios são espaços que remetem à dor, sofrimento, saudade, perda, um lugar onde estão enterradas muitas memórias, mas, nesta passagem do romance, a proximidade entre avó e neto o

²⁶⁶ Idem, 2006. p. 131.

²⁶⁷ Idem, 2006. p. 22.

²⁶⁸ Idem, 2006. p. 30.

²⁶⁹ Idem, 2006. p. 70.

²⁷⁰ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 94.

transforma em um espaço de revelação, de descobertas. Não por acaso, é ali que a Avó faz ao neto o pedido de que ele nunca se esqueça das estórias e que as conte no futuro.

À medida em que vão procurando o túmulo do avô, a avó vai relembrando as estórias que fazem parte da memória coletiva de Luanda:

Eu gostava desta parte porque, para dizer a verdade, acho que aquilo era teatro da AvóNhé. Ela sabia muito bem onde estava a campa, até eu já sabia quase de olhos fechados, mas aquilo era assim mesmo, íamos passando e tropeçando noutras campas e ela ia contando pequenas estórias, em voz alta, nunca entendi bem se aquilo era um modo de me fazer ouvir certas coisas ou se era para ela mesmo matar saudades das pessoas que ela já não via há tanto tempo. “Esta campa é do falecido DonTito, pai da CarmenFernandez, que morreu de desgosto quando soube do parto do saco de formigas”, deitava um bocadinho de água, ajeitava as flores secas mas lindas que alguém tinha deixado ali há muito tempo, “Aqui ficou o falecido Barradas, pai daquela Barradas que tinha fama até no BairroOperário de ter atributos demasiado desenvolvidos”, nem entendi bem, “atributos, Avó?” ela sorriu a limpar as lágrimas nos olhos “Um dia a Avó conta-te a estória de como o Barradas se preparava para jogar futebol e ainda a estória da ceguinha que se pôs aos gritos”, e soprava outras campas, olhava para pequenas fotografias de vidros partidos, afastava as folhas, “Aqui está o SenhorSantos, marido da AvóChica, sim senhora, tinham uma boa adega, limpa aqui bem esta fotografia”. Os coveiros começavam a aproximar-se devagarinho para perguntar se seria preciso ajuda, a Avó não queria, até podia dar-lhes dinheiro, mas a AvóNhé não gostava de muita gente perto dela ali no cemitério.²⁷¹

Por fim, um espaço que se destaca por marcar a opressão do governo durante a guerra é o aeroporto. Quando o menino vai buscar a tia, que vem de Portugal, encontra situações nada agradáveis:

Subi no capô do carro, espreitei por cima dos ombros, daquelas pessoas todas. Até sorri: um macaco tão bonitinho estava a saltitar no ombro duma senhora estrangeira, enquanto um senhor, acho que era o marido, lhe tirava fotografias. [...] De repente, um FAPLA aproximou-se por trás, esticou uma bofa no macaco, coitado, ele saltou, deu duas cambalhotas no ar, ainda gritou, caiu no chão e desatou a correr. [...] Coitados, eles não deviam saber que em Luanda não se pode tirar fotografias assim à toa. O FAPLA disse: “a máquina está detida por razões de segurança de estado!” Depois explicaram-lhes que não podiam estar a tirar fotografias no aeroporto, ele disse que só estavam a fotografar o macaco e a mulher, mas o FAPLA filipou e disse que a mulher e o macaco

²⁷¹ Idem, 2006. p. 79.

estavam no aeroporto e que nunca se sabiam onde é que aquelas fotos iam parar.²⁷²

Este espaço, claramente, um Não lugar, apesar de ficar marcado na memória do menino, é um lugar de trânsito, com o qual as pessoas não se identificam e no qual a sua identidade não é importante, uma vez que é um lugar de partida e de chegada, mas as relações são travadas fora dali. No caso de Luanda, somado a isso, há a questão da “segurança de estado”, que contribui para esta categoria de Não Lugar que o aeroporto ocupa.

3.5. Trânsito e liberdade: personagens de qualquer lugar

Em meio aos espaços que selecionamos – físicos e simbólicos – percebemos que há personagens que transitam entre o espaço literário. São personagens que se locomovem entre caminhos que o autor cria para a sua narrativa para os quais o leitor, à la Blanchot, precisa, também, se conduzir.

Sendo assim, tanto em *Bom dia camaradas* quanto em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, existem personagens que percorrem os variados espaços no texto. Voltar-nos-emos, portanto, à movimentação dessas personagens nesses espaços literários.

O primeiro que merece destaque é EspumaDoMar, cujo nome vem dos banhos que ele tomava à beira da Praia, em seu ritual diário:

-Não tenho banheira em casa, mas não podem dizer que nunca tomei banho de espuma.

O nome chegou assim, EspumaDoMar, ali na beirinha da PraiaDoBispo, onde perto da areia o mar tinha uma mancha enorme de espumas brancas que aquela rebentaçozinha inventava para a água chegar à areia sem ser com força [...] e o EspumaDoMar a fazer mancha escura na brancura da espuma do mar.²⁷³

O percurso desta personagem se desenvolve em *AvóDezanove*, mas já aparece em obras anteriores, como as do conjunto dos Anos 80, como *Maxando*, que criava um jacaré na casinha do cachorro: “Ele tinha um cão, o cão foi atropelado por um

²⁷² ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 39-40.

²⁷³ Idem, 2009. p. 53.

militar, e como o militar já não tinha um cão para lhe devolver, lhe arranhou um jacaré – isto era verdade, todos da Praia do Bispo sabiam.”²⁷⁴

EspumaDoMar se torna figura de destaque na Praia do Bispo, ora por suas observações peculiares, ora seu comportamento inusitado. Seja por uma ou outra coisa, ele, frequentemente, surge de forma inesperada com uma colocação importante.

Há, na sociedade, segundo o filósofo Michel Foucault, estruturas de dominação, que, automaticamente, garantem a manutenção do poder do dominador em detrimento do dominado. Essa *microfísica* do poder, como denomina, abrange todo o sistema que rege a sociedade – cada época, com sua *episteme*, ou seja, seu conjunto de valores e normas que ditam a conduta do indivíduo a fim de integrá-lo ao coletivo – de modo que é impossível que o sujeito se dissocie dessa lógica sistematizada, ou, quem o fizer, será facilmente taxado como louco.²⁷⁵

A situação política de Angola, nos anos que se seguiram à independência, se agrava com o início dos conflitos civis, como já sabemos. Dentro do território de Luanda, cenário desses romances de Ondjaki, percebemos como a microfísica do poder vai se estruturando, de modo a manter, sempre, perpetuada a dominação de uns sobre outros. Em um contexto de guerra, essas estruturas se evidenciam – vimos exemplos de repressão no aeroporto, nas praias, na escola, entre outros.

Não vamos nos ater, aqui, à questão da loucura, também analisada por Foucault, mas nas estruturas de dominação que a personagem EspumaDoMar denuncia. Justamente por fazê-lo, ele é considerado louco. Sua “loucura”, entretanto, lhe proporciona uma liberdade da qual os cidadãos “normais” não usufruem. “Há muitos anos que os soviéticos desistiram de proibir os banhos do EspumaDoMar na praia proibida [...]”²⁷⁶

Ao fecharem a praia para o público enquanto trabalhavam na construção do Mausoléu, os soviéticos desistem de impedir o livre trânsito de Espuma, uma vez que acreditam em sua loucura e o veem como inofensivo e motivo de graça.

Os soviéticos riam no meio da língua cuspidada deles de não se entender nem sequer só uma vírgula ou uma palavra mais internacionalista, ficavam mais vermelhos, ajeitavam o boné e sacudiam as fardas azuis, rindo do maluco, imitando os gestos

²⁷⁴ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 54

²⁷⁵ Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2009.

²⁷⁶ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 50.

desajeitados de mergulhar dele, sem saberem, que eram eles as formigas azuis que o EspumaDoMar queria que fossem embora num voo inventado das obras do Mausoléu.²⁷⁷

A percepção, porém, da personagem em relação aos soviéticos e ao que eles representam, fica evidente na opinião e no comportamento de EspumaDoMar, que se vale, inclusive, da barreira linguística entre ele e os soviéticos para expressá-la.

- Tenho o corpo sujo, es verdade, pero mi alma está limpa... nem todos podem dizer isso, não es así, lagostins? - os soviéticos olhavam para o outro lado, para fugir com os olhos do sol e para não deixarem as crianças verem a cara deles encarnada. - Os mais-velhos dizem: uno deve partir quando no es bienvenido... Ahahah!²⁷⁸

-Um dia o Mausoléu vai voar - ia dizendo o EspumaDoMar - e levar com ele todas mas todas as formigas azuis...²⁷⁹

A fama da loucura de EspumaDoMar, que lhe dá acesso a áreas restritas ao restante da população, demonstra o contraste entre o conformismo que normatiza aquela sociedade e a atitude permite ao personagem o livre trânsito a todos os espaços, que são, acima de tudo, (ou deveriam ser) públicos.

Durante a explosão do Mausoléu, esta personagem é vista, mais uma vez, de maneira inusitada, saindo do barracão dos soviéticos com as gaiolas de pássaros que estavam sob domínio destes. Esta atitude prova, tanto a sua sanidade ao demonstrar atenção aos bichos, que certamente morreriam, quanto revela sua sensibilidade.

[...] a mancha escura de um corpo com a luz verde a largar fumo da mão, mil cordas presas ao corpo que corria tipo cem metros barreiras, mil cordas com pássaros presos, sete ou oito gaiolas atadas à cintura a saltarem como balões leves, pássaros presos nos tornozelos a gritarem que não querem aquela boleia forçada de saltitar com velocidade sobre a água [...] essa mancha era o corpo do EspumaDoMar a rir de vir tão rápido pela praia com animais pendurados no corpo dele a desconseguir de levantar um voo voado.²⁸⁰

Neste, que é o último ato da personagem, ele traz pássaros presos ao corpo. Representando a liberdade, esses pássaros, que se veem livres do Mausoléu, também

²⁷⁷ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 34.

²⁷⁸ Idem, 2009. p. 52.

²⁷⁹ Idem, 2009. p. 34.

²⁸⁰ Idem, 2009. p. 163-164.

simbolizam a liberdade da qual os moradores da Praia do Bispo poderão, assim como o Espuma, usufruir.

Outra personagem que se destaca neste romance é AvóCatarina, irmã de AvóAgnette. Sua presença, transitando entre o mundo dos vivos e dos mortos, confere à obra, um quê de mistério e dúvida sobre sua real condição. Todos na praia acreditam que AvóCatarina está morta, mas algumas pessoas, o menino narrador e a AvóNhé, especialmente, ainda interagem com ela.

Sempre com o seu ritual de abrir e fechar janelas, a personagem é discreta, reclusa e não aparece para quase ninguém: “Não gosto de aparecer aos estranhos, meu querido [...]”.²⁸¹ O verbo “aparecer”, inclusive, é recorrente quando se trata desta personagem. Seu recolhimento, entretanto, coloca em questão a sua condição. Embora ela interaja no espaço da casa, fora dali, ninguém a vê, fato que permite concluir que ela já está morta.

Ela não gostava de falar com muita gente nos últimos anos e mesmo a AvóDezanove também não gostava muito que as crianças dissessem que tinham estado com a AvóCatarina à hora do mata-bicho ou outra hora qualquer.

-Mas por quê, a AvóCatarina fala sempre conosco. Não podemos contar isso a ninguém, por quê?

-Porque não.²⁸²

Suas colocações, no entanto, são sagazes e diretas, como se o fato de ela já estar morta lhe conferisse autoridade para dizer verdades que os vivos não podiam dizer, a morte lhe permitia ser livre em sua fala, além da autoridade que já possuía por ser mais-velha:

-No céu cabe tanta chuva, Avó?

-São os mortos a chorar ou a rir. Anda a morrer muita gente.

-Não assustes os miúdos, Catarina - a AvóAgnette pediu.

-As crianças não têm medo da verdade. A chuva limpa o mundo. Vou lá acima fechar as janelas.²⁸³

Sempre a falar em caixões e morte, Catarina, credo! - a AvóAgnette não gostava.

-A morte é a nossa próxima casa, Agnette.²⁸⁴

²⁸¹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 49

²⁸² Idem, 2009. p. 144.

²⁸³ Idem, 2009. p. 18.

²⁸⁴ Idem, 2009. p. 35.

-Ainda de luto Dona Catarina? - perguntava a vizinha Dona Libânia.
-Enquanto a guerra durar no nosso país, comadre, todos os mortos são meus filhos.²⁸⁵

Avó Catarina é citada ou participa de diálogos que denunciam as questões sociais importantes e, constantemente, ela se mostra detentora de uma sabedoria incomum, comprovando a autoridade, o que exemplifica o que Halbwachs²⁸⁶ já afirmou sobre o papel importante que os avós desempenham na transmissão da memória coletiva aos mais jovens:

-Mas tão toda a hora a falar nesse novo bairro, deve existir.
-E a paz, existe?
-Ahn?
-É que tão toda a hora a falar na paz, mas que eu saiba a paz não existe. Pergunta a tua Avó Catarina que fala com os mortos...
-Não gosto de conversas de mortos logo de manhã. - a Charlita pediu.²⁸⁷

Ao sair para visitar o cemitério antes da cirurgia da Avó Agnette, na companhia do neto, Avó Catarina adverte que a irmã deve contar a verdade ao neto, que as crianças devem saber da verdade. Quando chegam ao local, o menino repara que há mais uma pessoa enterrada no túmulo do Avô, mas ele não consegue ler o nome.

-Eu vi lá dois nomes, Avó.
-Eu sei, filho.
-Está outra pessoa lá enterrada, Avó?
-Está.
O meu coração nesse momento fez um silêncio grande. Eu olhava a Avó Nhé nos olhos bonitos dela, a cara dela me dizia que eu podia continuar a fazer mil perguntas que ela ia me responder, mas o meu coração me calou, me tirou as palavras da boca e fiquei sem mais perguntas para fazer. Assim só.²⁸⁸

Somos induzidos a pensar que o outro nome escrito no túmulo é o de Catarina, mas, mais uma vez, permanece a dúvida. O menino, por outro lado, também se esquiva

²⁸⁵ ONDJAKI. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 11.

²⁸⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990.

²⁸⁷ ONDJAKI. *Avó Dezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 58.

²⁸⁸ Idem, 2009. p. 82

de saber a verdade. Passado um tempo, porém, enquanto dormiam a cesta, o menino se levanta e não vê mais a AvóCatarina:

-AvóCatarina? - as palavras me saíram dos lábios devagarinho, e não houve resposta.

Nunca mais houve resposta. Nunca mais a AvóCatarina apareceu. Não me disse adeus, nem me avisou que já não podia mais falar comigo, nem que fosse às escondidas, sem eu dizer a ninguém. Deve ser porque a AvóCatarina não gosta mesmo de despedidas. Ela sempre dizia: “é que antigamente, as pessoas eram pessoas de chegar. Não sabíamos fazer despedidas”.²⁸⁹

Esse rompimento se dá no momento em que o menino vai sair para explodir o Mausoléu e salvar a Praia do Bispo. Neste momento decisivo, a Avó não está mais presente para impedi-lo ou aconselhá-lo, o que sugere um amadurecimento do narrador diante das situações que enfrentava. Mas ele busca refúgio na sua memória e nos ensinamentos que a Avó lhe transmitiu:

Comecei a puxar lembranças com momentos ou conversas da AvóCatarina para ver se depois ela entrava no quarto a qualquer momento, mas nada.

-Tu sabes coisas do futuro, AvóCatarina? - um dia perguntei-lhe quando ela se sentou ao meu lado na mesa do mata-bicho.

-O futuro está cheio de coisas difíceis a acontecerem de modo cada vez mais diferente. Gosto mais de adivinhar o passado.²⁹⁰

Por essa fala da Avó, é possível concluir que ela já sabia da possibilidade daqueles grandes acontecimentos se concretizarem, o que dá ao menino, o aval para que concluísse o seu plano de livrar o bairro da destruição.

Quem concretiza esse ato, entretanto, é Bilhardov, outra personagem que irá transitar por espaços inesperados na narrativa. A princípio, é mais um soviético, que, embora mantenha certa relação com a família da AvóAgnette, não desperta muita simpatia. Mas, percebemos que ele se torna mais do que isso. A começar por ser uma das únicas pessoas de fora do núcleo da casa a interagir com AvóCatarina, demonstrando que sua composição não é tão simples, como somos levados a pensar.

²⁸⁹ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 143.

²⁹⁰ Idem, 2009. p. 143-144.

“Bilhar dov nã esquece converse com sua irmã Catarina muito divertide na seu segredo misterioso de só aparece quando quer.”²⁹¹

Há, também, o fato de ele buscar restos de comida em segredo e, ao fim, na sua carta, revelar que aquela comida era para o jacaré do EspumaDoMar, o que faz com que ele, um estrangeiro, não só compartilhe das memórias do lugar, mas as perpetue. Seu espaço, no texto, se torna amplo, notamos que ele esteve presente em muitos momentos da narrativa e que trabalhava no mesmo plano dos meninos, e tem, até mesmo, o cuidado de colocar sal na dinamite para gerar o efeito colorido da explosão.

Mais do que isentar as crianças da culpa pela explosão, ele as ajuda, salva a Praia do Bispo e seus moradores e não fica para ver o resultado ou esperar que lhe agradeçam.

Em *Bom dia camaradas*, o narrador nos apresenta a Tia Dada. Esta personagem é, também, fundamental para a afirmação da diferença entre Angola e Portugal. É através da tia que podemos perceber esse contraste e acompanhar os passos que a ex-colônia dá depois da independência.

Todas as estórias, a estrutura da cidade, os costumes e os lugares são apresentados a ela e, sempre que possível, o menino pergunta, num tom de comparação e curiosidade sobre Portugal: “-Tia, em Portugal, quando o vosso presidente passa, vocês não saem do carro?”²⁹²; “-Tia, Portugal já tem um foguetão?”²⁹³, “-Tia, em Portugal tem um blindado assim, pendurado num largo?”²⁹⁴

Por sua presença, podemos acompanhar Luanda se reconstruindo e conhecemos mais sobre os monumentos e as estórias. A curiosidade também vem da tia em relação a Luanda:

Depois a tia Dada me perguntou coisas de Luanda, como era na escola, se eu gostava dos professores, o que aprendíamos, como eram os professores cubanos, etc. E achei muito engraçada a cara de espanto que ela fez quando lhe contei que ali em Luanda havia muitos bandidos, mas que era uma profissão perigosa.²⁹⁵

Os professores cubanos, figuras fundamentais na reconstrução de Luanda, igualmente, transitam no ambiente escolar, nas casas e participam ativamente do

²⁹¹ Idem, 2009. p. 177.

²⁹² ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 57.

²⁹³ Idem, 2006. p. 53.

²⁹⁴ Idem, 2006. p. 62.

²⁹⁵ Idem, 2006. p. 58.

processo de formação de identidade das crianças. Percebemos essa influência tanto no trato com os alunos – como verdadeiros amigos – quanto na língua, no incentivo à luta e, sobretudo, no exemplo de humanidade que dão: “Mas estavam lá os camaradas professores Ángel e María, o Cláudio, a Petra, a Luaia, a Kali, eu e o Bruno. Estava um bom ambiente, embora devo dizer que continuava no ar aquele cheiro da despedida...”²⁹⁶.

Relembrando, ainda mais uma vez, o pensamento de Lefebvre, concluímos que, também, na narrativa, são as personagens que, imitando a vida, transformam o espaço em que vivem, constroem e reconstroem identidades e memórias.

3.6. O verbo que suaviza a denúncia

Depois de percorrermos os espaços e conhecermos algumas estórias de Luanda, é importante dedicarmos atenção a um aspecto que não pode passar despercebido: a forma lírica como estes romances são construídos. Ao escolher um menino como narrador, num contexto como o desses dois romances, já percebemos a mudança no tom das falas, das observações, o que faz com que o texto ganhe em estética e se torne mais livre para denunciar as mazelas vividas naquela cidade, sem perder a criticidade, a sagacidade e a ironia.

Não vamos, entretanto, nos ater, agora, às denúncias, mas ao lirismo. Já sabemos que se trata de um menino narrador bastante peculiar. O que não é peculiar são as travessuras que ele e seus amigos fazem. Mas, de fato, a essência desse narrador chama a atenção por demonstrar uma sensibilidade que ultrapassa os limites da crítica. Suas sensações são inseridas ao longo da narrativa, de modo que ameniza e proporciona ao leitor descanso durante os conflitos ou o prepara para acompanhar outras ações.

Em *AvóDezanove*, conhecemos a personagem Charlita, que dividia os óculos com as irmãs e sem os quais não enxergava bem. Diante disso, o menino deseja, um dia, poder ver como a amiga: “-Eu ainda um dia quero ver essas manchas, devem ser tipo aguarelas.”²⁹⁷. A curiosidade em ver como a Charlita via, confere à personalidade

²⁹⁶ Idem, 2006. p. 110.

²⁹⁷ ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 14.

do menino, não só empatia, mas um anseio em ver o mundo de outra forma, de quantas formas for possível.

As interações dele com o ambiente em que vive, também, assinalam sua peculiaridade. Neste sentido, os jardins, as árvores e os bichos ganham sua atenção:

Pelo menos aqui em Luanda, na minha casa, com este jardim, noite tem cheiro. [...] Se isto que eu vou dizer existe, então aquela noite tinha um cheiro quente, que pode ser uma coisa, imaginem, onde se ponham rosas muito encarnadas, folhas de trepadeiras com um bocadinho de poeira, muita relva, barulho de grilos, barulho de lesmas a andar em cima da baba, barulho de gafanhotos, um só barulho de cigarra, um cacto pequeno, fetos verdes, duas folhas grandes de bananeira e um tufo enorme de chá de caxinde, assim tudo bem espremido, eu acho que ia sair o cheiro desta noite.²⁹⁸

A sinestesia é figura constante nestes textos como também são constantes esses momentos de silêncio e observação da vida ao seu redor. Podemos entendê-los como momentos de construção de memórias. Até em situações desconfortáveis, o menino consegue manter o bom humor e atribuir cheiros e temperaturas às suas lembranças:

Estava muito calor, e lembro-me de ter sentido uma vez mais aquele cheiro assim generalizado de catinga. O tipo de cheiro muitas vezes também me dizia que horas eram... Mas aquele quente-abafado misturado com peixe seco queria dizer, isso sim, que tinha chegado um voo nacional. Não ia ao aeroporto muitas vezes, mas estas coisas todo mundo sabia, ou melhor, cheirava. Fingi que estava a limpar o suor da testa com a manga da t-shirt e aproveitei para cheirar o meu sovaco. “Podia estar pior...”, pensei.²⁹⁹

Através do armazenamento de sensações e visões que o menino agrega às suas observações, já pode, até mesmo, identificar situações e locais acessando a memória.

Esta prática, contudo, de observar cheiros, gestos, cores e tudo quanto for possível, revela que algumas coisas são permanentes, como o cheiro de um voo nacional, ao passo que outras, estão em constante mudança, como o movimento de seu jardim. Essas mudanças constantes e a ideia do inacabado são sugeridas pelas reticências que aparecem em abundância, sobretudo, em *Bom dia camaradas*.

A atenção do menino para com as pessoas e situações trazem situações que enriquecem a narrativa. Suas conclusões são, frequentemente, inusitadas, sagazes e

²⁹⁸ _____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 99.

²⁹⁹ ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 39.

regadas com um quê de Manoel de Barros, seja ao criar neologismos – que ele faz em abundância: “desplodir”; “rastinho de pólvora”; a cor “verzul”, o “catingov”, “sovacov”, “segredov” que pegam emprestado da língua dos soviéticos, entre outros – seja para descrever algo ao seu modo:

“inventamos gritos azuis”

Alguém ia dizer mais tarde, mas para mim eram um monte de vozes a imitar os nós da rede do VelhoPescador, gritos todos afogados de não conseguirem fazer outro barulho que não aquela imitação mal conseguida das vozes das conchas quando estão perto dos nossos ouvidos a dizer, sem pararem, os segredos antigos que o mar nunca quer contar, e foi a olhar para o riso dos outros, a ouvir os gritos azuis deles, que quis lembrar outra frase que o EspumaDoMar tinha dito, mas não consegui falar com a boca toda molhada [...] ³⁰⁰.

A cor verzul da Praia que o menino apresenta para a tia, em *Bom dia camaradas*, torna-se azul, em *AvóDezanove*. Sempre remetendo ao mar ou ao céu, esta cor, que referencia os peixes e os pássaros, também são recorrentes, nesta obra, como vemos já na epígrafe:

-Gritos azuis? Nunca ouvi falar.

-São palavras gritadas no fundo do mar, as crianças é que sabem. Os pássaros também.

-E os peixes?

-Os peixes ainda não sabem gritar bem. Devem ser de outra cor, as palavras dos peixes.

-Tu já gritaste no fundo do mar?

-Tantas vezes. Queres experimentar? ³⁰¹

Os tais gritos azuis aos quais o leitor é convidado são concretizados ao final da narrativa, como parte da catarse pela explosão do Mausoléu. Tanto este acontecimento, que fecha a obra *AvóDezanove e o segredo do soviético*, quanto a chuva que encerra *Bom dia camaradas*, são fatos que marcam mudanças. A dúvida que permanece sobre o que virá depois que o Mausoléu foi explodido e a dúvida sobre o que virá depois do fim da guerra civil, revelam que a narrativa de Luanda, assim livre, só está começando. Depois destas obras dos Anos 80, seguem outras, felizes, realistas, tristes, mas, sobretudo, reafirmando a nova identidade angolana e contribuindo para a consolidação de sua literatura.

³⁰⁰ _____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 174-175

³⁰¹ Idem, 2009. (Epígrafe)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática da identidade, desde o início da era moderna, vem sendo trabalhada e, à medida que avança no tempo, esbarra em obstáculos que dificultam a sua definição enquanto elemento consolidador do sujeito. Sendo assim, cada vez mais fragmentada, e envolta em um espaço constantemente mais rápido e mais conturbado, como o dos tempos atuais, termina por se tornar um fator que angustia e que se torna objeto de busca interminável.

Neste sentido, as transformações políticas e ideológicas da ex-colônia angolana exemplificam como se delineiam, simultaneamente, esta incessante procura e revelam como se configura o processo de formação da nação, com uma identidade própria, marcada, sobretudo, pela diferença entre o seu povo e seu antigo algoz.

No caso de Angola, entretanto, assim como o de tantas outras ex-colônias, soma-se à busca por uma identidade própria, uma mudança de governo que mantém o poder e que comanda, após a independência, um novo conflito entre os próprios angolanos. Mais uma vez, e de maneira bastante intensa, a consolidação da identidade deste povo, se detém em barreiras que acrescentam mais dificuldade a esta busca.

Partindo dos romances *Bom dia camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético* e a partir dos apontamentos feitos neste texto, observamos algumas questões que permeiam o cenário de Luanda no período da guerra civil angolana. Uma delas é reconstrução de seu espaço e de seus monumentos. Não raro, vemos impostas algumas obras, algumas estátuas e um discurso pautado no desenvolvimento e no progresso da cidade, capital, sede do governo e cenário das narrativas de Ondjaki.

Tento em vista, porém, que a memória é o elemento que une o espaço e que o torna significativo, a ausência dela, por conseguinte, deixa de identificar o indivíduo ao espaço em que vive. As diversas obras pelas quais a cidade passa, – como as que eram promovidas porque o presidente por ali transitava – exatamente por serem realizadas, em sua maioria, em benefício do governo, não eram vistas com bons olhos e, acima de tudo, não representam a nova identidade angolana. Podemos concluir, portanto, que a tríade – identidade, memória, espaço – se configura de modo a auxiliar no processo de formação do sujeito angolano.

Em contrapartida, se não há memória a que se possa recorrer, os espaços não conseguem, por si só, serem incorporados ao espaço de Luanda e passam a ser, inclusive, motivo de zombaria ou alvo de ataques.

O amadurecimento da nação angolana, possibilita, e isto se torna evidente nos dois romances aqui analisados, o entendimento da população de Luanda em relação à sua situação política. Percebemos, então, que a identidade sem o amparo da memória que aqueles espaços não fornecem, busca se sustentar, novamente, pela diferença. Se antes, as marcas da diferença eram pautadas entre o colonizador e o colonizado, elas são, agora, embasadas na diferença entre os próprios angolanos, que se tornam capazes de reconhecer os jogos de poder que continuam a prevalecer no país independente.

Esta diferença também é demarcada pela presença do *outro*, mas Ondjaki, “ao apostar mais pelas verdades bonitas, em torno da ternura, que nas verdades que fossem buscar dores”³⁰², nos mostra que a diversidade de culturas trazidas pelo estrangeiro pode ajudar e engrandecer na reconstrução da cidade, conforme observou Roberta Franco, sobre os professores cubanos, personagens de *Bom dia camaradas*:

Já no momento do pós-independência, esse outro é figurado pelos professores cubanos, ou seja, agora o outro é aquele que colabora para a construção do país. Assim, os cubanos também representam a força que vem de fora, depois de um longo período de rejeição do outro, no caso, os portugueses.³⁰³

Mesmo os soviéticos, de *AvóDezanove*, apesar de acentuarem o autoritarismo do governo, terminam por fazer do camarada Bilhardov, uma espécie de herói, que se arriscou em prol da preservação da Praia do Bispo, espaço significativo para a memória coletiva dos moradores dali.

Mesmo que suavizada pelo viés da infância, não é difícil perceber as denúncias nas entrelinhas. Talvez, justamente, por isso, podemos ver mais nítida a crítica e as ironias que algumas situações promovem. Por esse olhar, ingênuo e minucioso, confirmamos que o espaço social é um produto social”³⁰⁴, conforme definiu Henri

³⁰² FRANCO, Roberta Guimarães. *Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana*. Niterói: Eduff, 2016. p. 67.

³⁰³ Idem, 2016. p. 68.

³⁰⁴ LEFEBVRE, Henri. *Apud*. Christian Schmid. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. Trad. Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. In: *GEOUSP – espaço e tempo*. São Paulo: n.32, p. 89 – 109, 2012.

Lefebvre. A vivência naqueles espaços é que faz deles espaços com os quais os indivíduos se identificam.

Através do estudo destas duas obras de Ondjaki, pudemos, também, confirmar o que Milton Santos enfatizou a respeito do processo desestruturado e acelerado da globalização. O plano de dinamitar o Bairro da Praia do Bispo, de privatizar praias e construir o novo bairro, exemplifica essa globalização desmedida, que um país recém independente como Angola, não necessitava naquele momento. O Mausoléu, um monumento que forja uma memória coletiva, não atinge o povo porque não tem valor significativo.

O que ocorre na ficção, entretanto, não é, certamente, a realidade. Mas a narrativa nos mostra a luta e a transformação que são produzidos através da memória e da verdadeira identificação.

Se concordamos, como dissemos anteriormente, com o pensamento de Lefebvre, vemos que as personagens desses romances, as crianças, principalmente, ao entenderem que integram o espaço social e que, mais do que isso, são parte essencial para que haja, de fato, um espaço social, se tornam mais conscientes de seus direitos e vão à luta para transformar o lugar que, legitimamente, os identifica.

E, seguindo nesta linha, se nós, leitores, entendemos que a literatura, como definiu Bakhtin, não é neutra, não é isenta e que o autor sempre faz inferências no seu texto, podemos tomar como exemplo a coragem ingênua das crianças desses romances e almejar, através da memória promotora da identidade, simultaneamente, tão desejada e tão distante, a transformação de outros espaços, agora, fora do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Fernando Costa. “Motivo”. In: *Poesia com armas*. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

ASSIS, Angelo Adriano Faria de. “As malhas que a memória tece: Mercadores cristãos-novos e as redes sociais de comércio entre Portugal, Brasil e sudeste asiático na idade moderna. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria de. et al. (org.) *Tessituras da memória: ensaios acerca da construção e uso das metodologias na produção da História*. Niterói: Vício de leitura, 2011. p. 194.

AUGÉ, Marc. Apud SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. In: *Tempo social*. Revista de sociologia da USP. Vol. 26, n. 2. p. 209-229, nov. 2014.

_____. *Não-lures: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papius, 2008. 7. ed.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danese. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 2.ed.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998.

BITTENCOURT, Marcelo. “Modernidade e atraso na luta de libertação de Angola”. In: REIS, Daniel Aarão; ROLLAND, Denis (org.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 277-294.

_____. *Dos jornais às armas: trajetórias da contestação angolana*. Lisboa: Veja, 1999.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: introdução à toponálise*. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007. 188 p.

BORGES, Jorge Luis. *Elogio da sombra: poemas; Perfis: um ensaio autobiográfico*. Tradução: Carlos Nejar, Alfredo Jacques e Maria da Glória Bordini. Rio de Janeiro: Globo, 1985. 3.ed.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006

_____. *Variiedades da história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 2000. 4. ed.
- CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000. 6. ed.
- _____. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva; 2007. 11. ed.
- CASTELLO, Claudia. *Passagens para a África: o povoamento de Angola e Moçambique com naturais da metrópole*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.
- CHAVES, Rita. “Narrativa, harmonia e exclusão: Ondjaki e os da sua terra”. In: FONSECA, Maria Nazaré Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira (Orgs.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Ed. PUC MINAS, 2012. p. 312-330.
- CHAVES, Rita. *A formação do romance angolano*. São Paulo: FBLP, 1999.
- COUTO, Mia. “As visitas de Ondjaki”. In: ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006. (prefácio da obra).
- EVERDROSA, Carlos. *Roteiro de Literatura angolana*: Lisboa: Edições 70, 1979.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- FEITOSA, Márcia Maria do Nascimento. *Palavra: uma arma eficiente de denúncia e luta pela construção da identidade*. Uma leitura de Regresso Adiado, de Manuel Rui. (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro: PUC, 2009.
- FERREIRA, Manuel. “A libertação do espaço agredido através da linguagem”. In: VIEIRA, Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Amadora: Bertrand Venda Nova, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002. 28. ed.
- _____. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado (org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 4. ed.
- FRANCO, Roberta Guimarães. *Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana*. Niterói: Eduff, 2016.
- _____. Roberta Guimarães. *Ondjaki e a escrita otimista de uma nova geração*. In: SECCO, Carmen Tindó; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa.. (Org.). *África & Brasil: letras em laços (vol 2)*. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2010, p. 275-289.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da pós-modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA. 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A editora. 10.ed

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-Tinhoso*. Lisboa: Afrontamentos, 2000. 5. ed.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LARA, Alda. “Rumo”. In: *Poemas*. 4.^a ed. Porto: Vertente, s/d.

LARANJEIRA, Pires. Literaturas africanas de expressão portuguesa. (vol. 64), Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p.36-43.

LEFEBVRE, Henri. apud. Christian Schmid. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. Trad. Marta Inez Medeiros Marques e Marcelo Barreto. In: *GEOUSP – espaço e tempo*. São Paulo: n.32, p. 89 – 109, 2012.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. Tradução: Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 2. ed.

MACÊDO, Tania. Luanda, cidade e literatura. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MARX, Karl; ENGELS Friedrich. *Manifesto Comunista*. Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2003.

MATTA, Inocência. “A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comuns”. In: LEÃO, Ângela (org.). *Contatos e Ressonâncias – Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2003 p. 43-72.

MATTOS, Norton de. Apud MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

MERCER, 1990. Apud HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. DP&A Editora. 10. ed.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. São Paulo: PUC, 1993.

ONDJAKI. “Nós choramos pelo cão tnhoso”. In: *Os da minha rua*. Editorial Caminho, 2007.

_____. “Palavras para o velho abacateiro”. In: *Os da minha rua*. Editorial Caminho, 2007.

_____. *A bicicleta que tinha bigodes*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

_____. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

_____. Apalpar manhãs. In: *Materiais para a confecção de um espanador de tristezas*. Editorial Caminho, 2009.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre Voz e Letra: O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1995.

PÉLISSIER, René; WHEELER, DOUGLAS. *História de Angola*. Tradução: Pedro Gaspar Serras Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Tinta da China, 2016. 6. ed.

PEPETELA. *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

_____. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.

PESSOA, Fernando. “Mar português”. In: *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934. (Lisboa: Ática, 1972. 10. ed.).

GIDDENS, Anthony. *As consequências da pós-modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOUVEIA, Davi da Silva. *O espaço em terra de Caruaru: uma topoanálise dos principais ambientes da obra de José Condé*. Paraíba: UFPB, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.] Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARINHO, Maria de Fátima. A construção da memória. In: *Veredas*. Revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Vol. 10. Santiago de Compostela, 2008. p. 135 – 148.

RUFFATO, Luiz. “Bom dia, camarada leitor brasileiro!”. In: ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006, p. 9-13 (Apresentação da obra)

_____. *Sim camarada!*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985. p. 102-103.

SÁ, Celso Pereira de. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 09, número 14, 2012 ISSN 1676-2924.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 4. ed.

_____. *Técnica espaço tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. Editora Hucitec. 1994. 2. ed.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória Coletiva & Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. 15. ed.

SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*. Lisboa: Edições Cotovia [edição original de 1949, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil]. 2008. p. 247.

TEIXEIRA, António Pinto. A colonização em Angola. In: *Boletim da agência geral das colônias*, 1929. P. 99 – 115.

VIEIRA, Luandino. “A fronteira de asfalto” In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

VIEIRA, Luandino. “Literatura Angolana: estoriando a partir do que não se vê”. In: PADILHA, Laura Cavalcante; RIBEIRO, Margarida Calafate (orgs). *Lendo Angola*. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 31 – 37.

VON MARTIUS, Carl Friedich Philipe (jan. 1845) *Como se deve escrever a história do Brasil*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 6 (24), p. 381-403.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ARISTÓTELES. *A Poética*. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b2.pdf>. >Acesso em: 17/08/2016.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/> > Acesso em: 22/06/2016.

GULLAR, Ferreira. Entrevista concedida a Vivi Fernandes de Lima e Rodrigo Elias. Disponível em: www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ferreira-gullar. > Acesso em: 14/07/2016.

HEINE, Heinrich. “O tédio”. Disponível em: <http://freudexplicablog.blogspot.com.br>. >Acesso em: 11/06/2016.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. TupyKurumin: Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf > Acesso em: 28/08/2016.

LEMONNIER, Anciet Charles Gabriel. *No salão de Madame Geoffrin*. Óleo sobre tela, 126 X 195 cm. Chateau du Maumaison, Rueil, França, 1812. Disponível em:

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/a_encyclopedia_recenseamento_do_saber. > Acesso em: 13/06/2016.

NETO, Agostinho. Adeus à hora da largada. Havemos de voltar. Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org> > Acesso em: 28/10/2016.

PESSOA, Fernando. “Liberdade”. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/liberdade-fernando-pessoa> > Acesso em 13/07/2016.

RUI, Manuel. *Eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, Brasil, 23/05/1985. Disponível em: ricardoriso.blogspot.com.br.* > Acesso em: 14/08/2016.

_____. *Quem me dera ser onda*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VERELA, Raquel. *As causas da Revolução dos Cravos*. Disponível em: raquelcardeiravarela.wordpress.com. Acesso em: 11/08/2016.

www.angolnoticias.com/artigos > Acesso em: 21/12/2016

www.verdade.co.mz > *O futuro d’Angola* (Luanda), 8 de abril de 1882. > Acesso em: 11/01/2017.

http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/Colonialismos_descolonizacoes_e_crisis_na_Africa__protegido.pdf > Acesso em: 21/11/16